

SÍLVIA BRAGATTO GUIMARÃES

**A CONSTRUÇÃO DE FACE E A (IM)POLIDEZ LINGUÍSTICA EM
ENTREVISTAS DE VEJA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de mestre - Mestrado em Estudos Linguísticos. Área de concentração: Texto e Discurso.

Defesa da dissertação: 04 de março de 2010

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria da Penha Pereira Lins
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a Dr^a Aurélia Leal Lima Lyrio
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^o Dr^o Paulo de Tarso Galembeck
Universidade Estadual de Londrina

À minha família e aos meus amigos

A máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas.

(Robert Ezra Park)

AGRADECIMENTOS

À orientadora, professora doutora Maria da Penha Pereira Lins, pelo conhecimento compartilhado nessa jornada de pesquisa e pelo incentivo e apoio nas minhas decisões acadêmicas.

Aos membros da banca do exame de qualificação, professor doutor Paulo de Tarso Galembeck e professora doutora Hilda de Oliveira Olímpio, pelas valiosas sugestões.

Aos membros da banca da defesa, professor doutor Paulo de Tarso Galembeck e professora doutora Aurélia Leal Lima Lyrio, que muito gentilmente cederam seu tempo para a leitura deste trabalho.

À CAPES, cujo apoio financeiro foi fundamental para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Entrevistas são interações do tipo face a face em que o entrevistado e o entrevistador interagem verbalmente expondo, ambos, sua auto-imagem social (face). Dessa forma, os envolvidos na interação verbal correm sempre o “risco de exhibir o que desejam ver resguardado e deixar de colocar em evidência o que têm a intenção de mostrar” (GALEMBECK, 1999, p. 173). Para que isso não ocorra, os interlocutores da conversação adotam estratégias que proporcionam controle da construção de face, podendo ocorrer a preservação ou ameaça da auto-imagem, dependendo das exigências do contexto de interação. A preocupação com a imagem social sempre acompanha os indivíduos, e esse fenômeno pode ser claramente observado em entrevistas.

Neste estudo, focalizamos o contexto de interação verbal em entrevistas a figuras do cenário político nacional pela revista *Veja*, publicadas nos anos de 2008 e 2009. Analisamos, nessas entrevistas, como as faces (face positiva e face negativa) envolvidas na conversação, do entrevistado e do entrevistador, são construídas, mantidas e ameaçadas pelos próprios interlocutores, por meio do uso ou não uso de estratégias linguísticas de polidez, incluindo os marcadores de atenuação (ROSA, 1992). As principais questões que norteiam nosso estudo são: quais as estratégias de polidez utilizadas na interação? Quais as motivações da não utilização de polidez na fala do entrevistado e do entrevistador em momentos da interação? O que o “perder a face” significa para cada um dos envolvidos na interação? Se a posição que cada um, entrevistado e entrevistador, ocupa nesse espaço de interação (espaço que exige confronto) não é de igualdade, será que ambos terão atitudes polidas, ou seja, protegerão suas faces?

PALAVRAS-CHAVE: Face, (Im)Polidez, Interação, Entrevista.

ABSTRACT

Interviews are face to face interactions in which the interviewer and the interviewee interact verbally exposing, both, their social self image (the face). Thus, the one involved in the verbal interaction always incurs in the risk of showing what is not wanted and not what is intended to show. To prevent this from occurring, the interlocutors of the conversation adopt strategies that provide the control of the face building , in a double game of preservation and threatening of the self image. The concern to preserve the social image always accompanies individuals, and this phenomenon can be clearly seen in interviews. In this study the focus is in the verbal interaction context in interviews from personas of the national politics to *Veja* magazine, published in 2008 and 2009. It's analyzed, in these interviews, how the faces (positive face and negative face) enrolled in the conversation, both interviewer and interviewee, are built, kept and threatened by the interlocutors themselves, by the use or not of linguistics strategies of politeness. The key questions that guide this study are: which politeness strategies are used during the interaction? What are the reasons for not using politeness in the speech of both interviewer and interviewee during the interaction? What does "losing the face" means to each involved in the interaction? If each one's position, interviewer and interviewee, occupies in this interactions space (where the confrontation is demanded) is not of equality, is it that both will have polite attitudes, protecting their faces?

Key words: face, politeness, interaction, interview

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	07
LISTA DE QUADROS.....	08
INTRODUÇÃO.....	09
1. PERCURSO PELA PRAGMÁTICA.....	15
1.1 Correntes da Pragmática lingüística.....	16
1.2 Questões que dificultam a delimitação da Pragmática.....	17
1.3 O que é, afinal, Pragmática?.....	18
1.4 Noção de face: Goffman (1967).....	19
1.5 Categorias do comportamento: Lakoff (1975).....	21
1.6 Atos de Fala: Austin (1975).....	22
1.7 Princípio da Cooperação: Grice (1982).....	23
2. TEORIA DA POLIDEZ LINGÜÍSTICA: BROWN E LEVINSON (1987).....	25
2.1 O desmembramento do conceito de face.....	25
2.2 A relação entre atos de fala e atos ameaçadores de face.....	26
2.3 Estratégias de Polidez.....	27
2.3.1 <i>On-record</i>	30
2.3.1.1 Polidez positiva.....	30
2.3.1.2 Polidez negativa.....	32
2.3.2 <i>Off-record</i>	33
3. OUTROS MODELOS DE POLIDEZ LINGÜÍSTICA.....	36
3.1 Rosa (1992) e Galembeck (1999; 2008).....	36
3.2 Watts (2003) e Locher (2004).....	40
3.3 Kerbrat-Orecchioni (2005).....	40
3.4 Terkourafi (2005).....	42
4. O GÊNERO ENTREVISTA JORNALÍSTICA.....	44
5. METODOLOGIA.....	49

5.1 Definição do <i>corpus</i>	50
6. A CONSTRUÇÃO DE FACE E A POLIDEZ LINGUÍSTICA EM ENTREVISTAS DE VEJA.....	52
6.1 Estratégias de polidez positiva.....	52
6.2 Estratégias de polidez negativa.....	61
6.3 Estratégias de polidez indireta.....	68
6.4 Ameaça à face positiva.....	76
6.5 Ameaça à face negativa	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Possíveis estratégias para realizar um FTA.....	28
Figura 2: Gráfico de estratégias: Off Record.....	35

LISTA DE QUADROS

Polidez Positiva.....	29
Polidez Negativa.....	31
Polidez Indireta	33
Tipos de Marcadores de Atenuação.....	36

INTRODUÇÃO

A interação verbal entre as pessoas está presente em nosso dia-a-dia, é uma prática corriqueira e ao mesmo tempo constitutiva da realidade. Ela se manifesta em conversas, diálogos, telefonemas, bate-papo na internet, discussões, debates e entrevistas a que assistimos, que acabamos por não refletir acerca da complexidade deste fenômeno. Diferente do que muitos pensam, as interações cotidianas seguem regras e normas, apresentam uma sistematicidade quanto ao comportamento das pessoas. Em outras palavras, “a conversação não é um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado e por isso mesmo passível de ser estudado com rigor científico” (MARCUSCHI, 2007, p. 7). Para quem analisa uma interação, essa sistematicidade pode ser percebida no plano visual pela recorrência de gestos e pela postura dos participantes e no plano lingüístico, pela maneira como ocorre a troca de turno, pelas marcas de polidez ou pela falta dela. Os participantes (quem fala para quem), a referência (acerca do que se fala), o espaço (em que lugar), o tempo (em que momento) e a maneira como os interactantes sustentam a interação que está em jogo definem o contexto interacional (RIBEIRO; GARCÉZ, 2002), grande responsável por ditar as regras das interações comunicativas.

Porém, apesar de a situação interacional ser uma prática altamente comum, ela põe em evidência a imagem social das pessoas, e expõe algo que, muitas vezes, não se quer exibir. É a partir dessa linha de pensamento, da idéia de que interagir é estar exposto e vulnerável ao julgamento do outro, que surge a noção de *face*.

O sociólogo Goffman (1975), autor de maior realce nos estudos da *face*, considera as interações uma espécie de ritual em que as pessoas negociam suas imagens nos encontros sociais, podendo criar, manter ou perder a *face*. A *face*, portanto, é um construto social. E, socialmente, todos têm uma imagem a zelar, manter, salvar. Os indivíduos, para o autor, agem calculadamente na presença física uns dos outros, mesmo que inconscientemente, de forma dissimulada, sem que isso seja negativo. É que, socialmente, muita coisa está em jogo, não se podendo agir de qualquer forma. Em outras palavras,

queremos dizer que essa preocupação com a face é algo muito natural, pois as máscaras fazem parte de nós, e muito se pode saber de alguém por meio de sua intenção em manter ou construir uma determinada face. Nas palavras de Park, a

máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas (apud GOFFMAN, 1975, p. 27).

Aliados à noção de face, os estudos da polidez lingüística ocupam lugar de destaque nesta pesquisa, em especial o desenvolvido por Brown e Levinson (1987), que complementam a teoria da auto-imagem social ao considerar a polidez lingüística como um sistema complexo de estratégias que as pessoas adotam com o intuito de evitar situações de descompasso na interação, distanciando os atos ameaçadores de face, afinal “a possibilidade de conflito é permanente e a realidade está sempre sendo negociada entre atores que apresentam interesses divergentes” (VELHO, 1978, p. 41).

Esta pesquisa tem um olhar peculiar em relação à linguagem, ao discurso, aos envolvidos na interação e ao contexto, olhar construído a partir dos princípios da Pragmática. A partir dessas escolhas teóricas, concebemos a linguagem como atividade entre indivíduos sociais, constituída no contexto de interação. Os usuários da linguagem, por sua vez, são indivíduos conscientes de seus atos sociais e lingüísticos, de seus discursos, dos efeitos que querem causar com determinados atos de fala, de seus papéis sociais, de suas condutas em contextos específicos. Reconhecemos, porém, uma escala de consciência; quando dizemos indivíduos conscientes, queremos eliminar a hipótese de total manipulação do discurso por ideologias; os indivíduos agem por meio da linguagem e do discurso. Já o contexto é entendido como uma “criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional” (RIBEIRO; GARCÉZ, 2002, p. 8).

Este trabalho tem como foco observar o comportamento lingüístico - relacionado a fatores contextuais - em situações interacionais de entrevistas.

Analisar entrevistas é, de certa forma, trabalhar com a oralidade, mas o fato de as entrevistas, que compõem este estudo, serem reproduzidas na mídia

de forma escrita faz com que não tenhamos muitas informações da fala (pausas, hesitações, tom de voz) e tampouco informações visuais (gesticulação, postura). Prendemo-nos, então, ao conteúdo escrito publicado, e cremos que nele encontramos muitos indícios a respeito da preocupação com a face por parte dos interactantes e da escolha de determinadas estratégias para lidar com uma situação ameaçadora, já que pressupomos, por meio de nosso conhecimento de mundo, que nas entrevistas o espaço é de confronto, devido à invasão em temas delicados de se comentar, à imprevisibilidade de perguntas que vão surgindo do desenrolar da interação, à invasão de “território”, etc.

Uma análise deve sempre primar pela objetividade, pelo rigor científico, daí o fato de nos basearmos em teorias confiáveis, renomadas. Porém, toda análise conta também com alguma interpretação, sendo inevitável cair em subjetividades em alguns momentos da pesquisa. Concordamos com Velho (1978) ao dizer que

a ‘realidade’ (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa (VELHO, 1978, p. 42).

Admitimos, dessa forma, a impossibilidade de total neutralidade diante dos fatos observados, que vai desde a observação de fenômenos específicos até o realce de determinados trechos da interação em detrimento de outros. Mesmo acreditando nesta pesquisa, estamos cientes de que ela é só uma versão dos fatos. Descartamos, porém, a idéia de que outras versões, resultantes de outras linhas teóricas, não tragam contribuições interessantes acerca do tema aqui desenvolvido. Tentamos reconstruir a interpretação dos participantes de uma dada interação, porém, como os sentidos não se esgotam, muito se poderá concluir diferentemente da investigação feita aqui.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. Inicialmente, fazemos uma discussão acerca da pragmática enquanto área de estudo. Em seguida, ainda no primeiro capítulo, fazemos uma trajetória por teorias de maior relevância no âmbito da pragmática, como a teoria de face (GOFFMAN,

1967), os atos de fala (AUSTIN, 1975; SEARLE, 1969) e o Princípio da Cooperação (GRICE, 1982), percurso percorrido por Brown e Levinson (1987), na construção da Teoria da Polidez, que será exposta e discutida no capítulo seguinte.

No segundo capítulo, abordamos criticamente a Teoria da Polidez Linguística, discutindo os principais aspectos do modelo de Brown e Levinson (1987) e, ainda, como esse modelo se alia à teoria de face (GOFFMAN, 1967), aos atos de fala (AUSTIN, 1975; SEARLE, 1969) e ao Princípio da Cooperação (GRICE, 1982), abordados no capítulo anterior.

No terceiro capítulo, apresentamos outros modelos de polidez lingüística, por acreditarmos que eles trazem contribuições valiosas aos estudos de Brown e Levinson (1987). Dentre eles, estão as publicações de Rosa (1992) e Galembeck (2008), que avaliam o uso de marcadores de atenuação como forma de manter a harmonia interacional; de Watts (2003), com o conceito de que o comportamento polido é uma manifestação do comportamento político; de Locher (2004), que relaciona polidez e poder; de Kerbrat-Orechionni (2005) que defende que nem todos atos de fala são ameaçadores de face, havendo também os atos valorizadores de face; e de Terkourafi (2005) faz um estudo crítico que revisita teorias anteriores de polidez, postulando, a partir de modelos já existentes, seu próprio modelo, denominado “visão baseada em enquadres”.

No capítulo seguinte, discutimos algumas peculiaridades do gênero entrevista, com base em estudos de Marcuschi (2006; 2007) e de Medina (2004), para podermos analisar o comportamento lingüístico dos participantes em um contexto de interação que seja familiar e conhecido.

No quinto capítulo, tratamos dos objetivos e das hipóteses de nossa pesquisa. Apresentamos, ainda, os procedimentos metodológicos adotados para a definição, coleta e análise do corpus.

No sexto e último capítulo, a partir de todo referencial teórico citado nos capítulos anteriores, partimos para a análise, de cunho interpretativo, do *corpus* que compõe essa pesquisa, ou seja, verificamos e discutimos aspectos da (im)polidez lingüística com a finalidade de preservação ou ameaçadora de face por parte de entrevistados e entrevistadores em entrevistas a figuras políticas do cenário nacional publicadas pela revista *Veja*.

A pesquisa desenvolvida insere-se na área de linguística, e é norteadada pelas noções da Pragmática. Observamos como os envolvidos na interação verbal usam os recursos linguísticos, quais estratégias de polidez entrevistador e entrevistado utilizam ou deixam de usar na preocupação com suas faces.

A escolha do tema justifica-se pela percepção de que “o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas” (GOFFMAN, 1975, p.9), ou seja, pela percepção de que a preocupação de preservar a imagem social sempre acompanha os indivíduos, e esse fenômeno pode ser claramente observado em entrevistas.

Diante do exposto, a relevância desta pesquisa reside nos seguintes pontos: primeiramente, na necessidade de conhecer melhor e tornar objeto de estudo a interação social no contexto de entrevistas, e isso se dará pela análise do comportamento lingüístico dos interactantes. Também nos interessa saber como políticos utilizam estratégias de polidez em suas interações nas entrevistas e em suas posições públicas.

Como foi dito, utilizamos estratégias de polidez quando temos a intenção de ver respeitada a nossa face e a face de indivíduos com quem interagimos socialmente e também quando intencionamos uma interação social harmoniosa, evitando os conflitos interacionais. Porém, uma entrevista é um contexto específico de interação conversacional, em que entrevistador e entrevistado, quando em posse do turno conversacional, têm funções distintas. Uma das funções que deve ser desempenhada pelo entrevistador é a de fazer perguntas de assuntos selecionados por ele ao entrevistado, e interrompê-lo quando necessário. O entrevistado, por sua vez, deverá responder as perguntas e, apesar de não poder determinar o assunto da entrevista, ocupa posição de realce, pois é nele que os leitores da revista têm o maior interesse.

Algumas questões nos motivam nesta pesquisa: se, a posição que cada um, entrevistado e entrevistador, ocupa nesse espaço de interação (espaço que exige confronto) não é de igualdade, será que ambos terão atitudes polidas, ou seja, protegerão suas faces? Como os indivíduos irão se comportar em entrevistas que tem a função de criar polêmicas e confrontos? O que os interactantes farão para que a harmonia possa ser mantida em alguns

momentos interacionais? Quais estratégias de polidez serão mais recorrentes? Quais os interesses envolvidos no desejo de evitar o descompasso ou até mesmo no desejo de ameaçar a face do outro na interação por parte de entrevistados e entrevistadores da revista *Veja*? Será que a impolidez, assim como a polidez, não seria muitas vezes uma escolha estratégica dos participantes na interação?

Portanto, alguns objetivos centrais neste estudo são: analisar estratégias de polidez e o movimento de defesa e ameaça às faces (positiva e negativa) na interação verbal em entrevistas feitas a políticos pela revista *Veja*; fazer um amplo estudo bibliográfico acerca de teorias pragmáticas que tratem do comportamento verbal em interações sociais; conceituar o gênero “entrevista”; analisar a construção da imagem social dos envolvidos na interação face a face, levando em conta fatores como poder, distância social e normas de conduta impostas pela sociedade; observar, por meio na análise do *corpus*, como determinados grupos sociais (políticos do gênero masculino) se comportam em um contexto interacional específico (entrevista); e perceber como os falantes organizam o que querem dizer de acordo com o contexto social e interacional.

1. PERCURSO PELA PRAGMÁTICA

Antes de introduzir discussões a respeito da Pragmática, é fundamental esclarecer acerca de qual Pragmática falamos, já que os estudos são feitos a partir de diferentes abordagens. Os conteúdos pertencentes à disciplina também não são de comum acordo entre os estudiosos, como veremos adiante.

Exemplos de divergências de enfoque acerca do assunto, que confundem o leitor que se introduz nos estudos pragmáticos, estão em publicações denominadas *Introdução à Lingüística*. Em Mussalin e Bentes (2003), o capítulo intitulado *Pragmática*, escrito por Joana Plaza Pinto, trata de uma Pragmática norte-americana, influenciada pela filosofia estadunidense. Em Fiorin (2003), o capítulo correspondente, “Pragmática”, escrito por Fiorin, desenvolve estudos acerca de uma Pragmática de influência francesa, introduzida por Ducrot e Benveniste e trata da enunciação como “um dos domínios de fatos lingüísticos que exigem a introdução de uma dimensão Pragmática nos fatos lingüísticos” (FIORIN, 2003, p. 102).

Mas, apesar das diferentes abordagens, os capítulos apresentam pontos de contato: na Pragmática francesa, assim como na norte-americana, encara-se o campo de estudo como “ciência do uso lingüístico que estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática lingüística”. No capítulo escrito por Fiorin, porém, faz-se um estudo dos dêiticos: marcas de pessoa (eu/tu), de tempo e de espaço inscritas na língua, marcas que remetem ao momento da enunciação.

Fazemos, aqui, uma opção pela investigação de publicações na área da Pragmática desenvolvida por norte-americanos e ingleses, sem deixarmos de reconhecer que o campo da Pragmática nesta perspectiva não se fecha a uma produção apenas, havendo outros estudos que se salientam.

Apesar de alguns autores, como Fiorin (2003), incluírem os estudos de Benveniste e Ducrot na Pragmática, optamos pelo ponto de vista defendido por Pinto (2003), segundo a qual a evolução do trabalho dos autores franceses separou seus campos de estudos e métodos dos estudos pragmáticos, sendo mais adequado incluí-los na semântica argumentativa.

1.1 Correntes da Pragmática linguística

Em um capítulo investigativo acerca da Pragmática na obra *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, Pinto (2003) faz uma classificação dos estudos pragmáticos, dividindo-os em três correntes: o pragmatismo americano, os estudos de atos de fala e os estudos da comunicação. Nas palavras da autora

o pragmatismo americano, influenciado pelos estudos semiológicos de William James; os estudos de atos de fala, sob o crédito dos trabalhos do inglês J. L. Austin; e os estudos de comunicação, com preocupação firmada nas relações sociais, de classe, de gênero, de raça e de cultura, presentes na atividade lingüística (PINTO, 2003, p. 49)

comporem as correntes que formam o campo da Pragmática, como dito acima.

Quanto à primeira corrente, Jorge da Silva e Vera Lúcia T. da Silva, em seu artigo eletrônico, afirmam que

as origens próximas do pragmatismo vão ser encontradas na filosofia estadunidense na virada deste século, particularmente na filosofia de William James e John Dewey, os quais se empenharam em trazer para as ciências humanas os métodos experimentais (SILVA; SILVA, www.filologia.org.br/soletras/1/07.htm).

Wilson (2008) complementa dizendo que

a pragmática lingüística está afiliada à filosofia, mais precisamente à filosofia da linguagem, ao pragmatismo filosófico e à semiótica; nasce com a idéia de signo, ou melhor, das relações que os signos estabelecem em vários âmbitos. Dessas relações originaram-se três: a semântica, que estuda as relações dos signos com os objetos; a sintática, que estuda a relação dos signos entre si; e a pragmática, que estuda a relação dos signos com os intérpretes – a dimensão pragmática da semiótica (WILSON, 2008, p. 88).

Para Wilson (2008), fatores como o contexto extralingüístico, fatores socioeconômicos, culturais e afetivos envolvidos na interação/comunicação são elementos-chave em uma abordagem de cunho pragmático.

A segunda corrente citada por Pinto (2003), os estudos dos atos de fala, “concebe a linguagem como uma *atividade* construída pelo/as interlocutores/as,

ou seja, é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de linguagem, o ato de estar falando em si – a linguagem não é assim descrição do mundo, mas ação”.

Austin (1975) dividiu os atos de fala em três atos: o *ato locucionário* seria o ato de dizer alguma coisa; o *ato ilocucionário* corresponderia ao ato de significar algo a partir do ato locucionário; e o *ato perlocucionário* seria o efeito do ato ilocucionário.

Vale ressaltar que “esses diferentes tipos de atos de fala estão relacionados à intenção comunicativa do falante, quando produz seu enunciado”.

A teoria desenvolvida por Austin (1975) somente se concretizou em Linguística com a publicação *Speech Acts*, de John Searle, em 1969.

Por fim, a terceira corrente da Pragmática, os estudos de comunicação, é, para Pinto (2003), um campo híbrido resultante da articulação das duas correntes anteriores, por levar em conta métodos do pragmatismo americano e da teoria dos atos de fala. Esse grupo inova porque surge a preocupação em saber “o que significaria a diferença de classe social para a comunicação entre pessoas” (PINTO, 2003, p.55). Os estudos de Grice acerca dos esforços cooperativos são revistos nesse grupo porque “qualquer tentativa de descrição da comunicação que exclua aspectos sociais é considerada inócua e ineficiente para a Pragmática” (PINTO, 2003, p.57).

1.2 Questões que dificultam a delimitação da Pragmática

Apesar da divisão da Pragmática proposta por Pinto (2003), em três correntes, a delimitação da disciplina não é tarefa fácil. Um exemplo do indicativo de divergências é dado na introdução, nas diferenças de enfoque do que deve ser explorado pela Pragmática.

Rajagopalan (1999) nos fornece mais exemplos dos motivos que dificultam as pesquisas no campo da Pragmática no Brasil. Primeiramente, a indefinição do que vem a ser Pragmática. Segundo o autor, essa indefinição aparece nos resumos dos trabalhos inscritos em grandes congressos brasileiros como ABRALIN, GEL, etc. Outra questão é a falta de consenso acerca de como e quando surgiu a área de investigação. Surgiu com Morris ou

com Peirce? Mas, para Rajagopalan (1999) talvez a maior divergência entre os linguistas que atuam na área seja a questão da necessidade ou não de demarcar uma linha divisória entre a semântica e a Pragmática, questão notada por Dascal, já em 1982, ao trazer na introdução da obra organizada por ele acerca de Pragmática, discussões de autores como Carnap, Peirce e Bar-Hillel sobre como cada um encara a demarcação de territórios entre semântica e a Pragmática.

Rajagopalan (1999) salienta que até pouco tempo a disciplina Pragmática não fazia parte dos currículos de programas de pós-graduação do Brasil. Conteúdos como Teoria dos Atos de Fala e Princípio da Cooperação de Grice eram tratados como pertencentes à disciplina semântica. Segundo o autor, essa tendência também é antiga e ocorrente na Europa e nos Estados Unidos. Na Europa, Ducrot defendia uma Pragmática integrada à semântica; nos Estados Unidos, Kempson pleiteia uma semântica mais “enxuta”, fiel às condições de verdade, implicações e acarretamentos lógicos, deixando a entender que a Pragmática atrapalharia nos estudos de ordem semântica; no Brasil, por sua vez, a relação de conflito entre as áreas de estudo aparece na obra *Semântica* de Ilari e Geraldi, pois os autores tratam de fenômenos reconhecidamente pertencentes à Pragmática (dêixis, atos de fala, implicaturas conversacionais) como fenômenos semânticos.

1.3 O que é, afinal, Pragmática?

Em meio a tantas incertezas, divergências de enfoque nos estudos da área, olhares distintos para um mesmo campo do saber, daria para definir o que é Pragmática?

Com base nas obras de Yule (1996) de Lins (2002), poderíamos fazer algumas tentativas de definição.

Yule (1996) nos dispõe algumas definições do que é, para ele, essa área de estudo: a) Pragmática é o estudo do significado sob o ponto de vista do falante; b) Pragmática é o estudo do significado contextual; c) Pragmática é o estudo de como se diz além daquilo que é dito; d) Pragmática é o estudo da expressão da proximidade/distanciamento relativo.

A partir de tais definições podemos depreender algumas concepções: Pragmática é a teoria do uso linguístico em que noções como contexto extralinguístico, intenção do falante, interação verbal entre falante e ouvinte e ação são cruciais.

Lins (2002), a partir dos estudos de George Yule e Georgia Green, também preocupa-se em definir o que é Pragmática, concluindo que a

Pragmática pode ser definida como o estudo da ação deliberada com a intenção de levar o interlocutor a reavaliar o modelo de como as coisas são, incluindo o sistema de valores e o modelo das crenças, atitudes e intenções do falante (LINS, p., 2002).

A partir da discussão acima, concluímos que a Pragmática ainda deve percorrer um longo percurso até ter a visibilidade conquistada pela sintaxe e pela semântica. Uma explicação para isso seria o fato de a Pragmática ser uma ciência relativamente recente se comparada às outras anteriormente citadas.

Neste trabalho, utilizaremos algumas noções da Pragmática, por acreditarmos que essas noções, conjuntamente, servirão ao propósito a que objetivamos, que é o de entender o fenômeno interacional a partir do ponto de vista do falante, em relação às outras pessoas do discurso, analisando como e por que ocorre a polidez ou a impolidez nas interações verbais.

Portanto, veremos, a seguir, algumas teorias que nortearam os estudos da polidez linguística, desenvolvidos por Brown e Levinson (1987), estudos que compõem a área Pragmática de estudos.

1.4 Noção de face: Goffman (1967)

(...) Goffman falou muitas vezes do “envolvimento” (*involvement*). Para ele, a partir do momento em que estamos num lugar que não sozinhos em nosso banheiro, a partir do momento em que estamos em co-presença física, sob o olhar possível de alguém, ou se pensarmos estar sob olhar de alguém, sentimo-nos na obrigação de nos projetar no espaço constituído pela pessoa e por nós mesmos. E esse envolvimento vai fazer com que não tenhamos certos comportamentos de ordem privada e que tenhamos outros, julgados admissíveis em público. Manteremos o que Goffman chama de fachada: certa maneira de andar, certa postura dos ombros, certa posição dos pés, das mãos etc. Uma vez que estejamos numa situação de interação, estamos, segundo ele, sob o controle uns dos outros (WINKIN, 1998, p. 135).

Goffman, interessado no comportamento dos indivíduos quando em contato físico imediato uns com os outros, publica a obra *A representação do eu na vida cotidiana* (1975)¹, na qual vai discutir questões como representação, fachada social e outros detalhes concretos de interações entre indivíduos na vida cotidiana. Erving Goffman parte de uma perspectiva teatral, construindo a metáfora de que os indivíduos, socialmente, são atores que têm suas respectivas platéias. A respeito desse assunto, o autor diz que

quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 1975, p. 25).

Posteriormente, em 1967, Goffman publica *Interaction Ritual*, um estudo acerca da universal noção de face. Segundo o autor,

o termo *face* pode ser definido como um valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha tomada por ela durante um contato específico. Face é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados (...) (GOFFMAN, 1967, p. 5).²

O conceito de face exige o entendimento de outra noção muito utilizada nos estudos de Goffman (1967), que é o conceito de *linha*. Podemos entender o termo linha como um padrão de atos verbais e não verbais de um indivíduo que expressam a sua visão da situação, a sua avaliação dos participantes, inclusive a sua avaliação de si mesmo durante o momento da interação, num encontro social.

Em relação à face, Goffman (1967) esclarece:

Não é algo que se aloja dentro ou na superfície do corpo de uma pessoa, mas sim algo que se localiza difusamente no fluxo de eventos que se desenrolam no encontro, e se torna manifesto apenas quando estes

¹ A data da publicação utilizada aqui é a de 1975, tradução de Maria Célia Raposo. A obra original em inglês é de 1959 e leva o título *The presentation of self in everyday life*.

² Texto original: "The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social" (GOFFMAN, 1967, p. 5).

eventos são lidos e interpretados em função das avaliações que neles se expressam (GOFFMAN, 1967, p. 7).³

Em outras palavras, mesmo que a face seja o que um indivíduo possua de mais pessoal, ela é apenas um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade, ela é um produto social. Dessa forma, a face carrega esse duplo sentido ao ser um produto do desempenho dos indivíduos e de esse desempenho ser restringido por normas sociais, sendo apenas validada pelo outro, pela sociedade. Embora o *self* (eu) seja manipulador de estratégias, embora exista um gerenciamento do eu, o *self* é também socialmente determinado.

Para Goffman (1967), as pessoas utilizam dois tipos de procedimentos na elaboração da face (*face-work*) quando têm o objetivo de atenuar ações ameaçadoras: há o trabalho de *evitar* e o de *corrigir* ações ameaçadoras, já que, segundo o autor, a manutenção da face é uma condição da interação.

1.5 Categorias do comportamento: Lakoff (1975)

Lakoff (1973), em seu mais famoso trabalho, *Language and Woman's Place*, apresenta muitas idéias acerca da linguagem relacionada ao gênero, e verifica que a estrutura linguística dos homens e mulheres são diferentes. Um dos argumentos levantados pela autora é o de que as mulheres são mais polidas que os homens. Outra percepção importante, explorada na obra acima, é a de que existe uma diferença entre um comportamento grosseiro, rude, e um comportamento polido, cortês. A partir daí, Lakoff (1973) estabelece um princípio da polidez em que três regras geralmente são seguidas por falantes que pretendem ser polidos, tanto no nível linguístico (dizer "por favor", usar pronomes formais de linguagem) quanto no não-linguístico (abrir as portas para outros, oferecer bebida), regras que, segundo a autora, são fundamentais na boa interação:

1) Regra de formalidade: Manter um distanciamento e não impor ao outro.

2) Regra de respeito: Dar opções ao outro.

³ Texto original: "Is something that is not lodged in or on his body, but rather something that is diffusely located in the flow of events in the encounter and becomes manifest only when these events are read and interpreted for the appraisals expressed in them" (GOFFMAN, 1967, p. 7).

3) Regra de camaradagem: Mostrar simpatia, fazer o outro sentir-se bem.

A primeira regra é exigida em situações que existe uma diferença de poder e *status* entre participantes. A segunda regra deve ser utilizada quando em uma interação os participantes não são socialmente íntimos, mas têm poder e *status* aproximadamente equivalentes. A terceira é apropriada para participantes com alto grau de intimidade, de amizade.

1.6 Atos de Fala: Austin (1975)

A teoria dos atos de fala foi elaborada inicialmente por John L. Austin e desenvolvida posteriormente por J. R. Searle. Acredita-se, sob essa perspectiva, que “quando falamos, não fazemos apenas declarações, mas fazemos coisas como ordenar, perguntar, pedir, desculpar-nos, lamentar, rogar, julgar, reclamar, etc.” (WILSON, 2008, p. 92), ou seja, que nossas falas são acompanhadas de atos. Chamamos de *ato de fala* toda ação que é realizada por meio do dizer. Nessa teoria, um conceito que trouxe grande contribuição aos estudos da língua é o conceito de *performativo*. Performativo é todo enunciado que realiza o ato que está sendo feito. Porém, como salienta Wilson (2008),

nem sempre os performativos estão explícitos e são representados pelos verbos no tempo, pessoa e modo, como ao se fazer um pedido e usar o verbo “pedir” ou “solicitar”, fazer uma promessa e dizer “eu prometo”. Há casos de performativos implícitos em que pedidos, promessas, ameaças, reclamações e outras ações não são indicadas por verbos correspondentes exatamente às ações (2008, p. 93).

As ações que se realizam por meio dos atos de fala podem ser muito diferentes, daí a necessidade de distinguir as diversas dimensões que um ato de fala possui. Falamos em dimensões porque em uma única locução podemos realizar diferentes atos de fala. Para Austin, dizer algo equivale a executar três atos simultâneos. Por exemplo, na frase: "o volume do seu som está me atrapalhando a estudar", realizo ao mesmo tempo três atos de fala.

O primeiro deles é o *ato locucionário*, ou seja, o ato de dizer a frase. O segundo ato é o que Austin chama de *ilocucionário*, que corresponde ao ato

efetuado ao se dizer algo. Nesse caso, ao dizer "o volume do seu som está me atrapalhando a estudar" não tive a simples intenção de verificar uma situação, mas a de protestar ou advertir algo. Por fim, há ainda um terceiro ato, chamado de *perlocucionário*, que é o de provocar um efeito em outra pessoa por meio da minha locução, influenciando em seus sentimentos ou pensamentos. Na situação descrita, para que o outro diminua o volume do som ou desligue o aparelho de música, para que, assim, eu possa estudar. Temos assim:

- a) o ato locucionário de dizer algo;
- b) o ato ilocucionário que realiza uma ação ao ser dito;
- c) o perlocucionário quando há a intenção de provocar no interlocutor certos efeitos (convencer, levar a uma decisão etc.).

É claro que nem todas as expressões são dotadas dessas três dimensões, pois isso depende da força ilocucionária de um ato de fala. A força ilocucionária é algo bem diferente do significado puro e simples da frase, pois ela está diretamente ligada às interações sociais que se estabelecem entre os falantes, relações que podem ser de autoridade, cooperação etc.

1.7 Princípio da Cooperação: Grice (1982)

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos em até certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita (GRICE, 1982, p. 86).

GRICE (1982), ao perceber que uma lógica rege a conversação, e que os diálogos são esforços cooperativos, formula o Princípio da Cooperação, que estabelece: "faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo projeto ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado" (GRICE, 1982, p. 86).

No desenvolvimento de seu princípio, Grice divide em quatro categorias, regras normalmente seguidas pelos participantes da conversação, como se pode observar a seguir:

1. Máxima da Quantidade

1.1 Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido.

1.2 Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

2. Máxima da Qualidade

2.1 Não diga o que você acredita ser falso.

2.2 Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.

3. Máxima da Relação

3.1 Seja relevante

4. Máxima do Modo

4.1 Seja claro

4.1.1 Evite obscuridade de expressão

4.1.2 Evite ambigüidade

4.1.3 Seja breve

4.1.4 Seja ordenado

O autor percebe, porém, que nem sempre essas máximas são respeitadas, e a violação dessas regras gera uma *implicatura conversacional*, que não deve ser entendida pelo ouvinte como ingenuidade do falante, ou como um erro de comunicação. O falante, ao violar uma máxima, demonstra sua intencionalidade. O ouvinte, da implicatura, pode detectar por inferência, pelo contexto extralinguístico, o motivo da quebra de uma máxima e, ainda, o que o falante quis dizer. No diálogo “A: Você vai almoçar no restaurante? B: Estou sem dinheiro.”, B parece ferir máximas conversacionais gerando, assim, uma implicatura. A, por inferência, entende que B evita o “não” como resposta, utilizando de indiretividade, mas mantendo o efeito de negação de sua resposta.

2. TEORIA DA POLIDEZ LINGUÍSTICA: BROWN E LEVINSON (1987)

Politeness: some universals in language usage, de Brown e Levinson, teve sua primeira publicação em 1978, como parte integrante da publicação *Questions and politeness*. Em 1987, os autores publicam a atual versão, utilizada nesta pesquisa, com alteração da introdução e da bibliografia. Na versão atual, eles comentam obras que surgiram após a de 1978 e em consequência dela. A obra de Brown e Levinson tem o maior realce nos estudos de polidez e, por isso, os autores são os mais citados em pesquisas da área. A obra considera-se como pertencente aos estudos da Sociolinguística Interacional, mas dialoga, também, com a Análise da Conversa, com a Sintaxe e principalmente com a Pragmática, por ter como base a teoria dos Atos de Fala (Austin; Searle) e o Princípio da Cooperação (Grice), conteúdos pertencentes aos estudos pragmáticos.

A partir de dados reais extraídos de conversações de três línguas – inglês (Estados Unidos e Inglaterra), tzetal (México) e tamil (Índia) - os autores defendem que a polidez seja um fenômeno universal, pois percebem que a negociação da imagem (face) nas interações cotidianas apresenta também caráter universal.

Brown e Levinson (1987), em *Politeness: some universals in language usage*, elaboram a teoria sobre construção da imagem social, a partir de estudos anteriores realizados por Goffman, sobre a noção de face, e também, como dito anteriormente, a partir de estudos pragmáticos de Grice, Austin e Searle.

2.1 O desmembramento do conceito de face

Nossa noção de face deriva daquela de Goffman (1967) e do termo folclórico em inglês que liga a face às noções de estar constrangido ou humilhado ou “perdendo a face”. Assim, a face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e que tem que ser constantemente cuidada numa interação. Em geral, as pessoas cooperam (e pressupõem a cooperação mútua) na manutenção da face na interação, sendo essa cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face. Isto é, normalmente, a face de qualquer um depende da manutenção da face de todos os outros e, como se pode esperar que as

peças defendam suas faces quando ameaçadas, e, ao defender suas próprias faces, ameaçam a face dos outros, geralmente é de interesse de cada participante manter a face do outro, isto é, agir de forma a assegurar aos outros participantes que o agente está atento às pressuposições relativas à face ameaçada (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61)⁴.

Porém, apesar de utilizarem as noções de face e território de Goffman, Brown e Levinson (1987) rebatizam esses conceitos por face positiva e face negativa, respectivamente. Definem os conceitos da seguinte forma:

a) *Face positiva* é tudo aquilo que o interlocutor exibe para obter aprovação ou reconhecimento, correspondendo ao desejo que as pessoas têm de serem aceitas;

b) *Face negativa* é o “território” que o interlocutor deseja preservar ou ver preservado.

Como já foi dito, os autores aliam à noção face, as estratégias de polidez, recurso utilizado com o intuito de preservar sua face e a do(s) parceiro(s) na interação verbal.

Brown e Levinson, assim como Goffman, também concebem a interação verbal como uma atividade inerentemente ameaçadora da face. Para esses autores, o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces. Por esta razão, os autores afirmam que, em geral, ao se engajarem em uma conversação, os indivíduos estão conscientes da vulnerabilidade da face e assim cooperam mutuamente para sua manutenção.

2.2 A relação entre atos de fala e atos ameaçadores de face

No estudo sobre polidez, os autores acreditam que as análises dos atos de fala são de suma importância. Atos de fala que envolvem perguntas, imposições, convites, julgamentos, pedidos de desculpa ameaçam ora a face

⁴ Texto original: “Our notion of ‘face’ is derived from that of Goffman (1967) and from the English folk term, which ties face up with notions of being embarrassed or humiliated, or ‘losing face’. Thus face is something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction. In general, people cooperate (and assume each other’s cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face. That is, normally everyone else’s being maintained, and since people can be expected to defend their faces if threatened, and in defending their own to threaten others’ faces, it is in general in every participant’s Best interest to maintain each others’ face, that is to act in ways that assume the other participants that the agent is heedful of the assumptions concerning face given under above” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61).

positiva ora a negativa dos envolvidos na interação face a face. Postulam, dessa forma, a existência dos Atos Ameaçadores de Face (FTA's). A seguir, exemplificamos alguns atos ameaçadores das faces positiva e negativa do locutor e do ouvinte na interação verbal:

1) Atos ameaçadores da face negativa do ouvinte

Ex: ameaça, conselho, ordem, pedido

2) Atos ameaçadores da face positiva do ouvinte

Ex: reprimenda, crítica, insulto

3) Atos ameaçadores da face negativa do locutor

Ex: proposta, promessa

4) Atos ameaçadores da face positiva do locutor

Ex: auto-crítica, desculpa, confissão

2.3 Estratégias de Polidez

Na proposta de Brown e Levinson, pode-se entender a polidez como um efeito de sentido produzido por certas estruturas linguísticas, em contextos específicos, usadas para amenizar os efeitos de um FTA (ato ameaçador de face), preservando as faces ameaçadas. Para os autores, os fatores que influenciarão um FTA, determinando a escolha de estratégias de polidez, são: distância social do falante e do ouvinte, relação de poder entre os interactantes e as normas de conduta impostas por determinada cultura. O termo estratégia é utilizado pelos autores, pois para eles nenhum outro termo implicará um elemento racional que engloba tanto uma atitude consciente quanto inconsciente. Em outras palavras, os sujeitos têm consciência de ameaça iminente na interação com outros indivíduos, sabem da necessidade de serem polidos em determinadas situações sociais para mitigar os efeitos de um FTA, mas nem sempre agem conscientemente na escolha das estratégias de polidez. Por isso o termo estratégia implica um termo racional, mas não necessariamente consciente.

Para Brown e Levinson (1987), existem algumas intenções envolvidas na comunicação, quando se quer evitar os danos provocados por atos ameaçadores de face: em primeiro lugar, o desejo de comunicar o conteúdo de

um FTA; em segundo, o desejo de ser eficiente e urgente; e, por último, o desejo de manter, em algum grau, a face de nosso interlocutor.

A partir das intenções comunicativas acima é que determinadas estratégias de polidez são escolhidas pelos participantes da interação, podendo ser enunciadas por eles de três formas distintas:

1- *On record*: estratégias realizadas de forma *On record*, revelam que o falante tem a intenção de assumir seu ato linguístico, de se comprometer diante do que fala.

2- *Off record*: nesse modo de realização lingüística, o locutor evita responsabilizar-se por seus enunciados, tenta se esquivar do comprometimento diante dos atos ameaçadores de face que produz na interação. Deixa ao seu interlocutor a responsabilidade de interpretação do que enuncia, evitando, assim, uma possível ameaça às suas faces.

3- *Bald on record*: na realização *Bald on record*, o locutor não está muito preocupado em como dizer alguma coisa, mas no que diz. Tem o objetivo maior de comunicar algo, não dando atenção à forma como uma determinada mensagem é por ele transmitida. O uso de verbos no imperativo é um exemplo deste tipo de realização comunicativa.

E, segundo Brown e Levinson, cada tipo de estratégia apresentará suas vantagens:

1- *On record*: algumas vantagens deste modo são evitar mal entendidos, resgatar a face, ser reconhecido como honesto e apurar apoio público.

2- *Off record*: no modo *Off Record* as vantagens são evitar coações, sofrer menos riscos de perda de faces na interação, exercer manipulação disfarçada e testar os sentimentos de nosso interlocutor com a transferência de interpretação que recai sobre nosso ouvinte com atos indiretos de fala.

As vantagens do tipo *Bald on record* não são comentadas por Brown e Levinson, talvez pelo fato de se tratar de um modo de comunicação bastante ameaçador.

Como vimos, os autores determinam vários tipos de estratégias de polidez. A seguir, expomos as estratégias de polidez do modelo de Brown e Levinson com exemplos dados por eles, traduzidos do inglês, com a finalidade de exemplificar o que significa cada estratégia. E, mesmo que os exemplos sejam de outra língua e outra cultura, acreditamos que eles sirvam aqui para

entendermos um pouco cada estratégia de polidez descrita pelos autores, afinal, concordamos com Brown e Levinson que o fenômeno da polidez seja um fenômeno universal.

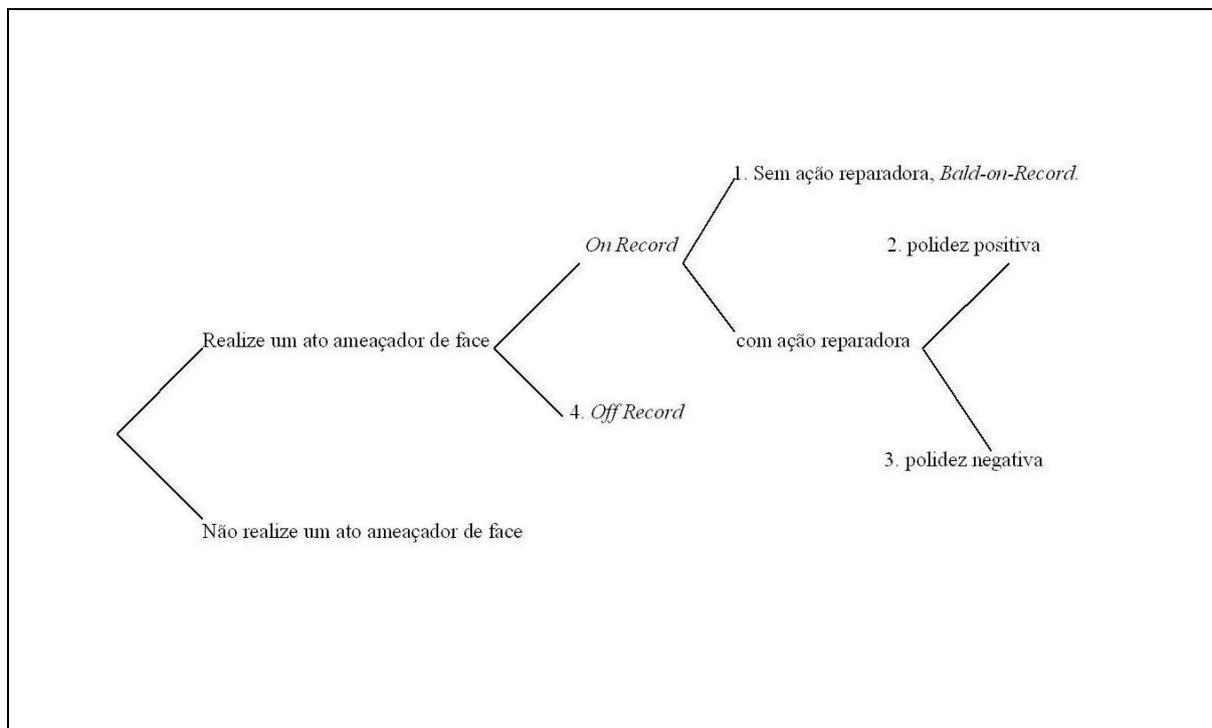


Figura 1: Possíveis estratégias para realizar um FTA
(BROWN; LEVINSON, p. 69, 1987)

Fávero, Andrade e Aquino (2000, p. 72) exemplificam o quadro acima com as seguintes falas:

- 1 - Me empresta um real.
- 2 - Me empresta um real?
- 3 - Você não se importaria de me emprestar um real, por favor?
- 4 - O caixa eletrônico não estava funcionando e estou sem dinheiro.

A frase 1 é um exemplo de realização do modo *Bald on Record*, e expressa uma ordem. A frase 2 exemplifica o modo *On Record* (polidez positiva), e é um pedido direto. A terceira frase também está no modo *On Record*, porém, apesar de ser um pedido direto, deixa saídas ao interlocutor, com a preocupação de não invadir tanto o “território do outro” mais cuidadoso, tratando-se de polidez negativa. A quarta frase é um pedido indireto, portanto a interpretação da frase como um pedido caberá ao interlocutor/ouvinte, pois caso ele não interprete essa sentença como pedido, ou não queira interpretá-la

assim, o enunciador da frase ainda terá sua face mantida, ou seja, evita os riscos de possível ameaça às faces. Todas as quatro frases comunicam uma mesma mensagem, que é a da necessidade de dinheiro do interlocutor. Porém, algo as diferencia: a maneira como essa necessidade é enunciada, ora em tom polido, educado, transferindo ao outro, caso empreste o dinheiro, um sentimento de agradecimento, ora em tom rude, seco, transferindo, nesse caso, sentimento de obrigação do interlocutor em emprestar o dinheiro necessitado.

2.3.1 *On Record*

Estratégias realizadas de forma *on record* revelam que o falante tem a intenção de assumir seu ato linguístico, de se comprometer diante do que fala.

2.3.1.1 Polidez Positiva

A polidez positiva é um tipo de estratégia que procura manter a face positiva do ouvinte, já que dela o desejo que se tem de ser admirado pelos outros é alimentado. Ao usar de estratégias de polidez positiva, o falante indica que pertence ao mesmo grupo social do ouvinte, demonstra também alguma admiração pelo seu interlocutor e, ainda, que está disposto a beneficiar o ouvinte com sua cooperação na atividade interacional. Ao utilizar as estratégias de polidez positiva, o falante assume estratégias de envolvimento para diminuir a distância social. São elas:

1-Focalize os interesses, desejos, necessidades do ouvinte.

Exemplo: "You must be hungry, it's a long time since breakfast. How about some lunch?"

Tradução: Você deve estar com fome, faz muito tempo desde o café. Gostaria de almoçar?

2- Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo ouvinte.

Exemplo: "What a fantastic garden you have!"

Tradução: Que jardim fantástico você tem!

3- Intensifique o interesse pelo outro.

Exemplo: "You always do the dishes! I'll do them this time."

Tradução: Você sempre cozinha! Vou fazer a comida esta vez.

4- Use marcas de identidade de grupo.

Exemplo: "Come here, mate."

Tradução: Venha aqui, companheiro.

5- Procure concordância.

Exemplo: "A: I had a flat tire on the way home. B: Oh God, a flat tire!"

Tradução: A: Eu tinha um pneu furado no caminho de casa. B: Oh Deus, um pneu furado!

6- Evite discordância.

Exemplo: "A: You hate your Mom and Dad. B: Oh, sometimes."

Tradução: A: Você odeia sua mãe e seu pai. B: Oh, às vezes.

7- Focalize os interesses, desejos, necessidades do ouvinte.

Exemplo: "A: Oh this cut hurts awfully, Mum. B: Yes dear, its hurts terribly, I know."

Tradução: A: Oh, esse corte é horrível, mãe. B: Sim querido, ele dói terrivelmente, eu sei.

8- Brinque.

Exemplo: "OK if I tackle those cooks now?"

Tradução: Tudo bem se eu atacar esses biscoitos agora?

9- Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos dos outros.

Exemplo: "I Know you love roses but the florist didn't have any more, so I brought you geraniums instead."

Tradução: Eu sei que você ama rosas, mas o florista não tinha mais, então eu comprei gerânios ao invés de rosas.

10- Ofereça, prometa.

Exemplo: "I'll drop by sometime next week."

Tradução: Eu virei em algum momento na semana que vem.

11- Seja otimista.

Exemplo: "Look, I'm sure you won't mind if I remind you to do the dishes tonight."

Tradução: Veja, eu tenho certeza de que você não se importará se eu lembrá-lo de cozinhar essa noite.

<p>12- Inclua o ouvinte na atividade.</p> <p>Exemplo: “Give us a break.”</p> <p>Tradução: Dê-nos um intervalo.</p>
<p>13- Forneça ou peça razões.</p> <p>Exemplo: “Why not lend me your cottage for the weekend?”</p> <p>Tradução: Porque não me empresta o seu chalé para o fim de semana?</p>
<p>14- Simule ou explicita reciprocidade.</p> <p>Exemplo: “I’ll do X for you if you do Y for me.”</p> <p>Tradução: Eu farei isso pra você se você fizer isso pra mim.</p>
<p>15- Forneça presentes ao ouvinte (qualidade, simpatia, cooperação).</p> <p>Brown e Levinson (1987) não apresentam um exemplo para essa estratégia de polidez.</p>

2.3.1.2 Polidez Negativa

Esse tipo de estratégia é endereçado à face negativa do ouvinte, atua no sentido de tentar evitar a imposição ao interlocutor. Corresponde ao que se espera de um comportamento respeitoso, e baseia-se em tópicos que o falante deve evitar, como a invasão do território pessoal de seu(s) ouvinte(s).

<p>1- Seja convencionalmente indireto.</p> <p>Exemplo: “Can you please pass the salt?”</p> <p>Tradução: Você pode, por favor, passar o sal?</p>
<p>2- Questione, seja vago.</p> <p>Exemplo: “I think that Harry is coming.”</p> <p>Tradução: Eu acho que Harry está vindo.</p>
<p>3- Seja pessimista.</p> <p>Exemplo: “Perhaps you’d care to help me.”</p> <p>Tradução: Talvez você se importasse em me ajudar.</p>
<p>4- Minimize a imposição.</p> <p>Exemplo: “I just want to ask you if I can borrow a little paper?”</p> <p>Tradução: Eu só queria perguntar a você se eu poderia pegar um papel</p>

pequeno?
<p>5- Mostre respeito.</p> <p>Exemplo: “That’s all right, sir.”</p> <p>Tradução: Está tudo certo, senhor.</p>
<p>6- Peça desculpas.</p> <p>Exemplo: “I’m sorry to bother you, but...”</p> <p>Tradução: Perdoe-me por incomodar, mas...</p>
<p>7- Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes eu e você.</p> <p>Exemplo: “It’s broken.”</p> <p>Tradução: Isso quebrou.</p>
<p>8- Declare o FTA como regra geral.</p> <p>Exemplo: “We don’t sit on tables, we sit on chairs, Johnny.”</p> <p>Tradução: Nós não sentamos em mesas, nós sentamos em cadeiras, Johnny.</p>
<p>9- Nominalize.</p> <p>Exemplo: “It’s pleasant to be able to inform you.”</p> <p>Tradução: É um prazer estar apto para informá-lo.</p>
<p>10- Aja como se estivesse assumindo o débito, ou como se estivesse em dívida com o ouvinte.</p> <p>Exemplo: “I’d be eternally grateful if you could...”</p> <p>Tradução: Eu estaria eternamente grato se você pudesse...</p>

2.3.2 Off record

Estratégias utilizadas pelo locutor para não se comprometer diante do que fala, deixando saídas para outras interpretações, transferindo ao ouvinte a responsabilidade de interpretar seu comportamento, seus enunciados. Por meio dessas estratégias, o locutor pode produzir atos ameaçadores às faces do ouvinte, mas de forma indireta, evitando comprometer-se.

<p>1- Forneça pistas, faça insinuações.</p> <p>Exemplo: “It is cold in here.”</p> <p>Tradução: Está frio aqui.</p>
<p>2- Forneça pistas de associação.</p>

<p>Exemplo: "Oh god, I've got the headache again."</p> <p>Tradução: Oh Deus, estou com dor de cabeça novamente.</p>
<p>3- Pressuponha.</p> <p>Exemplo: "I washed the car again today."</p> <p>Tradução: Eu lavei o carro novamente hoje.</p>
<p>4- Minimize.</p> <p>Exemplo: "That dress is quite nice."</p> <p>Tradução: Esse vestido está relativamente bom.</p>
<p>5- Exagere.</p> <p>Exemplo: "I tried to call a hundred times, but..."</p> <p>Tradução: Eu tentei ligar uma centena de vezes, mas...</p>
<p>6- Use tautologias.</p> <p>Exemplo: "War is war."</p> <p>Tradução: Guerra é guerra.</p>
<p>7- Use contradições.</p> <p>Exemplo: "Well, John is here and he isn't here."</p> <p>Tradução: Bem, John está aqui e não está.</p>
<p>8- Seja irônico.</p> <p>Exemplo: "John is a real genius."</p> <p>Tradução: John é realmente um gênio.</p>
<p>9- Use metáforas.</p> <p>Exemplo: "Harry is a real fish."</p> <p>Tradução: Harry é realmente um peixe.</p>
<p>10- Faça perguntas retóricas.</p> <p>Exemplo: "What can I say?"</p> <p>Tradução: O que eu posso dizer?</p>
<p>11- Seja ambíguo.</p> <p>Exemplo: "John's a real genius." (after John has just done twenty stupid things in a row).</p> <p>Tradução: John é um gênio. (frase dita após John ter feito vinte coisas estúpidas).</p>
<p>12- Seja vago.</p> <p>Exemplo: "I'm going you know where."</p>

Tradução: Eu estou indo, você sabe onde.
13- Generalize. Exemplo: "People who live in glass houses shouldn't throw stones." Tradução: Quem tem teto de vidro, não atira pedra no telhado dos outros.
14- Desloque o ouvinte. Brown e Levinson (1987) não apresentam um exemplo para essa estratégia de polidez.
15- Seja incompleto, use elipses. Exemplo: "Well, I didn't see you..." Tradução: Bem, eu não vi você...

Ao utilizar de polidez indireta, o falante transfere ao ouvinte a responsabilidade de fazer inferências a respeito do que disse. Ao usar de indiretividade, o falante fere as máximas propostas por Grice (qualidade, quantidade, modo e relevância), e o ouvinte deve notar e interpretar as implicaturas conversacionais que surgem com a quebra das máximas conversacionais, por meio de inferências. Na figura abaixo, Brown e Levinson (1987) constroem um esquema que aponta como cada uma das estratégias de polidez indireta (*Off record*) desrespeitam uma das quatro máximas propostas por Grice (1982):

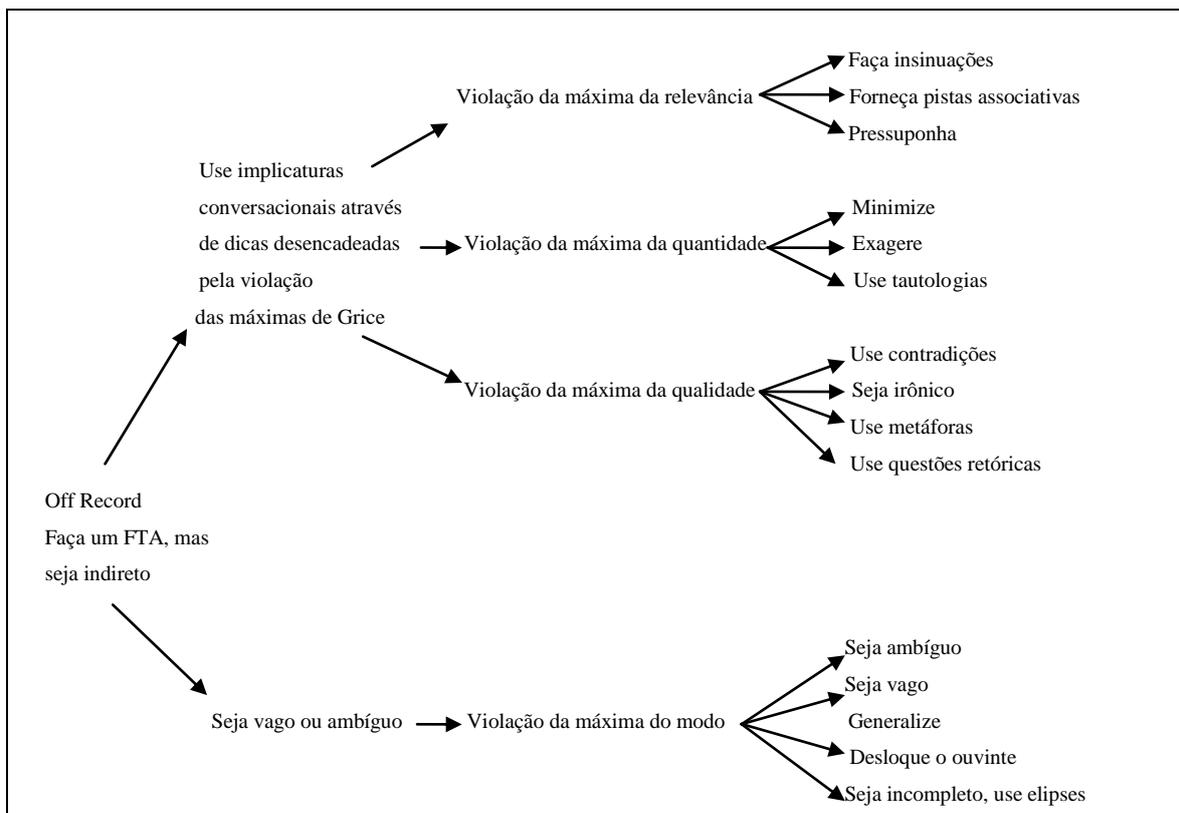


Figura 2: Gráfico de estratégias: *Off record* (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 214)

3. OUTROS MODELOS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA

Após os estudos de Brown e Levinson (1987), muitos estudos na área da polidez surgiram, inclusive inspirados em suas descobertas, alguns concordando com os autores, mas fazendo algumas contribuições, desenvolvendo aspectos que os autores não contemplaram, outros discordando da linha seguida pelos autores no trato da interação verbal e da polidez linguística. Devido a esse fato, pensamos ser importante comentar alguns de muitos estudos que trazem uma visão diferente ou apenas mais recente dos estudos da polidez, e que podem trazer contribuições para entendermos a polidez nas entrevistas.

3.1 Rosa (1992) e Galembeck (1999; 2008)

A estudiosa Margareth Rosa (1992) desenvolve um estudo, de orientação pragmática, sobre os procedimentos de atenuação, em que tais procedimentos são tratados como recursos destinados à preservação de face nas interações verbais. Para Rosa (1992),

os marcadores conversacionais cumprem funções de organização textual importantes, tais como a coesão, o estabelecimento de hierarquias entre argumentos, a dêixis no discurso, etc. Porém, como salienta Marcuschi (1987: 18), é a relevância interacional do contexto que determina o emprego de uma estratégia específica – e de marcadores específicos – com vistas a manter a cooperação (requisito essencial a toda interação) e a mútua preservação da face dos interlocutores.

A autora nos alerta para o fato de que atenuação e polidez são conceitos que muitas vezes se confundem, já que ambos são procedimentos de preservação de face e de estabelecimento da harmonia interacional. Porém, segundo Rosa (1992), atenuação implica polidez, mas polidez é uma noção que extrapola os limites da atenuação. Exemplo disso está nas diversas estratégias descritas por Brown e Levinson (1987), que não estão somente restritas ao campo do abrandamento, da atenuação.

Sobre a mesma temática, Galembeck (1999; 2008) desenvolve um estudo sobre polidez e face, focalizando o uso dos marcadores de atenuação como um dos recursos utilizado pelo falante para resguardar a própria face e da interlocutor, já que “suavizam a força ilocutória do enunciado e tornam as palavras do falante menos impositivas ou invasivas” (GALEMBECK, 2008, p. 323). O autor frisa, ainda, que os marcadores de atenuação podem ser considerados como “marcas de polidez, ou gerenciamento de relações, assim entendidas aquelas que denotam a preocupação em estabelecer (ou restabelecer) uma situação de igualdade e respeito mútuo entre os participantes” (GALEMBECK, 2008, p. 324).

Na análise de conversações, os citados autores percebem a ocorrência de alguns marcadores de atenuação, como marcadores de distanciamento, de rejeição, de opinião, metadiscursivos e, ainda, o uso de evasivas (*hedges*). O quadro abaixo foi extraído da obra de Rosa (1992) e serve para exemplificar os tipos de marcadores usados nas interações cotidianas para reduzir os efeitos indesejados que um ato de fala pode ter sobre o ouvinte ou sobre o próprio falante:

Categorias	Tipos	Subtipos	Ocorrências
Marcadores que promovem o apagamento da instância da enunciação	Marcadores de Distanciamento	Impessoais	Parece que, parece, é possível que
		De Indeterminação do Sujeito	Dizem que, diz-se, diz que
Marcas da	Marcadores de	Expressões Verbais	Eu acho que, eu creio que, eu suponho que, eu acredito que, me parece que, eu considero, eu vejo, eu sinto que, eu entendo que, eu tenho a impressão (de) que
		Locuções	Para meu gosto,

Enunciação	Opinião	Adverbiais	pessoalmente, para mim, eu por mim, na minha opinião, naquilo que me diz respeito
	Marcadores de Opinião	Prefácios	A minha impressão é (de) que, a impressão que eu tenho é a seguinte, é uma opinião particular minha, o que eu sinto é o seguinte, eu tenho a impressão seguinte, a minha visão...é..., a minha visão... é uma visão assim que...
		Posfácios	Mas esta é a minha impressão, essa é a minha visão, pelo menos é a minha impressão né?
Marcas da Enunciação		<i>Hedges</i> indicadores de atividades cognitivas	Assim, quer dizer, vamos dizer, digamos, digamos assim, sei lá, não sei
	<i>Hedges</i>	<i>Hedges</i> indicadores de incerteza	Talvez, quem sabe, não sei, não sei se, sei lá, possivelmente, provavelmente, praticamente, às vezes, quando possível, vez por outra, normalmente, geralmente, na maior parte das vezes, no geral, em geral, muitas vezes, eventualmente,

Marcas da Enunciação			habitualmente, numa certa medida, de certa forma, de uma certa forma, de um modo geral, numa certa situação, assim em termos gerais, de certa maneira, de uma certa maneira, de certo modo, falando bem em termos gerais, muito por cima, a bem dizendo como a coisa funciona
	Marcadores de Rejeição	Frases estereotipadas	Se não me falha a memória, que eu me lembre, que eu me lembro de momento, que eu saiba, se não estou enganado Não sei se..., mas, etc.
		“Mas-prefácios”	Eu não me lembro bem... o que eu lembro é que, não :: sei bem...eu sei que
		Prefácios Contrastivos	Antes disso eu quero dizer uma coisa, etc.
	Marcadores Metadiscursivos	---	

Tipos de Marcadores de Atenuação (ROSA, 1992, p. 61)

As contribuições dos autores para este trabalho são as seguintes: os estudiosos aprofundam em um dos aspectos da polidez, que é a atenuação/abrandamento e, além disso, oferecem ferramentas, através de seus diversos exemplos e análises, de como trabalhar e perceber a polidez nas conversações, por mais involuntário que seja o uso de termos e marcadores nas falas cotidianas.

3.2 Watts (2003) e Locher (2004)

Apesar de a obra de Richard Watts (2003) ser denominada *Politeness*, um título mais adequado para a obra seria (Im)Polidez, já que o autor percebe o conflito como parte integrante das interações.

Enquanto as teorias de polidez focalizam os elementos linguísticos, a teoria do comportamento político de Watts (2003) se atém mais ao âmbito da Prática Social (noção desenvolvida por Bourdieu). Watts defende a importância de avaliar a situação interacional, ou seja, a prática social entrelaçada à estrutura linguística, já que, para ele, o comportamento linguístico é determinado pelas exigências de uma prática social.

Estudos tradicionais de polidez, como o desenvolvido por Brown e Levinson (1987) fazem uma classificação separando o que é um comportamento educado, polido do que é grosseiro, rude, impolido. Locher (2004), por sua vez, vai defender, assim como Watts (2003), que não existe comportamento certo ou errado, existe sim comportamento adequado à situação interacional. Segundo a autora, o tipo de atividade determina o comportamento. Observa, ainda, que em algumas culturas, o que é considerado impolido para nós, é o comportamento esperado em determinadas atividades.

3.3 Kerbrat-Orecchioni (2005)

Catherine Kerbrat-Orecchioni é uma autora do cenário europeu, diferente da maioria dos estudiosos que se ocuparam com as pesquisas sobre polidez. A Análise do Discurso desenvolvida pela autora, apesar de sua nacionalidade francesa, se dá a partir da Pragmática linguística e se aproxima

mais de uma linha de estudo norte-americana, devido a sua seleção de temas, que vai desde a análise da conversa até assuntos como atos de fala e polidez, assuntos estes que sempre despertaram o maior interesse dos norte-americanos.

Kerbrat-Orecchioni (2005) faz uma reflexão sobre a teoria de Brown e Levinson (1987), concluindo que os atos de fala tomam uma dimensão de atos ameaçadores de face (FTAs) no estudo dos autores. A autora parte da seguinte questão:

A questão que se coloca, então, é saber como os sujeitos vão conseguir conciliar as exigências de suas faces com o fato de a maior parte dos atos de linguagem poderem constituir uma ameaça a uma e/ou outra dessas faces, as quais são ao mesmo tempo – e contraditoriamente – alvo de ameaças permanentes e algo que é necessário preservar (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 87).

Para Orecchioni (2005), Goffman (1967) e Brown e Levinson (1987) responderam à questão acima de determinada forma e ela também propõe uma resposta à problemática colocada por ela. Goffman, segundo Kerbrat-Orecchioni, defende a idéia de que os sujeitos resolvem essa contradição de constante ameaça e necessidade de preservação da face com um trabalho de face (*face-work*) constante, termo que designa para ele tudo que os indivíduos fazem para que não ocorra a sua perda de face e a do outro. Brown e Levinson (1987), por sua vez, solucionam a contradição da questão acima com a polidez, já que ela

aparece como um meio de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces com o fato de que a maior parte dos atos de linguagem produzidos ao longo da interação são potencialmente ameaçadores para uma ou outra dessas mesmas faces (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 87).

A partir disso, Kerbrat-Orecchioni vem trazer suas reflexões e contribuições sobre o problema exposto. Para a autora, os atos de linguagem não se resumem aos atos ameaçadores de face (FTAs) conforme indicam Brown e Levinson. Muitos de nossos atos de fala são valorizadores ou elogiosos à face do outro. Cria, dessa forma, outra categoria de atos de fala, os FFAs (*Face Flattering Act*). Diz, ainda, que a interação é um “incessante e sutil

jogo de pêndulo entre FTAs e FFAs”. Para exemplificar esse jogo entre FTAs e FFAs, a autora oferece duas situações interacionais:

A comete alguma ofensa contra B (FTA) e logo tenta repará-la com um pedido de desculpa (FFA);

A faz algum favor para B (FFA) e cabe então a B produzir algum FFA de volta (agradecimento ou outra gentileza) para restabelecer o equilíbrio ritual entre os interagentes: é uma troca de bons procedimentos (ou o sistema do “é dando que se recebe”) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 87).

3.4 Terkourafi (2005)

Em artigo ao *Journal of Politeness Research*, Marina Terkourafi (2005) apresenta uma nova proposta de como estudar o fenômeno da polidez. Antes de expor aos leitores sua visão baseada em enquadres, a autora faz um estudo classificando os estudos já existentes sobre o assunto. Para ela, os estudos de polidez se dividem em três grupos:

1- Visão Tradicional: Nesse grupo, estão incluídos os estudos da tríade Lakoff (1973), Brown e Levinson (1987) e Leech (1983). Os estudos dessa visão partem de duas premissas que são o Princípio da Cooperação de Grice e os estudos dos Atos de Fala. Autores dessa linha desenvolvem seus trabalhos a partir de uma pessoa modelo, dotada de racionalidade e de face. As diferentes culturas, sob esse ponto de vista, são homogêneas, e neste ponto está uma das maiores críticas de Terkourafi (2005) à visão tradicional. A polidez é tratada como um conjunto de estratégias linguísticas específicas que são usadas de acordo com regras e princípios universalizantes.

2- Visão Pós-moderna: Os representantes dessa linha de estudo são Eelen (2001), Watts (2003) e Mills (2003), que fazem alguns avanços aos estudos anteriores sobre polidez, à visão tradicional. Nessa visão, concebem cultura como algo heterogêneo. A polidez, por sua vez, é vista como produto de uma negociação entre falante e ouvinte, é vista também de forma dinâmica e situada. Diferente da visão anterior, aqui procura-se não generalizar nem predizer. As teorias pós-modernas são orientadas para o ouvinte ao invés de centradas nas intenções do falante e levam em conta a possibilidade de conflito, interessa, então, não só a polidez mas também a impolidez.

3- Visão baseada em Enquadres: Por fim, Terkourafi (2005) apresenta sua visão de como acredita que deva ser abordado o fenômeno da polidez. Sua visão baseada em enquadres parte dos dados em análise para posterior formulação da teoria. Baseia-se nos estudos dos Atos de Fala e nas descobertas da Análise da Conversa. As regularidades que compõem essa visão são obtidas pela observação empírica de contextos reais de uso. A polidez, aqui, não é vista como cálculo racional, e sim como hábito e enquadre, ou seja, como expressões que se repetem em determinados contextos e enquadres.

Nosso estudo pode ser classificado como pertencente à visão tradicional dos estudos de polidez, já que utiliza como base de análise, das entrevistas que compõem os dados dessa pesquisa, os trabalhos de Brown e Levinson (1987). Porém, alguns pontos de avanço da visão pós-moderna são adotados: reconhecemos a impolidez e o conflito como parte e até mesmo como exigência de muitos contextos interacionais e, apesar de nos guiarmos pelas categorias de Brown e Levinson (1987), deixamos que o contexto de interação da entrevista nos mostre como a polidez irá se manifestar, mesmo que fuja das estratégias que tomamos como base a princípio, afinal Brown e Levinson (1987) desenvolveram sua teoria a partir de outras línguas e não a partir do português, e isso fará com que tenhamos estratégias próprias de nossa língua e próprias do contexto de interação verbal.

4. O GÊNERO ENTREVISTA JORNALÍSTICA

É fato que todo gênero “tem alguns traços distintivos, prontamente identificáveis, que o opõem marcadamente a outros gêneros” (TRASK, 2004, p. 87). Porém não tentaremos, aqui, dar uma definição que consiga abranger todo o gênero entrevista, pois essas definições quase sempre são insuficientes em se tratando de gêneros. Para Marcuschi (2006), as teorias do gênero que privilegiam forma ou estrutura estão em crise, pois o gênero é essencialmente flexível e variável, assim como a linguagem. Tentar delimitar o gênero quanto a sua forma e de maneira estática não condiz, portanto, com estudos mais recentes sobre gêneros textuais. O citado autor diz que “não devemos conceber os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social, como entidades dinâmicas” (MARCUSCHI, 2006, p. 24).

Marcuschi (2007) nos alerta para o fato de que a “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora (...) é o gênero básico da interação humana” (2007, p. 14). O autor lista cinco características constitutivas de uma organização elementar da conversação, que são: a interação entre pelo menos dois falantes, a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes, a presença de uma sequência de ações coordenadas, a execução numa identidade temporal e, por fim, o envolvimento numa “interação centrada”.

A partir de tais aspectos, pode-se considerar que as entrevistas são um fenômeno conversacional, já que atendem aos quesitos de uma conversação. Porém, há conversas que são espontâneas, como um bate-papo, e outras que têm uma elaboração prévia, que é o caso da entrevista. É importante considerar que dependendo da relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador, a entrevista pode tornar-se informal e não planejada.

As conversas espontâneas são marcadas por uma simetria quanto ao turno conversacional, ou seja, quanto à vez que cada interactante tem para falar, quanto à determinação do assunto conversacional. Já nas conversas não espontâneas ocorre uma assimetria, pois cada participante da interação conversacional ocupa uma posição diferente, tendo um dos participantes maior

autonomia para ditar o assunto da conversa, outro para levá-la para uma direção desejada por ele, ou seja, as posições dos participantes desse tipo de interação são desiguais. Contudo, a questão da simetria e assimetria deve ser relativizada, pois uma interação inicialmente classificada como simétrica pode ter momentos assimétricos.

O gênero textual entrevista é visto como um gênero que abrange diversos subgêneros como, por exemplo, a entrevista jornalística, a entrevista médica, a entrevista de emprego e outras. A semelhança entre esses diversos subgêneros está na estrutura caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos; o papel desempenhado pelo entrevistador, que se caracteriza por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, introduzir novos assuntos, orientar a interação; o papel do entrevistado, de responder as perguntas, fornecendo as informações pedidas. Outra semelhança é que o gênero é primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em jornais e revistas e outros veículos de comunicação. É importante dizer que as entrevistas publicadas em jornais e revistas, além de transcritas, são também editadas.

Nas entrevistas, entrevistado e entrevistador ocupam posições bem distintas. Ao entrevistador, como dito anteriormente, cabe a função de determinar o assunto da conversa, que, por vezes, são temas constrangedores, ameaçadores das faces envolvidas, isso irá depender do tom que der à entrevista. Quanto ao entrevistado, esse participante é o foco da entrevista, pois uma vez que toda entrevista é destinada a um público, é no entrevistado que o público tem o maior interesse, já que é por ele ou algum feito dele que a interação está ocorrendo. Apesar de o entrevistado não determinar a pauta da conversa, ele tem autonomia maior que a do entrevistador de desenvolver o assunto da maneira que desejar, podendo até desviar do tema. A respeito do assunto, Rosa (1992) esclarece que

nas entrevistas, os papéis de entrevistado e entrevistador geram, por sua vez, normas sobre os direitos de alocação do turno. Nos diálogos entre dois informantes, tipo de discurso oral que mais poderia fugir às restrições da situação ou contexto, a presença dos documentadores e sua interferência nos temas (ou tópicos) conversacionais cria, ainda que de forma atenuada, normas para o começo, a manutenção e o final do

intercâmbio verbal, revelando também uma relação de papéis (documentador e informante) (ROSA, 1992, p. 12).

Apesar de as entrevistas não serem conversações espontâneas, concordamos com Medina (2004) ao defender que o diálogo é possível nas entrevistas. Apesar de serem pré-pautadas, toda interação conta com um certo nível de imprevisibilidade, cabendo ao entrevistador a habilidade de lidar com dados que fujam de uma expectativa inicial.

Vale frisar ainda que as entrevistas são conversações e, como toda espécie de interação social, ameaçam as faces envolvidas. Então, o que acontecerá “com a imagem de um interlocutor dependerá da cooperação ou não entre os participantes no fluxo de eventos de uma determinada situação” (TAVARES, 2007, p. 29).

Medina (2004), a partir de uma classificação dos tipos de entrevistas feita por Edgar Morin, faz sua própria classificação de como se enquadrariam os diversos tipos de entrevistas existentes, dividindo-as em entrevistas com tendência à *espetacularização* e com tendência à *compreensão*:

1) Subgêneros da espetacularização:

a) perfil do pitoresco: neste subgênero, é destacado o perfil humano de maneira caricaturada, privilegiando-se o sensacionalismo;

b) perfil do inusitado: aqui, a pessoa entrevistada é destacada por traços característicos, o que a faz passar por figura excêntrica, exótica;

c) perfil da condenação: neste perfil, parte-se do dualismo “mocinho/bandido”, segundo Medina. É muito recorrente no setor policial do jornalismo: a pessoa é condenada por seus atos, mesmo que essa condenação seja forçada, mesmo que o julgamento à pessoa em foco seja apriorístico;

d) perfil da ironia “intelectualizada”: nesta espécie de entrevista, acontece uma ironização de idéias e feitos da pessoa em foco, que pode ser percebida na seleção de frases, em possíveis contradições isoladas do contexto. Tudo isso faz com que a imagem da pessoa entrevistada seja distorcida, passando uma idéia negativa da figura.

2) Subgêneros da compreensão:

a) entrevista conceitual: o entrevistador, neste subgênero, detém seu foco de atenção em questões e conceitos que ele acredita que seu entrevistado possui conhecimento. Ocorre a preferência por conceitos e não por comportamentos, daí o interesse em entrevistar figuras como filósofos, sociólogos e cientistas;

b) entrevista/enquete: neste tipo, “o tema é o fundamental da pauta e procura-se mais de uma fonte para depor em relação ao tema” (MEDINA, 2004, p. 17). Vale dizer que a seleção das fontes ouvidas conta com o critério de aleatoriedade;

c) entrevista investigativa: este tipo de entrevista vai tentar ter acesso a informações ainda desconhecidas pelo jornalista, daí denominarem-se investigativas. Haverá, neste caso, uma preferência por assuntos de repercussão pública;

d) confrontação – polemização: neste tipo, o entrevistador tem a função de instigar um debate, detectando “ambigüidades e contradições que se estabelecem sobre o fato” (MEDINA, 2004, p. 17). Toca em assuntos delicados, tirando dúvidas que, eventualmente, possam existir;

e) perfil humanizado: entrevista que penetra no outro, na tentativa de compreender seus valores, sua história de vida, não privilegiando aspectos condenáveis ou louváveis, e sim aspectos verdadeiros.

A classificação acima, como vimos, contempla diversos tipos de entrevista, desde as que tendem ao sensacionalismo e ao espetáculo até as que partem de uma vontade de compreender atitudes, conceitos e comportamentos.

Um estudo que também contribui muito para entendermos a entrevista é o de Barros (2008). Em seu estudo sobre a descortesia, ou impolidez, como forma de provocação, a partir de uma perspectiva da semiótica discursiva, Barros (2008) vai defender a idéia de que cortesia e polidez não se opõem a descortesia e impolidez no sentido de que os primeiros atendem às regras sociais e o segundo ferem as regras da harmonia interacional. Para a autora, descortesia e impolidez, em muitos contextos de interação verbal, são sinônimos de provocação.

A provocação também se insere no quadro das regras socialmente estabelecidas. É de acordo com essas regras que pôr em dúvida a capacidade de alguém é atribuir-lhe uma imagem negativa. Por isso mesmo, a provocação funciona melhor no espaço público, pois, dessa forma, o provocado sente-se obrigado a reagir à provocação, para mostrar à sociedade que os traços negativos que lhe foram atribuídos são indevidos (BARROS, 2008, p. 93).

Neste estudo, trabalhamos com entrevistas da revista *Veja* a políticos atuantes no cenário nacional, e por esse motivo, todas tendem ao perfil de confrontação – polemização, com tom de provocação, já que percebemos uma forte preferência da revista por temas polêmicos, que envolvem as figuras entrevistadas.

5. METODOLOGIA

Inserida no quadro teórico da Pragmática, esta pesquisa pretende observar o fenômeno da Polidez, estratégia linguística essencial no processo interacional.

Quanto aos fins, a pesquisa é exploratória e explicativa. Exploratória porque o estudo desenvolvido apresenta uma natureza de sondagem e explicativa porque o estudo desenvolvido tem como principal objetivo tornar inteligível o processo de construção, preservação e ameaça de faces por meio da (im)polidez linguística de interlocutores no contexto de entrevistas, tentando justificar certas escolhas linguísticas dos participantes dessa interação, indo além da simples tarefa de listá-las. Quanto aos meios, o estudo desenvolvido é um estudo de caso, pois restringe a ocorrência da polidez a apenas enquadres de entrevistas.

A partir do referencial teórico citado nos capítulos anteriores, analisaremos como os interactantes se apresentam diante dos outros na interação verbal, no contexto de uma entrevista de caráter de polemização/confrontação (MEDINA, 2004), e de quais recursos linguísticos, entrevistado e entrevistador se apropriam para preservação de suas faces.

Na língua, são várias as estratégias de polidez: verbos modais (acredito, penso, acho, etc.), perguntas indiretas, verbos nos tempos futuro do pretérito e imperfeito do indicativo, marcadores de atenuação e outras formas linguísticas que demonstram uma preocupação com a imagem social, a própria e a do outro, numa situação interacional.

A partir dessas informações, podemos delimitar nosso *corpus*, que se constituirá de entrevistas realizadas pela revista *Veja* a políticos do cenário nacional nos anos de 2008 e 2009.

Para alcançarmos os objetivos esperados, observamos as seguintes etapas metodológicas no trato com o *corpus*:

- 1) Coleta de entrevistas a políticos pela revista *Veja* nos anos de 2008 e 2009;
- 2) seleção de cinco entrevistas do total coletado nos dois anos;

- 3) desenvolvimento de um amplo estudo bibliográfico sobre teorias pragmáticas que tratem do comportamento verbal em interações sociais;
- 4) conceituação do gênero “entrevista”;
- 5) análise da construção da imagem social dos envolvidos na interação face a face, levando em conta fatores como poder, distância social e normas de conduta impostas pela sociedade;
- 6) observação, por meio da análise do *corpus*, como determinados grupos sociais (políticos do gênero masculino) se comportam em um contexto interacional específico (entrevista);
- 7) constatação de como os falantes organizam o que querem dizer de acordo com o contexto social e interacional.
- 8) análise do movimento de preservação e ameaça às faces dos envolvidos na interação, da observação das estratégias de polidez (Brown e Levinson, 1987), utilizadas ou não pelos interactantes;
- 9) estudo dos marcadores de atenuação nas entrevistas (Rosa, 1992; Galembeck, 2008)
- 10) apresentação dos resultados da análise.

5.1 Definição do *corpus*

Fazemos, neste tópico, uma listagem das cinco entrevistas da revista *Veja* utilizadas como *corpus* de análise nesta pesquisa. Ainda, comentamos, em linhas gerais, o contexto das entrevistas e os assuntos abordados em cada uma.

Vale dizer, que o critério de escolha das entrevistas foi feito pelo fato de as entrevistas escolhidas terem como foco abordado questões relativas à política nacional e não à vida pessoal dos políticos entrevistados, como é o caso da entrevista, não selecionada aqui, ao vice-presidente da República José Alencar, de agosto de 2008, que trata mais da luta que enfrenta contra o câncer nos últimos anos, do que de questões propriamente políticas, fugindo, assim, dos nossos objetivos neste estudo.

1. Entrevista nº 1: Entrevistado: Jarbas Vasconcelos (PMDB) / Entrevistador: Otávio Cabral (Veja) / Data: fevereiro de 2009

Essa entrevista jornalística ao senador Jarbas Vasconcelos (PMDB) aborda o tema da corrupção dentro do partido do senador e outros problemas que a atual política tem enfrentado.

2. Entrevista nº 2: Entrevistado: Fernando Pimentel (PT) / Entrevistador: José Edward (Veja) / Data: fevereiro de 2009

A entrevista a Fernando Pimentel (ex-prefeito de Belo Horizonte - PT) tem como contexto o fato de o presidente Lula tê-lo convidado a chefiar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e a articular a candidatura da ministra Dilma Roussef para a presidência de 2010.

3. Entrevista nº 3: Entrevistado: Guido Mantega (PT) / Entrevistador: Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja) / Data: junho de 2009

Nesta entrevista, o petista e Ministro da Fazenda Guido Mantega comenta sobre os efeitos da crise mundial no Brasil e sobre a sucessão presidencial em 2010.

4. Entrevista nº 4: Entrevistado: Michel Temer (PMDB) / Entrevistador: Otávio Cabral (Veja) / Data: abril de 2009

O peemedebista Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados, é questionado por *Veja*, entre outras polêmicas, sobre a crise ética que atingiu o Parlamento e também sobre a quem dará seu apoio na campanha da presidência de 2010.

5. Entrevista nº 5: Entrevistado: Arlindo Chinaglia (PT) / Entrevistador: Otávio Cabral (Veja) / Data: maio de 2008

O atual deputado federal Arlindo Chinaglia (PT), que em 2008, no momento da entrevista, ocupava o posto de presidente da Câmara dos Deputados, posiciona-se na interação radicalmente contra o terceiro mandato do presidente Lula, muito especulado no ano de 2008, sendo questionado também por assuntos como corrupção e crise no Parlamento.

6. A CONSTRUÇÃO DE FACE E A POLIDEZ LINGUÍSTICA EM ENTREVISTAS DE VEJA

Neste capítulo, analisamos cinco entrevistas selecionadas da revista *Veja*, com o principal objetivo de verificar em nosso *corpus* a validade e a aplicabilidade do referencial teórico visto no primeiro, segundo e terceiro capítulos (teoria sobre a Polidez de Brown e Levinson em especial, mas também algumas contribuições das desenvolvidas Kerbrat-Orecchioni, estudo dos marcadores de atenuação desenvolvido por Rosa e Galembeck, teoria sobre a Face de Goffman, teoria sobre os Atos de Fala de Austin e, por fim, teoria sobre o Princípio da Cooperação de Grice).

6.1 Estratégias de Polidez Positiva

A polidez positiva é, na teoria de Brown e Levinson (1987), destinada à face positiva do ouvinte, que corresponde à vontade do interlocutor de ser aceito e admirado. Equivale, ainda, às estratégias de envolvimento que o falante adota para diminuir a distancia social com seu ouvinte. Fazemos, porém, uma adaptação da teoria desenvolvida por Brown e Levinson (1987) neste estudo, pois enquanto os autores determinam que a polidez positiva é destinada à face positiva do ouvinte (2ª pessoa do discurso - tu) apenas, também destinaremos nosso olhar à face positiva do falante (1ª pessoa do discurso - eu) e de uma terceira pessoa do discurso (ele) se por ventura existir, já que partimos do ponto de vista da interação para desenvolvermos este estudo. Algo importante de comentar é que as entidades falante e ouvinte não são fixas, já que consideramos falante aquele que detém o turno conversacional, e quando o falante perde o poder do turno conversacional, transferindo a outro, passa a ser o ouvinte na interação. Vejamos como ocorre a polidez positiva nas entrevistas:

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): Mas ele foi eleito pela maioria dos senadores.

Jarbas Vasconcelos: Claro, e isso reflete o que pensa a maioria dos colegas de Parlamento. Para mim, não tem nenhum valor se Sarney vai melhorar a gráfica, se vai melhorar os gabinetes, se vai dar aumento aos funcionários. O que importa é que ele não vai mudar a estrutura política nem contribuir para reconstruir uma imagem positiva da Casa. Sarney vai transformar o Senado em um grande Maranhão”.

Neste fragmento da entrevista, Jarbas Vasconcelos, ao dizer “claro”, se utiliza da polidez positiva concordando com seu interlocutor, demonstrando, assim, uma preocupação com face positiva do entrevistador de *Veja*, mesmo quando a fala de seu interlocutor é uma espécie de discordância à sua fala anterior: “mas ele foi eleito...”.

Percebemos, ainda, a utilização de um marcador conversacional de opinião, “para mim”, usado por Jarbas Vasconcelos com o objetivo de atenuar a opinião que carrega em sua fala, deixando claro que as afirmações que faz a respeito de Sarney, são um ponto de vista, e não uma verdade incontestável, isso para passar, minimamente, a imagem de uma pessoa respeitosa, que tem consciência de que sua posição é meramente opinativa.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): Como o senhor avalia a sua atuação no senado?

Jarbas Vasconcelos: Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourou o escândalo do Renan (...). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um

dissidente do meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante”.

A expressão “às vezes” inclui-se no que Rosa (1992) denominou *hedges* indicadores de incerteza, e marcam uma incerteza do locutor quanto a frequência de seus atos.

No trecho sublinhado acima, Jarbas se coloca na posição de “vítima”, fazendo um trabalho de construção de sua face positiva, justificada pela necessidade de ser aceito que, para ele, corresponde a não ser visto como um dos muitos integrantes de seu partido que se corrompem facilmente. A mesma estratégia de construção da própria face positiva pode ser vista abaixo, na entrevista a Fernando Pimentel:

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Qual? A chefia do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social?

Fernando Pimentel: Acho que meu perfil se encaixa nessa função. Sou um economista com larga experiência administrativa e tenho bom trânsito junto aos sindicatos e ao empresariado”.

Já que a resposta de Fernando Pimentel é um autoelogio, o que pode ser interpretado por alguns como falta de modéstia, ou até mesmo com arrogância, o político se utiliza de um marcador de opinião, visto na expressão “acho que”, para assim evitar uma fala taxativa, para deixar evidente que o que diz é o seu ponto de vista sobre o assunto.

Fernando Pimentel, como dito acima, utiliza-se de um recurso de autoelogio para construir sua face positiva, provavelmente, com o objetivo de que sua imagem social seja admirada pelo seu interlocutor e pelos leitores de *Veja*. Seu elogio a si mesmo e sua vontade de ser aceito pode ser percebida na sua escolha do léxico de adjetivação ao se referir aos seus atributos: “larga experiência” e “bom trânsito”. O mesmo pode ser percebido no trecho seguinte:

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Por causa dessa aliança o senhor é acusado de só pensar em se viabilizar como candidato à sucessão de Aécio.

Fernando Pimentel: O discurso de 2010 é balela, mas reconheço que há uma divisão no PT. O que está em jogo no partido – não só em Minas, mas em todo o país – é mais complicado. De um lado estão aqueles que, como eu, querem que o PT incorpore a nova classe média, que veio à tona no governo Lula. Do outro, estão aqueles que querem que o PT continue a ser um partido de inspiração bolchevique. Essa gente ainda acredita que o sujeito tem de ler O Capital e rezar pela cartilha marxista-leninista para militar no PT. Um setorzinho xiita de Minas pensa assim e levou de roldão líderes como Patrus Ananias e Luiz Dulci (secretário-geral da Presidência). A maioria do partido e o presidente Lula não têm essa concepção estreita”.

Fernando Pimentel novamente elogia o seu posicionamento político, fazendo um trabalho de face, construindo, constantemente, sua face positiva. Com sua fala, faz questão de se diferenciar de determinadas pessoas de seu partido que tomam posicionamento radical. A estratégia de polidez positiva, porém, não é usada somente para construção de sua própria face, o que pode ser visto em outro fragmento da mesma entrevista:

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Aécio não pode ser candidato por outro partido?

Fernando Pimentel: Aécio é um homem público admirável, com trajetória para ser candidato por qualquer legenda, mas acho difícil que ele construa uma candidatura consistente fora do ninho tucano. PT e PSDB são, hoje, os dois únicos partidos com projeto nacional, e ele sabe disso, por ser dotado de um grande senso de realismo. Também não acredito que Aécio comportaria uma chapa puro-sangue com Serra. É mais provável que dispute o senado, para o

qual tem eleição praticamente garantida. Dali, poderia articular sua própria candidatura em 2014 ou 2018”.

Neste fragmento da entrevista, Fernando Pimentel faz uso de marcadores de atenuação. Quando diz “acho difícil que ele construa...”, deixa claro que sua fala em relação a Aécio Neves é uma opinião, mitigando, assim, os efeitos de um ato de fala taxativo. Transmite incerteza, com o uso do *hedge* “é mais provável que...”, demonstrando que se preocupa com sua imagem, procurando ser polido.

No trecho grifado, Fernando Pimentel adota a polidez positiva no elogio direcionado ao político Aécio Neves, ou seja, a uma terceira pessoa do discurso. Com isso, percebemos que a construção de face (ou a ameaça) pode ocorrer não só como uma atitude do falante em relação ao ouvinte, como Brown e Levinson (1987) determinam, mas também como uma atitude do falante à sua própria face e, ainda, do falante em relação à face de indivíduos que não estão participando do momento interacional. Segue outro exemplo:

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Que vantagens Dilma teria em relação a Serra?

Fernando Pimentel: Ela conta com a bandeira dos avanços sociais do governo Lula. Na campanha, vamos ver se o Serra usou mesmo aquele orçamento extraordinário que São Paulo tem para melhorar os indicadores do estado. Além disso, sua visão do Brasil é muito paulista. Dilma é mineira com trajetória no Rio Grande do Sul. Olha o Brasil de forma mais abrangente. É comprometida com o país, eticamente irrepreensível, tem uma imensa capacidade de trabalho, e demonstrou preparo ao colocar o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) para andar”.

Neste fragmento da entrevista acima, Pimentel, novamente, utiliza a polidez positiva para construir a face de alguém não envolvido na interação verbal da entrevista. Elogia a ministra Dilma Houssef, destinando a polidez

positiva à face positiva da ministra, pessoa que ele terá a função de ajudar nas eleições presidenciais de 2010.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Mas, afinal, o senhor é candidato a governador de Minas Gerais?

Fernando Pimentel: Não posso dizer que sou, mas meu nome está colocado nessa disputa. Fui prefeito da capital, saí do cargo com um alto índice de aprovação, e fiz meu sucessor. Mas minha candidatura depende da estratégia do partido para eleger o próximo presidente e da união do PT de Minas. Além disso, precisamos assegurar aos mineiros que não vamos desconstruir o que o governo Aécio fez de bom”.

No fragmento acima, é nítida a utilização de autoelogio, auxiliando na construção de sua face positiva.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Como o senhor, que militou em uma organização de extrema esquerda, avalia a decisão do governo de negar à Itália a extradição do terrorista Cesare Battisti?

Fernando Pimentel: Prefiro não comentar, até porque não conheço detalhes do processo. O que posso dizer é que a opção que a esquerda italiana fez pela luta armada foi um erro político crasso. A Itália não passou por uma ditadura como o Brasil. Aqui, nós nos envolvemos na luta armada porque enfrentávamos um governo ilegítimo, que tomou o poder à força. Podemos ter cometido um erro político, mas nossa ação era eticamente justificável. Na Europa, não. Lá, ninguém rasgou constituição. Optaram pela luta armada em um período de democracia, o que, por si só, é moralmente condenável.

E, como não havia ditadura, é difícil distinguir crimes políticos de crimes comuns”.

Acima, no trecho em destaque, o que seria uma ameaça de Fernando Pimentel à sua própria face positiva, quando assume um erro do governo e se inclui, não acontece, pois o erro é seguido de uma justificativa. Usa de polidez positiva para não ameaçar sua face positiva nem a face de pessoas do governo: “nossa ação era eticamente justificável”.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): A folha de pagamentos do governo tem inchado com aumentos salariais e contratação de servidores. Isso põe em risco o equilíbrio fiscal?

Fernando Pimentel: Concordo que o aumento da folha é preocupante. Os reajustes salariais concedidos em 2008 terão impacto no equilíbrio fiscal. Não dará para ser generoso nesse campo. Mas a maior parte das contratações futuras ocorrerá por determinação do Ministério Público, para substituir funcionários terceirizados”.

A polidez positiva é usada explicitamente por Fernando Pimentel: “concordo”, diz ele, e com essa atitude verbal respeita duas estratégias semelhantes listadas por Brown e Levinson (1987): “procure concordar” e “distancie-se da discordância”

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): O senhor está entre os que acham que o Banco Central demorou a baixar os juros?

Fernando Pimentel: A queda iniciada em janeiro poderia ter começado há três meses. O Banco Central errou um pouco no timing, mas não demonizo a instituição nem seu presidente, Henrique Meirelles. Sem o rigor deles, não teríamos hoje reservas

de 200 bilhões de dólares para manejar a variação cambial e atravessar bem a crise. Mas o mais importante é que temos condições propícias para continuar a baixar os juros. Como me disse o presidente Lula, estamos ganhando o jogo e o Pelé ainda nem entrou em campo. Pelé, no caso, é uma metáfora futebolística para a redução dos juros, uma arma poderosa de que o país dispõe para enfrentar a crise”.

O fragmento acima é um bom exemplo para esclarecermos a questão de que a polidez não tem, necessariamente, a ver com o conteúdo de nossas falas, diálogos e interações, mas sim com a forma que elaboramos o que dizemos. Em outras palavras, Fernando Pimentel faz uma crítica ao fato de o Banco Central ter demorado a baixar os juros e, conseqüentemente, essa crítica também atinge o presidente do Banco Central Henrique Meirelles. Apesar de sua crítica, que pode ser considerada como um ato ameaçador de face (FTA), a forma como elabora o conteúdo de sua fala é polida, cortês, na tentativa de minimizar o julgamento, mitigando os efeitos do FTA, dizendo: “errou um pouco”, “não demonizo a instituição”, “sem o rigor deles, não teríamos hoje reservas...”.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Mas, afinal, o senhor é candidato a governador de Minas Gerais?

Fernando Pimentel: Não posso dizer que sou, mas meu nome está colocado nessa disputa. Fui prefeito da capital, saí do cargo com um alto índice de aprovação, e fiz meu sucessor. Mas minha candidatura depende da estratégia do partido para eleger o próximo presidente e da união do PT de Minas. Além disso, precisamos assegurar aos mineiros que não vamos desconstruir o que o governo Aécio fez de bom”.

Fernando Pimentel, nesse fragmento, ao mesmo tempo em que tenta preservar seu território pessoal (FACE NEGATIVA), **ele também tenta preservar sua Face Positiva e a de seus assessores. Usando a 1ª pessoa do plural ele está incluindo os outros nos seus feitos, enfatizando dessa forma desejos e objetivos mútuos.**

Fragmento de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): O Brasil passou com louvor pelo teste político de ser governado pela esquerda. O senhor diria que a crise financeira mundial foi a grande prova para a economia e também fomos aprovados?

Guido Mantega: Quem disser que esta crise não foi o maior “stress test” do século estará mentindo ou desinformado. Foi um teste brutal, e o Brasil está se saindo muito bem até agora. Saiu-se bem em relação a si mesmo, pois provações bem menos vigorosas no passado nos deixaram de joelhos. Saiu-se bem também em comparação com os demais países emergentes e em comparação com as economias mais maduras. Para completar o quadro positivo, houve um reconhecimento quase universal do nível de preparo do Brasil para enfrentar situações internacionais adversas. Isso é um prenúncio de que, quando a crise amainar ainda mais, começará a haver uma sobra de capital, uma liquidez enorme no mundo, que vai procurar um lugar seguro e promissor para investir. Posso afirmar sem medo de errar que uma porção substancial desse capital virá para o Brasil”.

Neste fragmento, os entrevistadores de *Veja* optam por um elogio ao partido do ministro Guido Mantega e, ao elogiarem o PT, reconhecem as qualidades do outro, estratégia de polidez positiva listada por Brown e Levinson (1987). Com esse ato valorizador de face (Kerbrat-Orecchioni, 2005), os entrevistadores possibilitam a construção da face positiva de Mantega. Em

resposta, o ministro reforça sua face positiva, que está fortalecida nesse momento da interação, elencando várias características positivas a seu favor e a favor de seu partido.

Fragmento de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): O governo Fernando Henrique transcorreu sob uma tensão constante, positiva até, entre correntes ditas desenvolvimentistas e monetaristas. Qual a grande polarização interna na formulação da política econômica do governo Lula?

Guido Mantega: Tentou-se explorar uma potencial disputa entre o Ministério da Fazenda e o Banco Central. Mas isso durou pouco. Não existe essa polarização. Cada um faz seu trabalho. Cada um tem uma área específica. Trabalhamos juntos, nos reunimos toda semana, discutimos os problemas do país e buscamos sempre uma sintonia. Pensamos igualmente sobre todos os assuntos? Não. Lá fora, cada um tem seu ponto de vista diferente sobre A ou B. Mas, no governo, essas diferentes visões precisam ser direcionadas para a obtenção do objetivo comum”.

No trecho grifado, Guido Mantega adota a polidez positiva no elogio direcionado ao governo realizado pelo seu partido, o que conseqüentemente o inclui. Tenta, dessa forma, reforçar algumas qualidades, para que sua face positiva, ou seja, seu desejo de ser admirado, se mantenha.

Fragmento de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): O governo Lula já passou por uma série de escândalos e crises. Mesmo assim, ele é o presidente mais popular de todos os tempos. Qual é o segredo do sucesso do governo?

Michel Temer: Os grandes segredos do Lula são a espontaneidade e a intuição política extraordinárias. Ele tem uma linguagem que o povo entende diretamente. E também conseguiu feitos significativos.

Para um país que era todo endividado, passar a emprestar dinheiro ao FMI é extraordinário. Ele se comportou bem na área econômica e na área social, com o Bolsa Família, que lhe deu grande projeção. E na política externa ele teve grande sucesso. Convenhamos: o Obama dizer que ele é o cara é uma coisa estupenda”.

Nesse fragmento, os elogios são muitos ao presidente Lula, o que confirma o estudo de Kerbrat-Orecchioni (2005) de que nem todos atos de fala são ameaçadores de face, alguns são valorizadores de face. Quando reconhece as qualidades de Lula, reforça a face positiva do presidente e, conseqüentemente a sua. O entrevistador também adota a polidez positiva quando reconhece a popularidade de Lula.

Fragmento de entrevista nº 5

“Otávio Cabral (Veja): A reforma tributária é prometida por todos os candidatos e é mandada ao Congresso por todos os governos, mas nunca sai do papel. Há alguma chance de que agora seja diferente?

Arlindo Chinaglia: A reforma vai ser aprovada, com certeza. A comissão especial cumprirá o prazo regimental de quarenta sessões para analisá-la. Aí vai para a votação em plenário. Quem tem poder de colocá-la na pauta sou eu. E vou colocá-la. Isso eu garanto. Não estou dizendo isso por arrogância, mas para que os envolvidos não trabalhem com a idéia de que ela não será feita. Então, que todos se mobilizem para defender seus pontos de vista. Não contem com a omissão da Câmara”.

Uma das estratégias de polidez positiva, determina: “ofereça, prometa” (Brown; Levinson, 1987). É o que faz o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, ao receber a crítica de Otávio Cabral de que a reforma tributária é um assunto que só fica no papel, que não acontece na prática. Com sua promessa de cumprimento da reforma, Chinaglia faz um trabalho de face destinado à sua face positiva.

6.2 Estratégias de Polidez Negativa

Assim como a polidez positiva é destinada à face positiva do ouvinte, a polidez negativa, na teoria de Brown e Levinson (1987) é destinada à face negativa do ouvinte. Corresponde a um tratamento respeitoso e ao desejo de não sofrer a imposição e não ter o “território” pessoal invadido. Adaptamos, aqui, a teoria utilizada, já que defendemos a ideia de que a polidez negativa pode ser destinada à própria face, à face do ouvinte e à de outros não envolvidos diretamente na conversação.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): Como o senhor avalia a sua atuação no senado?

Jarbas Vasconcelos: Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourou o escândalo do Renan (...). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente do meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante”.

No fragmento acima, Otávio Cabral (Veja) utiliza uma forma de tratamento respeitosa, “senhor”, demonstrando respeito à face negativa do entrevistado. Embora a pergunta do entrevistador pudesse ser avaliada como uma provocação (ameaça à face negativa), o entrevistado minimiza essa provável provocação, dando explicações, tentando não criar uma situação constrangedora. O entrevistador poderia ter confrontado o entrevistado, afirmando sua ineficiência no Senado, mas optou por fazer uma pergunta de modo que o próprio entrevistado pudesse fornecer suas justificativas.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): Para que o PMDB quer cargos?

Jarbas Vasconcelos: Para fazer negócios, ganhar comissões. Alguns ainda buscam o prestígio político. Mas a maioria dos peemedebistas se especializou nessas coisas pelas quais os governos são denunciados: manipulação de licitações, contratações dirigidas, corrupção em geral. A corrupção está impregnada em todos os partidos. Boa parte do PMDB quer mesmo é corrupção”.

Tanto o entrevistador quanto o entrevistado utilizam de polidez negativa ao usar de impessoalização, quando ambos evitam, nesse momento interacional, citar nomes específicos de pessoas corruptas. Ao contrário, optam pela estratégia de generalização, usando o nome do partido ao invés de nomes de determinados políticos.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Mas, afinal, o senhor é candidato a governador de Minas Gerais?

Fernando Pimentel: Não posso dizer que sou, mas meu nome está colocado nessa disputa. Fui prefeito da capital, saí do cargo com um alto índice de aprovação, e fiz meu sucessor. Mas minha candidatura depende da estratégia do partido para eleger o próximo presidente e da união do PT de Minas. Além disso, precisamos assegurar aos mineiros que não vamos desconstruir o que o governo Aécio fez de bom”.

Assim como na entrevista a Jarbas Vasconcelos, nesta novamente a revista *Veja* opta pelo tratamento “senhor” a seu entrevistado, tratamento que pode ser tido como respeitoso, já que o entrevistador poderia se referir a seus interlocutores como “você”. Ao mesmo tempo em que o tratamento é respeitoso, é também um estratégico jeito de se distanciar do ouvinte para evitar imposição ou invasão em seu “terreno”, e, por tais motivos, consideramos que o entrevistador adota uma estratégia de polidez negativa.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Na semana passada, dois peemedebistas, Michel e Temer e José Sarney, conquistaram as presidências da Câmara e do Senado. Que impacto isso pode ter em 2010?

Fernando Pimentel: Acho que o significado disso está sendo superestimado. O fato de o PMDB ter ganhado a Câmara e derrotado um petista (Tião Viana) no Senado não é o fim do mundo. Não será decisivo sequer para que o partido apóie esse ou aquele candidato em 2010. O PMDB é um condomínio de interesses regionais e dificilmente marchará unido na eleição presidencial, mesmo que indique o vice em uma das chapas”.

Ao dizer “acho que o significado disso está sendo superestimado”, Fernando Pimentel evita uma fala taxativa, optando por uma maneira modalizada de se comunicar, não diz que o significado *está* sendo superestimado, como se isso fosse um fato incontestável, e sim que “*pensa / acha*” que está sendo superestimado por muitos, faz uso, portanto, de um marcador de opinião. Por mais que esteja convicto do que diz, usa de polidez negativa para não impor suas idéias ao ouvinte e não ameaçar sua face negativa e a de seu interlocutor.

Fragmento de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): Quando o senhor discutia as idéias econômicas do PT nos anos 80, seria levado a sério alguém que dissesse que a verdadeira revolução brasileira viria pela estabilidade econômica e pela criação de uma nova classe média?

Guido Mantega: Seria uma surpresa ainda maior se essa pessoa dissesse que isso ocorreria em um governo do PT. O que importa mesmo é termos conseguido atingir nossos objetivos históricos. Eles nunca mudaram. Sempre foram elevar a qualidade de vida de todos

os brasileiros, em especial daqueles com maiores carências, fortalecer a democracia, modernizar ainda mais a economia, tornar o Brasil um país menos dependente, menos vulnerável e fortemente respeitado no exterior. Nossa passagem pelo governo e a maneira como enfrentamos as crises externas e internas me permitem dizer o que todo mundo repete lá fora: para o Brasil o futuro, finalmente, chegou. O sinal mais evidente disso é estarmos caminhando para mais uma eleição presidencial e, desta vez, sem dar chance aos especuladores de explorar riscos reais e imaginários como no passado. Espero que saia vencedora nossa candidata, a ministra Dilma Rousseff, mas, seja quem for o novo presidente eleito em 2010, ele não terá como mudar radicalmente os rumos do país. Não vai desfigurar a política econômica, tampouco a social. Se relaxar no combate à inflação, estará em apuros. Se acabar com o Bolsa Família, correrá o risco de ser deposto”.

Assim como nas entrevistas anteriores, mais uma vez a revista *Veja* opta pelo tratamento “senhor” a seu entrevistado, tratamento que pode ser tido como respeitoso, já que o entrevistador poderia se referir a seu interlocutor mais informalmente. Preserva, com esse distanciamento, o “território” do ministro.

Fragmento de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (*Veja*): O senhor já ouviu propostas não republicanas em seu gabinete?

Guido Mantega: Há uma filtragem muito eficiente até alguém conseguir sentar aqui na frente do ministro. Mas, às vezes, algumas pessoas chegam achando que o estado está a serviço de si mesmo ou de determinada empresa ou de algum mandato. Mas essas propostas não prosperam”.

Nesse momento interacional, Mantega adota, como saída à pergunta indiscreta dos entrevistadores, a estratégia de polidez negativa “impessoalize o

falante e ouvinte”, já que utiliza a expressão “do ministro” para se referir a ele próprio. Um uso mais comum seria dizer que “há uma filtragem muito eficiente até alguém conseguir sentar na minha frente”. Logo em seguida, faz uso de *hedges* de incerteza (Rosa, 1992; Galembeck, 2008), para atenuar a afirmação que faz de que “algumas pessoas chegam achando que o estado está a serviço de si mesmo ou de determinada empresa ou de algum mandato”.

Fragmentos de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): Alguns analistas temem que essa “corrida para o Brasil” produza uma bolha. O senhor compartilha esse temor?

Guido Mantega: Não temos esse temor e não pensamos em taxar o investimento estrangeiro. Isso só é necessário em situações muito excepcionais, quando tudo que entra vai para aplicações financeiras. No ano passado, quando houve um fluxo exagerado de dólares direcionado à renda fixa, decidimos taxar essas operações em 1,5%, pois elas estavam atrapalhando o funcionamento da economia. Não é o caso agora no Brasil. Estamos falando em uma economia que vai crescer de 3% a 4% já no próximo ano, que tem necessidade e condições de usar produtivamente a médio prazo todo o capital externo que puder atrair”.

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): Com gastos de custeio que crescem a cada ano e já dono de 40% de toda riqueza do país expressa pelo PIB, não chegou a hora de o estado brasileiro começar a pesar menos sobre os ombros dos contribuintes?

Guido Mantega: Nós temos reduzido os impostos, reduzimos o IPI de quase tudo e vamos reduzir mais quando as condições possibilitarem. Mas o custo da folha de pagamento ainda é muito alto para as empresas no Brasil. A contribuição previdenciária é bastante elevada, e isso resulta em prejuízo para o próprio empregado. Vamos atacar isso sem que implique perda de direitos

para os trabalhadores. O custo de criar e manter um emprego no Brasil tem de cair rapidamente. Todos ganhariam com isso”.

Nos fragmentos acima, Mantega, adota a estratégia de polidez negativa, quando impessoaliza o que diz. A pergunta dos entrevistadores é direta, mas o político evita a primeira pessoa do singular. Assim, tenta preservar sua face negativa, seu território pessoal.

Fragmento de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): Se o PMDB não tiver mesmo candidato, o senhor estará no palanque de Dilma Roussef ou de José Serra?

Michel Temer: Não sei. Divulgam muito que vou ser vice da Dilma, como já se falou também da possibilidade de eu ser o vice do Serra. Ainda não é o momento de falar de campanha presidencial”.

Temos nesse fragmento, novamente, o tratamento respeitoso “senhor” adotado pela *Veja* ao se referir a seu entrevistado. Preserva, com esse distanciamento, o “território” do ministro. Ainda, notamos que o então presidente da Câmara dos Deputados Michel Temer usa, em sua resposta, um marcador de atenuação, um *hedge* indicadores de incerteza, deixando claro que não quer fazer afirmações que o comprometam, prefere demonstrar incerteza no que declara.

Fragmento de entrevista nº 5

“Otávio Cabral (Veja): O senhor fez da mudança das regras provisórias suas bandeiras de campanha. Mesmo assim, ainda não houve modificação na legislação e o governo continua abusando das MPs. Há possibilidade de alguma mudança ainda no seu mandato?

Arlindo Chinaglia: Vamos votar a mudança do rito de tramitação, que prevê que as medidas provisórias não poderão mais trancar a pauta. Esse trancamento da pauta é nocivo. Desde o fim do ano

passado, quando da tramitação da CPMF, a pauta esteve trancada por MPs. Foram sete meses de trancamento. Só agora conseguimos limpar a pauta e votar projetos vitais, como o pacote de segurança. Há um entendimento entre as bancadas da Câmara e do Senado para que o projeto seja aprovado neste ano. Farei de tudo para que essa mudança entre em vigor ainda na gestão”.

A pergunta de Otávio Cabral a Arlindo Chinaglia é direta, remetendo a atos feitos pelo político. Na resposta, porém, Chinaglia opta pela impessoalização, mesmo a pergunta sendo direta. Dessa forma, adota a estratégia de polidez negativa “Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes eu e você” (BROWN; LEVINSON, 1987).

Fragmento de entrevista nº 5

“Otávio Cabral (Veja): O senhor acredita na viabilidade eleitoral da ministra Dilma?

Arlindo Chinaglia: Sem dúvida. Ela não tem tradição de eleição, mas pode superar esse problema. O Fernando Lugo (presidente eleito do Paraguai) também nunca tinha disputado uma eleição. A Dilma faz um bom trabalho em um governo altamente popular. O presidente altamente popular reconhece na Dilma a pessoa que reúne melhores condições de seguir seu trabalho. Isso é um apoio muito forte. Lula tem tudo para fazer de Dilma sua sucessora”.

Mais uma vez, o tratamento “senhor” aparece, assim como em todas as entrevistas anteriores. Fica evidente que esse é o tratamento adotado em todas as entrevistas. Com esse uso, os entrevistadores demonstram respeito pelo entrevistado, reconhecendo a importância do outro, evitando invasão do território de quem está sendo entrevistado. É possível perceber a preferência por parte da revista de que as ameaças às faces estejam em outros pontos da interação, como no tópico de discussão, e não no tratamento.

6.3 Estratégias de Polidez Indireta

Diferentemente da polidez positiva e da polidez negativa, as estratégias de polidez indireta são utilizadas pelo locutor para que ele não se comprometa diante do que fala, deixando saídas para outras interpretações, transferindo ao ouvinte a responsabilidade de interpretar seu comportamento, seus enunciados. Por meio dessas estratégias, o locutor pode produzir atos ameaçadores às faces do ouvinte, mas, de forma indireta, evitando comprometer-se. Em outras palavras, esse tipo de escolha é mais ameaçador para a face do outro que a polidez positiva e a polidez negativa, mas é uma saída para quando se precisa ou se quer dizer o que é ameaçador sem ser direto, esquivando-se de um comprometimento do que é enunciado.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): O que representa para a política brasileira a eleição de José Sarney para a presidência do Senado?

Jarbas Vasconcelos: É um completo retrocesso. A eleição de Sarney foi um processo tortuoso e constrangedor. Havia um candidato, Tião Viana, que embora petista, estava comprometido em recuperar a imagem do Senado. De repente, Sarney apareceu como candidato, sem nenhum compromisso ético, sem nenhuma preocupação com o Senado, e se elegeu. A moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do Senador”.

Ao dizer que Tião Viana seria um bom senador “embora petista”, Jarbas usa de ironia, fazendo uma insinuação a respeito do que pensa do Partido Trabalhista, deixando saídas para outras interpretações. Ao ser irônico, Jarbas, segundo Brown e Levinson (1987) fere a máxima da qualidade de Grice (1982). Quando Jarbas fere uma máxima, gera uma implicatura, que deve ser interpretada pelo ouvinte e pelos leitores de *Veja* da seguinte forma: petistas, em geral, não são bons políticos e bons senadores. Utiliza, portanto, de polidez indireta, para não se comprometer de forma muito explícita com o que fala. Vejamos como a indiretividade aparece no fragmento a seguir:

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): Como o senhor avalia a sua atuação no senado?

Jarbas Vasconcelos: Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourou o escândalo do Renan (...). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente do meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante”.

Na resposta à pergunta de Otávio Cabral, o senador adota uma estratégia de polidez indireta, com uma questão retórica: “às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui”, se esquivando de um comprometimento diante da pergunta de *Veja*. Ao invés de aceitar a provocação da pergunta feita a ele, Jarbas esquia-se da resposta, sendo indireto, talvez como forma de proteger suas faces.

É perceptível, nesse exemplo, a fuga Jarbas da pergunta de *Veja*, tentando contornar a pergunta, sendo evasivo e indireto. Ocorre, dessa forma, um desrespeito às máximas conversacionais (GRICE, 1982), o que gera a implicatura de que Jarbas não é cooperativo e não continua o assunto pois a pergunta invade seu território pessoal.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Mas, afinal, o senhor é candidato a governador de Minas Gerais?

Fernando Pimentel: Não posso dizer que sou, mas meu nome está colocado nessa disputa. Fui prefeito da capital, saí do cargo com um alto índice de aprovação, e fiz meu sucessor. Mas minha candidatura depende da estratégia do partido para eleger o próximo

presidente e da união do PT de Minas. Além disso, precisamos assegurar aos mineiros que não vamos desconstruir o que o governo Aécio fez de bom”.

É bem nítida a fuga de Fernando Pimentel de uma resposta direta à pergunta de *Veja*. Escolhe a indiretividade, pois assumir riscos não é vantajoso quando se pode dar voltas e evitar uma possível ameaça das faces. A mesma estratégia pode ser notada no fragmento abaixo, da mesma entrevista, quando o entrevistado, mais uma vez, desvia-se de falas que comprometeriam sua imagem social, imagem que ele parece querer preservar diante não somente do entrevistador e dos leitores da revista *Veja*, mas como de seus colegas de partido e outros políticos também. No momento em que Fernando Pimentel diz “prefiro não comentar”, demonstra ter muito zelo por sua imagem, ser alguém que evita o conflito e as interações ameaçadoras.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (*Veja*): Como o senhor, que militou em uma organização de extrema esquerda, avalia a decisão do governo de negar à Itália a extradição do terrorista Cesare Battisti?

Fernando Pimentel: Prefiro não comentar, até porque não conheço detalhes do processo. O que posso dizer é que a opção que a esquerda italiana fez pela luta armada foi um erro político crasso. A Itália não passou por uma ditadura como o Brasil. Aqui, nós nos envolvemos na luta armada porque enfrentávamos um governo ilegítimo, que tomou o poder à força. Podemos ter cometido um erro político, mas nossa ação era eticamente justificável. Na Europa, não. Lá, ninguém rasgou constituição. Optaram pela luta armada em um período de democracia, o que, por si só, é moralmente condenável. E, como não havia ditadura, é difícil distinguir crimes políticos de crimes comuns”.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Quais são as chances do vice de Dilma vir do PMDB?

Fernando Pimentel: Seria muita pretensão dar um palpite em um partido que não é o meu, mas temos de dar um crédito de confiança aos líderes do PMDB que são ministros do governo e que, até onde se sabe, trabalham para que seu partido marche com o nosso candidato em 2010. Por isso, diria que a chance é razoável para boa. Mais do que isso, não diria. O PMDB tem muitas divisões”.

Neste fragmento, assim como no anterior, Fernando Pimentel segue a mesma estratégia de fugir à pergunta feita, declarando “seria muita pretensão dar um palpite em um partido que não é o meu” e, ainda, “mais do que isso, não diria”, tenta manter sua face mesmo que isso coloque em jogo a qualidade informativa da entrevista, já que, por muitas vezes, opta por não falar sobre assuntos ao invés de tentar levá-los de uma maneira menos ameaçadora.

No trecho sublinhado, notamos, por parte de Fernando Pimentel, a tentativa de descomprometimento diante de seu enunciado. Ao dizer “até onde se sabe”, não dá certeza sobre o que diz, dá apenas um parecer.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): O senhor se refere à cirurgia plástica que ela fez e ao fato de ela ter trocado os óculos fundo de garrafa por lentes de contato?

Fernando Pimentel: Não acho que ela tenha feito plástica só para ser candidata. Fez porque está bem consigo mesma e queria se sentir ainda melhor. A plástica realçou os melhores traços da ministra. Quanto aos óculos, gostaria de lembrar que eles já estiveram na moda. Tinham lá seu charme, sobretudo entre intelectuais e militantes de esquerda. Só não vou dizer que ela ficou mais jovem. É perigoso falar da idade dos outros... Ainda mais se for mulher. Pode até virar contra mim...”

Neste fragmento, Fernando Pimentel é bem explícito quanto a sua vontade de não se comprometer, evita certos assuntos (como idade de mulher), pois sabe que eles podem ser perigosos à sua face, são ameaçadores por natureza, ou seja, adota polidez indireta para não se comprometer, para deixar o ouvinte fazer interpretações e se esquivar, assim, da responsabilidade de seus enunciados.

Em “não acho que”, Fernando Pimentel faz uso de um marcador de opinião, optando mais uma vez pela atenuação de uma possível ameaça às faces envolvidas na interação.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): O senhor está entre os que acham que o Banco Central demorou a baixar os juros?

Fernando Pimentel: A queda iniciada em janeiro poderia ter começado há três meses. O Banco Central errou um pouco no timing, mas não demonizo a instituição nem seu presidente, Henrique Meirelles. Sem o rigor deles, não teríamos hoje reservas de 200 bilhões de dólares para manejar a variação cambial e atravessar bem a crise. Mas o mais importante é que temos condições propícias para continuar a baixar os juros. Como me disse o presidente Lula, estamos ganhando o jogo e o Pelé ainda nem entrou em campo. Pelé, no caso, é uma metáfora futebolística para a redução dos juros, uma arma poderosa de que o país dispõe para enfrentar a crise”.

A metáfora é, segundo Brown e Levinson (1987), mais um recurso de polidez indireta que os falantes devem utilizar quando não querem ser responsabilizados por enunciados comprometedores, deixando ao ouvinte o papel interpretativo. Neste fragmento, Fernando Pimentel fere a máxima do modo, gerando uma implicatura, quando cita uma metáfora do presidente Lula: “estamos ganhando o jogo e o Pelé ainda nem entrou em campo”. Implicatura que faz questão de explicar posteriormente: “Pelé, no caso, é uma metáfora

futebolística para a redução dos juros, uma arma poderosa de que o país dispõe para enfrentar a crise”.

Fragmentos de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): Em 2002, o mercado se apavorou com Lula e o risco-país bateu em 2400 pontos, um recorde. A desconfiança foi exagerada?

Guido Mantega: Isso foi em outubro de 2002. Lula liderava as pesquisas e havia um acúmulo de percepções negativas sobre como se comportaria a esquerda brasileira, que pela primeira vez chegava ao poder em nível federal. Muita gente falava que haveria quebra de contratos, de princípios, e que nós não iríamos respeitar as instituições. Somava-se a isso a própria fragilidade da economia brasileira naquele momento. O nível de reservas internacionais estava muito baixo, os investimentos estrangeiros diretos tinham despencado e, para piorar, o país ainda sentia os impactos de uma grave crise de energia. Então, por mais que reformássemos nosso compromisso com a responsabilidade na condução da economia, as percepções negativas se mantiveram. Elas só se dissiparam mesmo quando começamos a governar e não quebramos um contrato sequer, adotamos uma política fiscal mais vigorosa do que a do governo anterior, reforçamos a luta contra a inflação e continuamos arrumando o país”.

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): Continuaram...? Mas, então, o mundo não começou no dia da posse de Lula?

Guido Mantega: Ironias à parte, fomos nós quem demos a grande virada no país ao incentivar o crescimento. Demos a virada por nossos próprios méritos, principalmente pelo fato de o presidente Lula ser um político conciliador e avesso a rupturas e por sabermos aproveitarmos a excelente situação da economia externa que vigorou até o ano passado. Mas é óbvio para qualquer um que é

obra também de governos passados o fato de dispormos atualmente da democracia mais funcional e das instituições mais avançadas entre todos os principais países emergentes, chamados de Brics por alguns. Nós construímos em quinze, vinte anos instituições sólidas no país. Hoje não se aceita mais que as políticas públicas sejam feitas sem ouvir os trabalhadores e sem que elas visem a diminuir a pobreza e a concentração de renda. O Brasil era um país vergonhoso. Agora há um consenso em torno de pontos vitais, e, repito, seja qual for o próximo governo, ele vai continuar acumulando reservas, diminuindo a vulnerabilidade externa, vai manter a inflação sob controle e dar continuidade aos programas sociais. As diferenças entre um e outro candidato sempre existirão, mas dificilmente elas serão tão profundas ao ponto de tirar o país do caminho que está trilhando com tanto sucesso”.

A polidez indireta é, nesse fragmento, adotada pelos entrevistadores de *Veja* a partir de uma brecha da fala de Mantega, quando diz “continuamos arrumando o país”. Brown e Levinson (1987) determinam “seja irônico” quando se quer evitar um comprometimento diante do que se fala, quando se quer dizer algo comprometedor sem se responsabilizar pelo que que é dito, deixando a interpretação ao ouvinte. A ironia é detectada por Mantega e declara está consciente.

Fragmento de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (*Veja*): Que dados são esses?

Guido Mantega: Todos os setores da economia brasileira já começam a reportar uma retomada. Em ritmo diferente, claro, mas todos estão começando a acelerar. Mesmo o setor industrial, que tem problemas mais específicos e mais profundos, já dá sinais muito claros de recuperação. Outro sinal inequívoco de que as nuvens de tempestade estão se dissipando vem de fora. Nas primeiras semanas de maio, a bolsa de valores recebeu quase 5 bilhões de

dólares. Esse tipo de investimento é uma boa leitura de radar do que está para ocorrer na economia real. De modo geral, quando não se trata de especulação, os investidores vão para a bolsa de um país com a expectativa de se posicionar para ganhar com a valorização das ações que resultará do esperado crescimento econômico. Quando se olha o IED, o investimento estrangeiro direto, feito em fábricas e outros bens no Brasil, os números também são bons. Em abril entraram no país 3,5 bilhões de dólares. Isso cria empregos, que é nossa principal meta”.

O uso de uma linguagem obscura, metafórica, viola a máxima conversacional do modo (GRICE, 1982). A escolha dessa forma de linguagem pode ser justificada pela tentativa de deixar ao outro a responsabilidade de interpretação, evitando comprometimento. Aqui, Mantega utiliza também de *hedges* de incerteza, para atenuar os efeitos negativos que sua fala pode ter.

6.4 Ameaça à face positiva

Até o momento vimos como os falantes evitam os atos ameaçadores de face (FTAs) por meio do uso de polidez positiva, negativa e indireta. Porém, muitas vezes, a harmonia interacional é impossível de ser mantida, e os interactantes ameaçam suas faces, as de seu interlocutor e de outras pessoas que surgem como tópico conversacional da entrevista. Primeiramente, vejamos como as faces positivas são ameaçadas nas entrevistas de *Veja*, por meio da não utilização de polidez positiva.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): O que representa para a política brasileira a eleição de José Sarney para a presidência do Senado?

Jarbas Vasconcelos: É um completo retrocesso. A eleição de Sarney foi um processo tortuoso e constrangedor. Havia um candidato, Tião Viana, que embora petista, estava comprometido em

recuperar a imagem do Senado. De repente, Sarney apareceu como candidato, sem nenhum compromisso ético, sem nenhuma preocupação com o Senado, e se elegeu. A moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do Senador".

Jarbas Vasconcelos, nessa resposta, ameaça a face positiva do senador José Sarney, ao dizer, com um léxico de carga bastante pejorativa, que a "moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do senador". Com essa mesma fala, o entrevistado deixa vulnerável sua própria face positiva, por demonstrar uma despreocupação com a face de outras pessoas, e por não utilizar de estratégias de polidez para atenuar os efeitos desse FTA.

Fragmento de entrevista nº 1

"Otávio Cabral (Veja): Mas ele foi eleito pela maioria dos senadores.

Jarbas Vasconcelos: Claro, e isso reflete o que pensa a maioria dos colegas de Parlamento. Para mim, não tem nenhum valor se Sarney vai melhorar a gráfica, se vai melhorar os gabinetes, se vai dar aumento aos funcionários. O que importa é que ele não vai mudar a estrutura política nem contribuir para reconstruir uma imagem positiva da Casa. Sarney vai transformar o Senado em um grande Maranhão".

No trecho acima, o entrevistador de *Veja* já começa ameaçando a face positiva do senador ao discordar do que o entrevistado disse na pergunta anterior. Essa discordância pode ter a função de polemizar a fala de Jarbas, esperando uma resposta ainda mais polêmica, já que uma entrevista de tom polêmico, em que há confronto, pode atrair mais leitores/consumidores da revista.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): O senador Renan Calheiros acaba de assumir a liderança do PMDB...

Jarbas Vasconcelos: Ele não tem nenhuma condição moral ou política para ser senador, quanto mais para liderar qualquer partido. Renan é o maior beneficiário desse quadro político de mediocridade em que os escândalos não incomodam mais e acabam se incorporando à paisagem”.

Jarbas Vasconcelos, nessa resposta, ameaça a face positiva do senador Renan Calheiros, ao dizer que ele “não tem nenhuma condição moral ou política para ser senador, quanto mais para liderar qualquer partido”. Com isso, o entrevistado deixa exposta sua face positiva, por demonstrar uma despreocupação com a face de Calheiros, e por não utilizar de estratégias de polidez para mitigar os efeitos desse FTA.

Fragmento de entrevista nº 1

“Otávio Cabral (Veja): O senhor parece estar completamente desiludido com a política.

Jarbas Vasconcelos: Não tenho mais nenhuma vontade de disputar cargos. Acredito muito em Serra e me empenharei em sua candidatura à Presidência. Se ele ganhar, vou me dedicar a reformas essenciais, principalmente a política, que é a mãe de todas as reformas. Mas não tenho mais projeto político pessoal. Já fui prefeito duas vezes, já fui governador duas vezes, não quero mais. Sei que vou ser muito pressionado a disputar o governo em 2010, mas não vou ceder. Seria uma incoerência voltar ao governo e me submeter a tudo isso que critico”.

Na pergunta, Otávio Cabral tenta atenuar a ameaça à face positiva de seu interlocutor com sua crítica ao senador quando usa o marcador de opinião “parece”, ao invés de ser direto em sua fala. O entrevistador de *Veja* deixa saídas ao senador Jarbas. Jarbas, porém, reforça essa ameaça à sua face

positiva, confessando que realmente está desiludido com a política, sem esperanças de participar de mudanças significativas no quadro.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Na semana passada, dois peemedebistas, Michel e Temer e José Sarney, conquistaram as presidências da Câmara e do Senado. Que impacto isso pode ter em 2010?

Fernando Pimentel: Acho que o significado disso está sendo superestimado. O fato de o PMDB ter ganhado a Câmara e derrotado um petista (Tião Viana) no Senado não é o fim do mundo. Não será decisivo sequer para que o partido apóie esse ou aquele candidato em 2010. O PMDB é um condomínio de interesses regionais e dificilmente marchará unido na eleição presidencial, mesmo que indique o vice em uma das chapas”.

O político Fernando Pimentel ameaça a face positiva dos peemedebistas ao dizer que “o PMDB é um condomínio de interesses regionais e dificilmente marchará unido na eleição presidencial, mesmo que indique o vice em uma das chapas”.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Por causa dessa aliança o senhor é acusado de só pensar em se viabilizar como candidato à sucessão de Aécio.

Fernando Pimentel: O discurso de 2010 é balela, mas reconheço que há uma divisão no PT. O que está em jogo no partido – não só em Minas, mas em todo o país – é mais complicado. De um lado estão aqueles que, como eu, querem que o PT incorpore a nova classe média, que veio à tona no governo Lula. Do outro, estão aqueles que querem que o PT continue a ser um partido de inspiração bolchevique. Essa gente ainda acredita que o sujeito tem de ler O Capital e rezar pela cartilha marxista-leninista para militar no PT. Um setorzinho xiita de Minas pensa assim e levou de roldão

líderes como Patrus Ananias e Luiz Dulci (secretário-geral da Presidência). A maioria do partido e o presidente Lula não têm essa concepção estreita”.

Neste fragmento, Fernando Pimentel faz uma crítica aos políticos de seu partido que se posicionam diferentemente dele, ameaçando suas faces positivas, usando expressões como “setorzinho xiita” para se referir a esse grupo que, em sua concepção, é bem radical.

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): Até os aliados de Dilma dizem que lhe falta jogo de cintura. É verdade?

Fernando Pimentel: Ilude-se quem acha que ela não tem traquejo. A ministra já mostrou sua capacidade de se adequar a novas situações. Foi o que ocorreu quando passou do Ministério de Minas e Energia para a Casa Civil. De uma hora para outra, estava no olho do furacão, apagando os incêndios do escândalo do mensalão, uma das maiores crises já vividas pela República. Lidou com a imprensa, com parlamentares, coordenou grupos interministeriais e foi a relações-públicas do governo. Enfim, fez política e se saiu muito bem. Agora, está se adaptando ao figurino de candidata”.

Assim como a polidez pode ser destinada à face de uma pessoa não envolvida na interação (3ª pessoa do discurso), a ameaça também ocorre não só entre falante e ouvinte. Neste fragmento, o entrevistador de *Veja*, José Edward, com sua afirmação, “até os aliados de Dilma dizem que lhe falta jogo de cintura”, ameaça a face positiva da ministra Dilma Housseff. Ameaça que é atenuada posteriormente por Fernando Pimentel, que não concorda com a idéia de que Dilma não seja uma boa candidata à presidência do Brasil.

Fragmento de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): Em uma entrevista publicada há dois meses, o senador Jarbas Vasconcelos afirmou que o PMDB é corrupto e só pensa em ocupar cargos para fazer negócios.

Michel Temer: Tenho muito respeito pelo senador Jarbas, mas ele foi genérico demais naquela entrevista. Fui pressionado para mandá-lo para a comissão de ética do partido, para expulsá-lo do PMDB, mas não fiz nada disso. Apenas pedi que especificasse as acusações, o que ele nunca fez. Como a afirmação é muito genérica, não há condições de apurar essa corrupção”.

Nesse trecho da entrevista, ao ser questionado sobre declarações feitas por Jarbas Vasconcelos na entrevista à Veja, Michel Temer ameaça a face positiva de Jarbas, dizendo que ele foi genérico em suas afirmações, e que nunca especificou quem era corrupto no partido PMDB. Essa foi uma forma de se defender das acusações que Jarbas faz ao seu partido, remetendo à idéia, defendida por Goffman (1967), de que para protegermos nossa face, às vezes somos obrigados a ameaçar a do outro, mesmo que sejamos vistos como indiscretos, indelicados. Aceitar as afirmações de Jarbas, sem ameaçar a face do senador, é aceitar o título de político corrupto.

Fragmento de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): Por outro lado, a reprovação ao Congresso só aumenta. Segundo o Datafolha, 37% dos brasileiros consideram a atuação dos parlamentares ruim ou péssima.

Michel Temer: O Legislativo só é enaltecido quando o país está saindo de um regime autoritário. Na história brasileira sempre foi assim. Em 1964, o Congresso estava com sua imagem no chão, o que deu no regime militar, que foi instaurado com o aplauso da maior parte da população. O Legislativo praticamente não existiu até 1982, quando vieram a redemocratização, as Diretas Já, a eleição de Tancredo, a Constituição de 1988, o impeachment do presidente Fernando Collor. O Congresso, desde então, voltou a ser aclamado

com uma força e um prestígio estupendos. Passado esse período, o Congresso, infelizmente, tem sua pior imagem”.

Aqui, indiretamente, Otávio Cabral direciona críticas ao Congresso, com a justificativa de que são dados da pesquisa realizada pelo Datafolha, ameaçando a face positiva do quadro de políticos que formam o Congresso. Temer tenta amenizar essa ameaça, dando exemplos históricos de que essa reprovação popular ao Congresso é normal e previsível.

Fragmento de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): Mas não é exatamente este o problema: a impressão generalizada de que ninguém é punido no Congresso, de que o corporativismo sempre prevalece?

Michel Temer: O processo penal e o processo político são duas coisas totalmente distintas. E, de uma maneira ou outra, todos os deputados envolvidos em escândalos foram punidos. Veja o caso do mensalão. Alguns estão respondendo a processos no Supremo e alguns foram cassados. Mesmo os que foram absolvidos tiveram um dano político irreversível. A avaliação política é muito pessoal. Há influência psicológica para para cassar e para não cassar. No caso do Judiciário, o processo se baseia nas provas dos autos. No processo político, tudo se baseia na hipótese da conveniência. Dou o exemplo teórico clássico de um presidente que esteja sendo julgado por crime de responsabilidade. Verifica-se que ele praticou o crime, mas verifica-se também que, se ele perder o cargo, isso poderá levar o país a uma guerra civil. O que fazer nesse caso? A meu ver, seria conveniente evitar o caos institucional mesmo que isso significasse a interrupção do processo de cassação do presidente”.

A pergunta de Otávio Cabral ameaça a face positiva de Michel Temer, pois mesmo depois de tanto se explicar, no fragmento anterior, Otávio Cabral

não se convence, e lança ao seu interlocutor uma pergunta que toca em assuntos difíceis de serem comentados.

Temer, em sua resposta, utiliza de um marcador de opinião, já que faz uma declaração ousada, que pode gerar interpretação errada. Para não colocar em risco a harmonia interacional, tenta minimizar os possíveis efeitos negativos de sua declaração.

Fragmento de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): O senhor vê hoje ameaça real de retrocesso democrático?

Michel Temer: Não, de jeito algum. As instituições estão sólidas como nunca. Apesar das críticas, há uma grande harmonia entre os três poderes. O Congresso, porém, precisa reagir e promover uma recuperação ética para que idéias como a do Senador Cristovam Buarque, de fazer um plebiscito para que a população defina a própria existência do Legislativo, não ganhem força na sociedade. É vital distinguir os equívocos de A, B ou C do comportamento correto da maioria dos parlamentares. É preciso preservar a instituição dos erros de poucos”.

Nesse fragmento da entrevista à Michel Temer, o peemedebista ameaça a face positiva do senador Cristovam Buarque, declarando que idéias tidas pelo senador são errôneas e ameaçam a democracia brasileira.

Fragmento de entrevista nº 5

“Otávio Cabral (Veja): O presidente do Senado, Garibaldi Alves, afirmou que o Congresso está na UTI graças aos escândalos de corrupção e à paralisia decorrente das medidas provisórias. O senhor concorda?

Arlindo Chinaglia: Se compararmos os momentos pelos quais a Câmara passou recentemente com os dias atuais, eu não acho que esteja na UTI. O problema é que essas crises constantes vão

deixando marcas, vão deixando cicatrizes. A população perde a confiança na instituição. A situação é difícil, mas o pior já passou”.

A discordância de Arlindo Chinaglia é uma ameaça à face positiva de uma terceira pessoa do discurso, o presidente do Senado Garibaldi Alves, pois como Brown e Levinson (1987) dizem, devemos evitar discordâncias quando queremos ser polido com o outro. No trecho sublinhado, Chinaglia faz uso do marcador de opinião “eu não acho que...”, para atenuar os efeitos ameaçadores de sua discordância, deixando expresso que sua discordância é apenas uma opinião, e não uma verdade absoluta.

Fragmento de entrevista nº 5

“Otávio Cabral (Veja): É senso comum que o sistema político é uma das causas da corrupção, mas nenhuma mudança concreta é feita.

Arlindo Chinaglia: Na política, o manto da corrupção é o financiamento de campanha. Mas há outros elementos, como distribuição de cargos na máquina pública, e fraudes no processo orçamentário. Os corruptos vivem aperfeiçoando seus métodos de desviar dinheiro público. Os poderes também precisam aperfeiçoar os mecanismos de combate fraudes. Não vejo uma resposta acabada para o combate à corrupção. Recentemente, um prefeito foi preso com 1 milhão de reais em casa. Será que a população não percebeu o crescimento do patrimônio desse prefeito? A participação é essencial. É preciso fiscalizar, denunciar, estar vigilante. Essa é a melhor maneira de combater a corrupção”.

Ao ser questionado sobre a falta de medidas no combate à corrupção na política, Arlindo Chinaglia transfere a responsabilidade de a situação política brasileira não estar bem à população do país, que deveria “fiscalizar, denunciar, estar vigilante”, mas não o faz. Com isso, ameaça a face positiva do leitor que se identifica nessa crítica do presidente da Câmara dos Deputados, que se inclui nessa população comentada por ele.

6.5 Ameaça à face negativa

A ameaça à face negativa irá ocorrer quando o falante não destinar a seu interlocutor um tratamento respeitoso, não evitar a imposição ao outro, causando, assim, a invasão do território pessoal de seu(s) ouvinte(s).

Fragmento de entrevista nº 2

“José Edward (Veja): O candidato do PT não deve criticar Aécio?

Fernando Pimentel: Ou reconhecemos que ele faz uma boa gestão, ou chamamos os mineiros de burros. Afinal, a maioria da população aprova seu governo. Da mesma forma que Aécio diz que, se for candidato a presidente, não será um anti-Lula, se eu for candidato ao governo de Minas, não serei um anti-Aécio”.

É fácil perceber que a pergunta feita pelo entrevistador carrega um tom de crítica ao entrevistado, já que ele não compreende o motivo de um político do PT elogiar por tantas vezes, numa mesma entrevista, um candidato do partido de oposição ao seu. Sua pergunta ameaça a face negativa de Fernando Pimentel, na medida em que a crítica é considerada como um ato de fala ameaçador à face do ouvinte.

Como resposta a essa pergunta ameaçadora à sua face negativa, Fernando Pimentel demonstra-se um pouco irritado, dizendo: “ou reconhecemos que ele faz uma boa gestão, ou chamamos os mineiros de burros”. Ameaça, com essa fala, a face negativa do entrevistador, deixando a entender que a pessoa que não reconhece ou questione que Aécio fez um bom governo, como José Edward o fez, só pode ser “burra”.

Fragmento de entrevista nº 3

“Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari (Veja): O senhor tem alguma resposta-padrão para esse pessoal?

Guido Mantega: Quando as coisas vão bem, todo mundo é ortodoxo, a favor do mercado, mas, quando as coisas vão mal, todo mundo quer que o estado salve. Eu até entendo, quando a pessoa fala em nome de todo um setor em dificuldade e procura uma salvação por meio da intervenção do governo. É assim no Brasil. Vimos recentemente que é assim também lá fora. Nossa política é a de que é preciso ouvir e tentar ajudar dentro de princípios claros e sem prejuízo para os cofres públicos”.

É notável, nesse fragmento, o desvio que Mantega faz ao assunto da pergunta de *Veja*, e isso é uma das vantagens do papel desempenhado pelo entrevistado, numa entrevista. Enquanto quem dita o assunto é o entrevistador, é do entrevistado o papel de continuar o assunto proposto ou fugir dele. Aqui, o ministro opta por fugir da pergunta, como uma forma de proteger sua face negativa, por julgar que a pergunta de seus interlocutores a colocava em ameaça. Há nesse exemplo, um desrespeito às máximas conversacionais (GRICE, 1992), o que gera a seguinte implicatura que deve ser percebida pelos ouvintes: Mantega não é cooperativo e não continua o assunto pois a pergunta é indiscreta e invasiva.

Fragmentos de entrevista nº 4

“Otávio Cabral (Veja): O deputado Fábio Faria levou a ex-namorada, a apresentadora Adriane Galisteu, e a sogra para Miami usando passagens dadas pela Câmara. O senhor defende a punição do deputado?

Michel Temer: Eu já determinei que ele mandasse uma explicação para a utilização dessas passagens. Vou aguardar a resposta e enviá-la ao corregedor, para que ele examine o caso e uma eventual punição. No dia em que soube da denúncia, procurei o Fábio e disse a ele que, se achasse que tinha usado indevidamente as passagens, devolvesse o dinheiro ao Erário. Foi o que ele fez. O problema da punição é que a ordem jurídica vigente diz apenas que o crédito das

passagens é do deputado. Não especifica como deve ser usado. Portanto, na norma legal, não houve erro”.

“Otávio Cabral (Veja): Por que, apesar dos escândalos em série, essa proposta nunca avançou?

Michel Temer: Desisti de levá-la a diante. Imagine se eu promovesse um encontro de todos os presidentes de assembleias para debater o tema. A imagem que ia ficar era que estávamos discutindo aumento salarial de deputados em meio à maior crise dos últimos tempos. Se elevássemos o salário dos deputados de 16000 reais para 24000 reais, as manchetes do dia seguinte certamente diriam “Câmara dos Deputados aumenta os salários”. Jamais se escreveria “Câmara aumenta salário, mas gera economia”. O desastre seria inevitável”.

“Otávio Cabral (Veja): Em uma entrevista publicada há dois meses, o senador Jarbas Vasconcelos afirmou que o PMDB é corrupto e só pensa em ocupar cargos para fazer negócios.

Michel Temer: Tenho muito respeito pelo senador Jarbas, mas ele foi genérico demais naquela entrevista. Fui pressionado para mandá-lo para a comissão de ética do partido, para expulsá-lo do PMDB, mas não fiz nada disso. Apenas pedi que especificasse as acusações, o que ele nunca fez. Como a afirmação é muito genérica, não há condições de apurar essa corrupção”.

Nesses três fragmentos e em outros da entrevista feita a Michel Temer é muito recorrente o uso da primeira pessoa do singular, mesmo quando a pergunta não direcionada a atitudes pessoais. Uma das estratégias de polidez negativa listada por Brown e Levinson (1987) diz que devemos evitar os pronomes eu e você, devemos preferir a impessoalização, porém não é o que Temer faz. Assume os riscos a cada pergunta direcionada a ele, colocando em constante ameaça a sua face negativa.

“Otávio Cabral (Veja): O senhor está entre os petistas que insistem em afirmar que o mensalão não existiu?

Arlindo Chinaglia: Se o mensalão for considerado um esquema de caixa dois envolvendo partidos políticos, é óbvio que existiu. Se disserem que foi uma mesada repassada mensalmente a deputados pelo governo, aí já não dá pra afirmar que existiu. Esse repasse, apontado pelo Roberto Jefferson, nunca foi provado”.

Na pergunta de Otávio Cabral, está implícita uma imposição de algo que pensa: de que o mensalão existiu. O verbo “insistir” comprova isso. Porém, faz uma imposição disfarçada em uma pergunta, deixando saída caso seu interlocutor queira discordar. Ameaça a face negativa de Arlindo Chinaglia com sua imposição.

Chinaglia, por sua vez, não se mostra muito em acordo com o que pensa o entrevistador, pois alega que nunca houve provas concretas de que houve repasse mensal de dinheiro a deputados, como apontado por Roberto Jefferson.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução do trabalho, foram propostas determinadas questões que surgiram numa primeira leitura dos dados que compõem a pesquisa. Acreditamos que, no decorrer da análise das cinco entrevistas de *Veja*, já se encontram presentes as repostas às perguntas mencionadas. Uma questão proposta inicialmente foi a de que se, a posição que cada um, entrevistado e entrevistador, ocupa no espaço de interação de uma entrevista (espaço que exige confronto) não é de igualdade, será que ambos terão atitudes polidas, ou seja, protegerão suas faces?

Os indivíduos sabem da necessidade de serem cooperativos uns com os outros quando querem que suas imagens públicas (faces) sejam construídas e mantidas nas interações face a face. Porém, alguns contextos específicos de interação verbal exigem o debate de idéias, a confrontação/ polemização entre os interactantes, o que faz com que as faces envolvidas fiquem bastante ameaçadas. A partir disso, outras questões surgiram: como os indivíduos irão se comportar em entrevistas que tem a função de criar polêmicas e confrontos? O que os interactantes farão para que a harmonia possa ser mantida em alguns momentos interacionais? Quais estratégias de polidez serão mais recorrentes? Quais os interesses envolvidos no desejo de evitar o descompasso ou até mesmo no desejo de ameaçar a face do outro na interação por parte de entrevistados e entrevistadores da revista *Veja*?

Brown e Levinson (1987) tratam apenas a polidez como algo estratégico, racional e elaborado pelos indivíduos quando pretendem estabelecer a harmonia interacional. Excluem, portanto, a impolidez (modo de realização *Bald on Record*) das escolhas estratégicas dos interactantes. É como se acreditassem, que as interações visassem apenas a harmonia. E, ao nos depararmos com os dados da pesquisa, vimos que o confronto e a ameaça das faces se faziam presentes nas entrevistas, assim como os momentos de cooperação, de preservação da própria imagem e da imagem do outro. Alguns contextos exigem a impolidez de seus participantes, como é o caso das entrevistas de confronto/ polêmica. Será que a impolidez, assim como a polidez, não seria muitas vezes uma escolha estratégica dos participantes na

interação?

Nas entrevistas, como já dito, o espaço é, por natureza, de confrontação/polemização (MEDINA, 2004), e o papel do entrevistador, é muitas vezes de causar a polêmica, comentando assuntos complicados para o entrevistado, fazendo aparecer falhas e ambiguidades em sua fala, por uma exigência e perfil da revista *Veja*. Porém, cada entrevista apresenta particularidades.

Na primeira entrevista, o entrevistado Jarbas Vasconcelos adota postura bastante radical, provavelmente o faz por julgar que o fato de se calar diante de tanta corrupção dentro de seu partido é ser conivente com a situação. Mesmo que o conteúdo de suas falas seja ameaçador, tenta, quando possível, usar de polidez para não ver as faces envolvidas na interação tão ameaçadas. O entrevistador Otávio Cabral cumpre bem sua função de provocar o senador peemedebista a fazer denúncias ao seu próprio partido.

Na segunda entrevista, por sua vez, o ex-prefeito de Belo Horizonte Eduardo Pimentel adota atitude mais polida, o que pode ser comprovado pelas diversas vezes que utiliza de marcadores de atenuação em sua fala, se compararmos com a fala de Jarbas Vasconcelos. Adota também, em diversos momentos, uma atitude de fuga de assuntos delicados e comprometedores de sua face. O entrevistador José Edward, além de fazer perguntas que aparentam objetivar somente a obtenção de informações, por diversos momentos provoca seu interlocutor, principalmente no fato de que um petista deveria se opor a políticos do PSDB, o que Pimentel não faz, ao apoiar Aécio Neves.

Na entrevista seguinte, os entrevistadores de *Veja* Eurípedes Alcântara e Alexandre Oltramari não provocam o entrevistado Guido Mantega da mesma forma vista nas entrevistas anteriores. Talvez por isso a recorrência de situações ameaçadoras às faces dos envolvidos na interação seja menos frequente. É uma entrevista em que o tom formal predomina, se assemelhando a uma entrevista informativa na grande parte dos fragmentos analisados.

Na entrevista a Michel Temer, o entrevistador Otávio Cabral por diversas vezes toca em assuntos que provocam uma instabilidade na harmonia interacional. Como resultado, temos uma entrevista em que a impolidez tem um lugar de destaque ao lado dos diversos momentos em que a polidez também é

adotada pelos interlocutores.

Na última entrevista analisada, o entrevistador Otávio Cabral também atua no sentido de causar a polêmica, traço característico das entrevistas de *Veja*. O entrevistado Arlindo Chinaglia procura não se abalar aos assuntos em pauta na entrevista, adotando postura positiva em relação aos escândalos políticos como mensalão, caixa dois e desvios de verbas que foram desvendados no governo de seu partido, justificando que são fruto de uma transparência e não de aumento de corrupção.

Quais regularidades podem ser percebidas pela análise das cinco entrevistas? Primeiramente, podemos afirmar que a polidez é adotada pelos interactantes, pois a harmonia interacional é desejada por eles. Porém, a impolidez é inevitável, pois o contexto de interação exige confronto e polêmica. O assunto debatido nas entrevistas propicia situações de descompasso e ameaça das faces, já que política no Brasil é assunto polêmico. Vale frisar, que o respeito à face do outro é mantido desde que a própria face não esteja sob ameaça.

Uma segunda questão que tivemos inicialmente e que podemos responder agora é sobre os objetivos de cada participante da interação, entrevistado e entrevistador, em ver suas faces mantidas. Os entrevistados são figuras políticas. E, como todo político desempenha um papel público, sua imagem social (face) está em constante ameaça, devido a exposição exagerada. Manter a face, para um político, é manter-se no poder. Quanto ao entrevistador, a função que deve desempenhar é a de causar polêmica, então preocupa-se mais em ameaçar a face do outro que defender a sua, já que fala em nome de uma revista, ou seja, por trás de suas perguntas há toda uma elaboração prévia, há coordenadas a serem seguidas.

Finalizando, a polidez e conseqüentemente os marcadores de atenuação são utilizados quando se pretende evitar o descompasso na interação. Por outro lado, adota-se a impolidez quando a polêmica e o confronto devem ser instalados ou quando há a necessidade de se defender a própria imagem.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1975.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A provocação no diálogo: estudo da descortesia. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. Papéis discursivos estratégias de polidez nas entrevistas de televisão. *In*: **Veredas, revista de estudos lingüísticos**. Juiz de Fora. v.4. nº 1, 2000. p. 67-77.
- FIORIN, José Luiz. Pragmática. *In*:_____ **Introdução à Lingüística II: princípios de análise**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. *In*: PRETI, Dino (Org.). O discurso oral culto. São Paulo: Humanitas, 1999.
- _____. Polidez e preservação de face na fala de universitários. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. A situação negligenciada. *In*: RIBEIRO; GARCÉZ (Org.). **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. **Interaction ritual. Essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.
- _____. Footing. *In*: RIBEIRO; GARCÉZ (Org.). **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GRICE, Paul. Lógica e Conversação. *In*: DASCAL (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Lingüística V. IV. Pragmática**. 1982.

- HOLMES, Janet. **Women, Men and Politeness**. London: Longman, 1995.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Os atos de linguagem no discurso**. Niterói: EdUFF, 2005.
- LAKOFF, Robin T. **Language and woman's place**. New York: Harper and Row, 1975.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LINS, Maria da Penha Pereira. Mas, afinal, o que é mesmo Pragmática? In: **Fala Palavra**, n.2, outubro 2002.
- LOCHER, Miriam A. **Power and politeness in action: disagreements in oral communication**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- MARCONDES, Danilo. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista. O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2004.
- MILLS, Sara. **Politeness and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. v.2.
- PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da Pragmática no Brasil. In: **DELTA**, edição especial, v.15. São Paulo, 1999. Disponível em: www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4021.pdf. Acesso em: junho de 2008.
- RIBEIRO, Branca Telles; PEREIRA, Maria das Graças Dias. A noção de contexto na análise do discurso. In: **Veredas, revista de estudos lingüísticos**. Juiz de Fora. v.6. nº 2, 2002. p. 49-67.
- ROSA, Margaret. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- SEARLE, John. **Speech acts**. Cambridge, Cambridge University Press, 1969.

SILVA, J. da; SILVA, V. L. T. da. **Introdução ao Pragmatismo Lingüístico**. Disponível em: www.filologia.org.br/soletras/1/07.htm. Acesso em: junho de 2008.

TAVARES, Roseanne Rocha. **A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem**. Maceió: EDUFAL, 2007.

TERKOURAFI, Marina. Beyond the micro-level in politeness research. *Journal of Politeness Research*, 2005.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson de O. (Org.) **A aventura sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. RJ: Zahar Editores, 1978.

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

WATTS, Richard J. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papyrus, 1998.

WILSON, Victoria. Motivações Pragmáticas. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

ANEXOS

Entrevistas extraídas do site <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>**Entrevista** JARBAS VASCONCELOS

OTÁVIO CABRAL

O PMDB é corrupto

Senador peemedebista diz que a maioria dos integrantes do seu partido só pensa em corrupção e que a eleição de José Sarney à presidência do Congresso é um retrocesso

A ideia de que parlamentares usem seu mandato preferencialmente para obter vantagens pessoais já causou mais revolta. Nos dias que correm, essa noção parece ter sido de tal forma diluída em escândalos a ponto de não mais tocar a corda da indignação. Mesmo em um ambiente político assim anestesiado, as afirmações feitas pelo senador Jarbas Vasconcelos, de 66 anos, 43 dos quais dedicados à política e ao PMDB, nesta entrevista a VEJA soam como um libelo de alta octanagem. Jarbas se revela decepcionado com a política e, principalmente, com os políticos. Ele diz que o Senado virou um teatro de mediocridades e que seus colegas de partido, com raríssimas exceções, só pensam em ocupar cargos no governo para fazer negócios e ganhar comissões. Acusa o ex-governador de Pernambuco: "Boa parte do PMDB quer mesmo é corrupção".

O que representa para a política brasileira a eleição de José Sarney para a presidência do Senado? É um completo retrocesso. A eleição de Sarney foi um processo tortuoso e constrangedor. Havia um candidato, Tião Viana, que, embora petista, estava comprometido em recuperar a imagem do Senado. De repente, Sarney apareceu como candidato, sem nenhum compromisso ético, sem nenhuma preocupação com o Senado, e se elegeu. A moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do senador.

Mas ele foi eleito pela maioria dos senadores. Claro, e isso reflete o que pensa a maioria dos colegas de Parlamento. Para mim, não tem nenhum valor se Sarney vai melhorar a gráfica, se vai melhorar os gabinetes, se vai dar aumento aos funcionários. O que importa é que ele não vai mudar a estrutura política nem contribuir para reconstruir uma imagem positiva da Casa.



“A maioria se incorpora a essas coisas pelas quais os governos vêm sendo denunciados: manipulação de licitações, contratações dirigidas, corrupção em geral”

Entrevista JARBAS VASCONCELOS

Sarney vai transformar o Senado em um grande Maranhão.

Como o senhor avalia sua atuação no Senado? Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva — e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourou o escândalo do Renan (*Calheiros, ex-presidente do Congresso que usou um lobista para pagar pensão a uma filha*). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente no meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante.

O senador Renan Calheiros acaba de assumir a liderança do PMDB... Ele não tem nenhuma condição moral ou política para ser senador, quanto mais para liderar qualquer partido. Renan é o maior beneficiário desse quadro político de mediocridade em que os escândalos não incomodam mais e acabam se incorporando à paisagem.

O senhor é um dos fundadores do PMDB. Em que o atual partido se parece com aquele criado na oposição ao regime militar? Em nada. Eu entrei no MDB para combater a ditadura, o partido era o conduto de todo o inconformismo nacional. Quando surgiu o pluripartidarismo, o MDB foi perdendo sua grandeza. Hoje, o PMDB é um partido sem bandeiras, sem propostas, sem um norte. É uma confederação de líderes regionais, cada um com seu interesse, sendo que mais de 90% deles praticam o clientelismo, de olho principalmente nos cargos.

Para que o PMDB quer cargos? Para fazer negócios, ganhar comissões. Alguns ainda buscam o prestígio político. Mas a maioria dos peemedebistas se especializou nessas coisas pelas quais

“O marketing de Lula mexe com o país. Ele optou pelo assistencialismo, o que é uma chave para a popularidade em um país pobre. O Bolsa Família é o maior programa oficial de compra de votos do mundo”

os governos são denunciados: manipulação de licitações, contratações dirigidas, corrupção em geral. A corrupção está impregnada em todos os partidos. Boa parte do PMDB quer mesmo é corrupção.

Quando o partido se transformou nessa máquina clientelista? De 1994 para cá, o partido resolveu adotar a estratégia pragmática de usufruir dos governos sem vencer eleição. Daqui a dois anos o PMDB será ocupante do Palácio do Planalto, com José Serra ou com Dilma Rousseff. Não terá aquele gabinete presidencial pomposo no 3º andar, mas terá vários gabinetes ao lado.

Por que o senhor continua no PMDB? Se eu sair daqui irei para onde? É melhor ficar como dissidente, lutando por uma reforma política para fazer um partido novo, ao lado das poucas pessoas sérias que ainda existem hoje na política.

Lula ajudou a fortalecer o PMDB. É de esperar uma retribuição do partido, apoiando a candidatura de Dilma? Não há condições para isso. O PMDB vai se dividir. A parte majoritária ficará com o governo, já que está mamando e não é possível agora uma traição

total. E uma parte minoritária, mas significativa, irá para a candidatura de Serra. O partido se tornará livre para ser governo ao lado do candidato vencedor.

O senhor sempre foi elogiado por Lula. Foi o primeiro político a visitá-lo quando deixou a prisão, chegou a ser cotado para vice em sua chapa. O que o levou a se tornar um dos maiores opositores a seu governo no Congresso? Quando Lula foi eleito em 2002, eu vim a Brasília para defender que o PMDB apoiasse o governo, mas sem cargos nem benesses. Era essencial o apoio a Lula, pois ele havia se comprometido com a sociedade a promover reformas e governar com ética. Com o desenrolar do primeiro mandato, diante dos sucessivos escândalos, percebi que Lula não tinha nenhum compromisso com reformas ou com ética. Também não fez reforma tributária, não completou a reforma da Previdência nem a reforma trabalhista. Então eu acho que já foram seis anos perdidos. O mundo passou por uma fase áurea, de bonança, de desenvolvimento, e Lula não conseguiu tirar proveito disso.

A favor do governo Lula há o fato de o país ter voltado a crescer e os indicadores sociais terem melhorado. O grande mérito de Lula foi não ter mexido na economia. Mas foi só. O país não tem infraestrutura, as estradas são ruins, os aeroportos acanhados, os portos estão estrangulados, o setor elétrico vem se arrastando. A política externa do governo é outra piada de mau gosto. Um governo que deixou a ética de lado, que não fez as reformas nem fez nada pela infraestrutura agora tem como bandeira o PAC, que é um amontoado de projetos velhos reunidos em um pacote eleitoral. É um governo medíocre. E o mais grave é que essa mediocridade contamina vários setores do país. Não é à toa que o Senado e a Câmara estão piores. Lula não é o único responsável, mas é óbvio que a mediocridade do governo dele leva a isso.

Mas esse presidente que o senhor aponta como mediocre é recordista de popularidade. Em seu estado, Pernambuco, o presidente beira os 100% de aprovação. O marketing e o assistencialismo de Lula conseguem mexer com o país inteiro. Imagine isso no Nordeste, que é a região mais pobre. Imagine em Pernambuco, que é a terra dele. Ele fez essa opção clara pelo assistencialismo para milhões de famílias, o que é uma chave para a popularidade em um país pobre. O Bolsa Família é o maior programa oficial de compra de votos do mundo.

O senhor não acha que o Bolsa Família tem virtudes? Há um benefício imediato e uma consequência futura nefasta, pois o programa não tem compromisso com a educação, com a qualificação, com a formação de quadros para o trabalho. Em algumas regiões de Pernambuco, como a Zona da Mata e o agreste, já há uma grande carência de mão-de-obra. Famílias com dois ou três beneficiados pelo programa deixam o trabalho de lado, preferem viver de assistencialismo. Há um restaurante que eu frequento há mais de trinta anos no bairro de Brasília Teimosa, no Recife. Na semana passada cheguei lá e não encontrei o garçom que sempre me atendeu. Perguntei ao gerente e descobri que ele conseguiu uma bolsa para ele e outra para o filho e desistiu de trabalhar. Esse é um retrato do Bolsa Família. A situação imediata do nordestino melhorou, mas a miséria social permanece.

A oposição está acuada pela popularidade de Lula? Eu fui oposição ao governo militar como deputado e me lembro de que o general Médici também era endeusado no Nordeste. Se Lula criou o Bolsa Família, naquela época havia o Funrural, que tinha o mesmo efeito. Mas ninguém desistiu de combater a ditadura por isso. A popularidade de Lula não deveria ser motivo para a extinção da oposição. Temos aqui trinta senadores contrários ao governo. Sempre defendi que cada um de nós fiscalizasse um setor im-

“Eu fui oposição ao governo militar e me lembro de que Médici era endeusado no Nordeste. Mas ninguém desistiu de combater a ditadura. A popularidade de Lula não deveria ser motivo para a extinção da oposição”

portante do governo. Olhasse com lupa o Banco do Brasil, o PAC, a Petrobras, as licitações, o Bolsa Família, as pajelanças e bondades do governo. Mas ninguém faz nada. Na única vez em que nos organizamos, derrotamos a CPMF. Não é uma batalha perdida, mas a oposição precisa ser mais efetiva. Há um diagnóstico claro de que o governo é mediocre e está comprometendo nosso futuro. A oposição tem de mostrar isso à população.

Para o senhor, o governo é mediocre e a oposição é mediocre. Então há uma mediocritização geral de toda a classe política? Isso mesmo. A classe política hoje é totalmente mediocre. E não é só em Brasília. Prefeitos, vereadores, deputados estaduais também fazem o mais fácil, apelam para o clientelismo. Na política brasileira de hoje, em vez de se construir uma estrada, apela-se para o atalho. É mais fácil.

Por que há essa banalização dos escândalos? O escândalo chocava até cinco ou seis anos atrás. A corrupção sempre existiu, ninguém pode dizer que foi inventada por Lula ou pelo PT. Mas é fato que o comportamento do governo Lula contribui para essa banalização.

Ele só afasta as pessoas depois de condenadas, todo mundo é inocente até prova em contrário. Está aí o Obama dando o exemplo do que deve ser feito. Aqui, esperava-se que um operário ajudasse a mudar a política, com seu partido que era o guardião da ética. O PT denunciava todos os desvios, prometia ser diferente ao chegar ao poder. Quando deixou cair a máscara, abriu a porta para a corrupção. O pensamento típico do servidor desonesto é: “Se o PT, que é o PT, mete a mão, por que eu não vou roubar?”. Sofri isso na pele quando governava Pernambuco.

É possível mudar essa situação? É possível, mas será um processo longo, não é para esta geração. Não é só mudar nomes, é mudar práticas. A corrupção é um câncer que se impregnou no corpo da política e precisa ser extirpado. Não dá para extirpar tudo de uma vez, mas é preciso começar a encarar o problema.

Como o senhor avalia a candidatura da ministra Dilma Rousseff? A eleição municipal mostrou que a transferência de votos não é automática. Mesmo assim, é um erro a oposição subestimar a força de Lula e a capacidade de Dilma como candidata. Ela é prepotente e autoritária, mas está se moldando. Eu não subestimo o poder de um marqueteiro, da máquina do governo, da política assistencialista, da linguagem de palanque. Tudo isso estará a favor de Dilma.

O senhor parece estar completamente desiludido com a política. Não tenho mais nenhuma vontade de disputar cargos. Acredito muito em Serra e me empenharei em sua candidatura à Presidência. Se ele ganhar, vou me dedicar a reformas essenciais, principalmente a política, que é a mãe de todas as reformas. Mas não tenho mais projeto político pessoal. Já fui prefeito duas vezes, já fui governador duas vezes, não quero mais. Sei que vou ser muito pressionado a disputar o governo em 2010, mas não vou ceder. Seria uma incoerência voltar ao governo e me submeter a tudo isso que crítico. ■

Entrevista FERNANDO PIMENTEL

JOSÉ EDWARD

“É Dilma. Não há plano B”

O ex-prefeito de Belo Horizonte conta como Lula o sondou para o ministério e diz que, se for para o governo, ajudará Dilma Rousseff a vencer a eleição presidencial de 2010

O ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel poderá ser o mais novo ministro do governo Lula. Ele foi sondado para chefiar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Se confirmado, usará o posto para articular a campanha presidencial da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, sua companheira de luta armada nos anos 70. É um reforço de peso. Pimentel é uma das lideranças mais arejadas do PT. Administrou as contas da capital mineira por dezesseis anos — nove deles como secretário e sete como prefeito. Empreendeu um bom programa de obras, muitas delas em parceria inusitada com o governador tucano Aécio Neves. Aos 57 anos, deixou o cargo com 85% de aprovação. Com esse cacife, poderia ter tentado eleger um sucessor petista em Belo Horizonte. Preferiu, porém, aliar-se a Aécio para levar à vitória um afilhado de ambos, o socialista Marcio Lacerda. A aliança enfureceu os dirigentes petistas, mas mostrou que PT e PSDB podem se entender em determinadas situações. Ele recebeu VEJA em seu escritório na capital mineira.

O presidente Lula o convidou para o ministério? Não, mas há duas semanas, durante uma reunião no Palácio do Planalto e em um almoço no Alvorada, ele disse que quer me incorporar à sua equipe, provavelmente para uma função na área econômica.

Qual? A chefia do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social? Acho que meu perfil se encaixa nessa função. Sou um economista com larga experiência administrativa e tenho bom trânsito junto aos sindicatos e ao empresariado.

Parte do PT mineiro tenta barrar seu ingresso no governo federal sob a justificativa de que o senhor entregou a pre-



“Para o presidente Lula, a candidatura de Dilma são favas contadas. Está empolgadíssimo. Tenho uma ligação antiga com ela e ele quer que eu o ajude nas costuras da campanha presidencial”

NEILO BRUGHESI/PLANO

Entrevista FERNANDO PIMENTEL

feitura de Belo Horizonte a um aliado do PSDB. A prerrogativa de nomear ministros é exclusiva do presidente da República. Quanto à prefeitura, ocorreu o contrário: ganhamos uma eleição que tinha tudo para ser perdida. O PT atravessava o que eu chamo de "síndrome da derrota". Fazia dezesseis anos que estávamos no poder e o risco de perder era real, pois enfrentaríamos um candidato do governador Aécio Neves, um líder fortíssimo. Em um segundo turno, seriam todos contra o PT. A candidatura do partido foi oferecida a Patrus Ananias (*ministro do Desenvolvimento Social*), o único que podia nos conduzir à vitória, mas ele não quis. Agora, fica af se dizendo aliado. A aliança com Aécio permitiu eleger um candidato do nosso campo político.

Por causa dessa aliança, o senhor é acusado de só pensar em se viabilizar como candidato à sucessão de Aécio. O discurso de 2010 é balela, mas reconheço que há uma divisão no PT. O que está em jogo no partido — não só em Minas, mas em todo o país — é mais complicado. De um lado estão aqueles que, como eu, querem que o PT incorpore a nova classe média, que veio à tona no governo Lula. Do outro, estão aqueles que querem que o PT continue a ser um partido de inspiração bolchevique. Essa gente ainda acredita que o sujeito tem de ler *O Capital* e rezar pela cartilha marxista-leninista para militar no PT. Um setorzinho xiita de Minas pensa assim e levou de roldão líderes como Patrus Ananias e Luiz Dulci (*secretário-geral da Presidência*). A maioria do partido e o presidente Lula não têm essa concepção estreita.

Mas, afinal, o senhor é candidato a governador de Minas Gerais? Não posso dizer que sou, mas meu nome está colocado nessa disputa. Fui prefeito da capital, saí do cargo com um alto índice de aprovação e fiz meu sucessor. Mas minha candidatura depende da estratégia do partido para eleger o próximo presidente e da união do PT de Minas. Além disso, precisamos assegurar aos

“Temos de confiar nos líderes do PMDB que são ministros e que, até onde se sabe, trabalham para que seu partido marche conosco em 2010. O fato de o PMDB ter derrotado um petista no Senado não é o fim do mundo”

mineiros que não vamos desconstruir o que o governo Aécio fez de bom.

O candidato do PT não deve criticar Aécio? Ou reconhecemos que ele fez uma boa gestão, ou chamaremos os mineiros de burros. Afinal, a maioria da população aprova seu governo. Da mesma forma que Aécio diz que, se for candidato a presidente, não será um anti-Lula, se eu for candidato ao governo de Minas, não serei um anti-Aécio.

O senhor diz que o projeto do PT em Minas deve se subordinar ao quadro nacional. Qual será ele? Tudo indica que a disputa em 2010 se dará entre a ministra Dilma Rousseff e o governador (*de São Paulo*) José Serra.

O governador Aécio é uma carta fora do baralho? A meu ver, o jogo está definido no ninho tucano. Aécio pressionará pela realização de prévias mais para preservar seu espaço do que por acreditar que elas ocorrerão. Esticará a corda, mas sabe que não tem mais espaço. As chances de Aécio ser candidato caíram sensivelmente depois que Geraldo Alckmin entrou na equipe de Serra. Serra uniu o PSDB em São Paulo, e o PSDB é um partido eminentemente paulista.

Aécio não pode ser candidato por outro partido? Aécio é um homem público admirável, com trajetória para ser candidato por qualquer legenda, mas acho muito difícil que ele construa uma candidatura consistente fora do ninho tucano. PT e PSDB são, hoje, os dois únicos partidos com projeto nacional, e ele sabe disso, por ser dotado de um grande senso de realismo. Também não acredito que Aécio comporia uma chapa puro-sangue com Serra. É mais provável que dispute o Senado, para o qual tem eleição praticamente garantida. Dali, poderia articular sua própria candidatura em 2014 ou 2018.

A opção do PT por Dilma é definitiva? Para o presidente Lula, são favas contadas. Não há plano B. Embora ele não tenha falado abertamente com a ministra sobre sua decisão, está empolgadíssimo. Diz que Dilma é a pessoa mais competente que passou pelo seu governo e também a que tem mais noção da complexidade do país. Tenho uma ligação antiga com ela. Por isso, Lula quer que eu o ajude nas costuras da candidatura presidencial da ministra.

Que vantagens Dilma teria em relação a Serra? Ela conta com a bandeira dos avanços sociais do governo Lula. Na campanha, vamos ver se o Serra usou mesmo aquele orçamento extraordinário que São Paulo tem para melhorar os indicadores do estado. Além disso, sua visão do Brasil é muito paulista. Dilma é mineira com trajetória no Rio Grande do Sul. Olha o Brasil de forma mais abrangente. É comprometida com o país, eticamente irrepreensível, tem uma imensa capacidade de trabalho e demonstrou preparo ao colocar o PAC (*Programa de Aceleração do Crescimento*) para andar.

Até os aliados de Dilma dizem que lhe falta jogo de cintura. É verdade? Ilude-se quem acha que ela não tem traquejo. A ministra já mostrou sua capacidade de se adequar a novas situações. Foi o que ocorreu quando passou do Ministério de Minas e Energia para a Casa Civil.

De uma hora para outra, estava no olho do furacão, apagando os incêndios do escândalo do mensalão, uma das maiores crises já vividas pela República. Lidou com a imprensa, com parlamentares, coordenou grupos interministeriais e foi a relações-públicas do governo. Enfim, fez política e se saiu muito bem. Agora, está se adaptando ao figurino de candidata.

O senhor se refere à cirurgia plástica que ela fez e ao fato de ela ter trocado os óculos fundo de garrafa por lentes de contato? Não acho que ela tenha feito plástica só para ser candidata. Fez porque está bem consigo mesma e queria se sentir ainda melhor. A plástica realçou os melhores traços da ministra. Quanto aos óculos, só quero lembrar que eles já estiveram na moda. Tinham lá seu charme, sobretudo entre intelectuais e os militantes de esquerda. Só não vou dizer que ela ficou mais jovem. É perigoso falar da idade dos outros... Ainda mais se for mulher. Pode até virar contra mim...

Quais são as chances de o vice de Dilma vir do PMDB? Seria muita pretensão dar palpite em um partido que não é o meu, mas temos de dar um crédito de confiança aos líderes do PMDB que são ministros do governo e que, até onde se sabe, trabalham para que seu partido marche com o nosso candidato em 2010. Por isso, diria que a chance é de razoável para boa. Mais do que isso, não diria. O PMDB tem muitas divisões.

Na semana passada, dois peemedebistas, Michel Temer e José Sarney, conquistaram as presidências da Câmara e do Senado. Que impacto isso pode ter em 2010? Acho que o significado disso está sendo superestimado. O fato de o PMDB ter ganhado a Câmara e derrotado um petista (*Tião Viana*) no Senado não é o fim do mundo. Não será decisivo sequer para que o partido apoie esse ou aquele candidato em 2010. O PMDB é um condomínio de interesses regionais e dificilmente marchará unido na

“A queda dos juros poderia ter começado há três meses. Mas, como diz Lula, estamos ganhando o jogo e o Pelé nem entrou em campo. Pelé, no caso, é a redução dos juros, uma arma poderosa de que o país dispõe para enfrentar a crise”

eleição presidencial, mesmo que indique o vice em uma das chapas.

Como o senhor, que militou em uma organização de extrema esquerda, avalia a decisão do governo de negar à Itália a extradição do terrorista Cesare Battisti? Prefiro não comentar, até porque não conheço detalhes do processo. O que posso dizer é que a opção que a esquerda italiana fez pela luta armada foi um erro político crasso. A Itália não passou por uma ditadura como o Brasil. Aqui, nós nos envolvemos na luta armada porque enfrentávamos um governo ilegítimo, que tomou o poder à força. Podemos ter cometido um erro político, mas nossa ação era eticamente justificável. Na Europa, não. Lá, ninguém rasgou constituição. Optaram pela luta armada em um período de democracia, o que, por si só, é moralmente condenável. E, como não havia ditadura, é difícil distinguir crimes políticos de crimes comuns.

Ao tomar essa decisão, o Brasil questiona a legitimidade da Itália de julgar seus delinquentes? É um exagero dizer isso. A França tomou uma decisão semelhante, ao negar a extradição de uma militante das Brigadas Vermelhas italia-

nas. Brasil e França têm direito de conceder ou negar a extradição. E a Itália tem o direito de protestar.

A folha de pagamentos do governo tem inchado com aumentos salariais e a contratação de servidores. Isso põe em risco o equilíbrio fiscal? Concorde que o aumento da folha é preocupante. Os reajustes salariais concedidos em 2008 terão impacto no equilíbrio fiscal. Não dá para ser generoso nesse campo. Mas a maior parte das contratações futuras ocorrerá por determinação do Ministério Público, para substituir funcionários terceirizados.

Se for confirmado no ministério, o senhor defenderá o socorro do governo a empresas em dificuldades? Acho correta, sim, a liberação de recursos do BNDES para irrigar a economia real. Governos do mundo inteiro estão fazendo isso. O país correrá um risco muito maior se o governo deixar as empresas quebrarem apenas para manter a disciplina fiscal. O governo Lula foi o campeão na produção de superávits fiscais primários, mas o cenário mudou. Não podemos dar o mesmo remédio para doenças diferentes. Se as empresas quebrarem, os empregos sumirão. Quem reclama o tempo todo do gasto público esquece de mencionar que os juros são o maior item da despesa do governo.

O senhor está entre os que acham que o Banco Central demorou a baixar os juros? A queda iniciada em janeiro poderia ter começado há três meses. O Banco Central errou um pouco no timing, mas não demonizo a instituição nem seu presidente, Henrique Meirelles. Sem o rigor deles, não teríamos hoje reservas de 200 bilhões de dólares para manejar a variação cambial e atravessar bem a crise. Mas o mais importante é que temos condições propícias para continuar a baixar os juros. Como me disse o presidente Lula, estamos ganhando o jogo e o Pelé ainda nem entrou em campo. Pelé, no caso, é uma metáfora futebolística para a redução dos juros, uma arma poderosa de que o país dispõe para enfrentar a crise. ■

Entrevista GUIDO MANTEGA

EURÍPEDES ALCÂNTARA E ALEXANDRE OLTRAMARI

O Brasil já chegou ao futuro

O ministro da Fazenda diz que o Brasil passou pelo teste da grande crise mundial, encontrou seu rumo e ele não vai mudar, seja qual for o presidente eleito em 2010

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, 60 anos, tem mais horror de rótulos do que de recessão. A atual, diz ele, está sendo vencida pelo Brasil justamente porque a política econômica não é mais um cabo de guerra entre correntes de pensamento discordantes: “Essa discussão sobre se determinada medida é ortodoxa ou heterodoxa acaba sendo bobagem. Você tem de tomar as medidas que são mais eficientes para o país naquele momento — e ponto”. Como um bom petista histórico, Mantega acredita que na política os conceitos de esquerda e direita continuam tendo validade. Mas em economia só atrapalham — pelo menos para quem tem a missão de formular políticas econômicas. Satisfeito com os resultados de seu pragmatismo, ele falou a VEJA.

Quando o senhor discutia as ideias econômicas do PT nos anos 80, seria levado a sério alguém que dissesse que a verdadeira revolução brasileira viria pela estabilidade econômica e pela criação de uma nova classe média? Seria uma surpresa ainda maior se essa pessoa dissesse que isso ocorreria em um governo do PT. O que importa mesmo é termos conseguido atingir nossos objetivos históricos. Eles nunca mudaram. Sempre foram elevar a qualidade de vida de todos os brasileiros, em especial daqueles com maiores carências, fortalecer a democracia, modernizar ainda mais a economia, tornar o Brasil um país menos dependente, menos vulnerável e fortemente respeitado no exterior. Nossa passagem pelo governo e a maneira como enfrentamos as crises externas e internas me permitem dizer o que todo mundo repete lá fora: para o Brasil o futuro, finalmente, chegou. O sinal mais evidente disso é estarmos caminhando para mais uma eleição presidencial e, desta vez, sem dar chance



“As diferenças entre um e outro candidato dificilmente serão tão profundas a ponto de tirar o país do caminho que está trilhando”

LARISSA SANTOS

Entrevista GUIDO MANTEGA

aos especuladores de explorar riscos reais e imaginários como no passado. Espero que saia vencedora nossa candidata, a ministra Dilma Rousseff, mas, seja quem for o novo presidente eleito em 2010, ele não terá como mudar radicalmente os rumos do país. Não vai desfigurar a política econômica, tampouco a social. Se relaxar no combate à inflação, estará em apuros. Se acabar com o Bolsa Família, correrá o risco de ser deposto.

Em 2002, o mercado se apavorou com Lula e o risco-país bateu em 2.400 pontos, um recorde. A desconfiança foi exagerada? Isso foi em outubro de 2002. Lula liderava as pesquisas e havia um acúmulo de percepções negativas sobre como se comportaria a esquerda brasileira, que pela primeira vez chegava ao poder em nível federal. Muita gente falava que haveria quebra de contratos, de princípios, e que nós não iríamos respeitar as instituições. Somava-se a isso a própria fragilidade da economia brasileira naquele momento. O nível de reservas internacionais estava muito baixo, os investimentos estrangeiros diretos tinham despencado e, para piorar, o país ainda sentia os impactos de uma grave crise de energia. Então, por mais que reafirmássemos nosso compromisso com a responsabilidade na condução da economia, as percepções negativas se mantiveram. Elas só se dissiparam mesmo quando começamos a governar e não quebramos um contrato sequer, adotamos uma política fiscal mais vigorosa do que a do governo anterior, reforçamos a luta contra a inflação e continuamos arrumando o país.

Continuaram...? Mas, então, o mundo não começou no dia da posse do Lula? Ironias à parte, fomos nós que demos a grande virada no país ao incentivar o crescimento. Demos a virada por nossos próprios méritos, principalmente pelo fato de o presidente Lula ser um político conciliador e avesso a rupturas e por sabermos aproveitar a excelente situação da economia exter-

“Quem disser que esta crise não foi o maior ‘stress test’ do século estará desinformado. Foi um teste brutal, e o Brasil está se saindo muito bem até agora. Todos os setores da economia brasileira já começam a reportar uma retomada”

na que vigorou até o ano passado. Mas é óbvio para qualquer um que é obra também de governos passados o fato de dispormos atualmente da democracia mais funcional e das instituições mais avançadas entre todos os principais países emergentes, chamados de Brics por alguns. Nós construímos em quinze, vinte anos instituições sólidas no país. Hoje não se aceita mais que as políticas públicas sejam feitas sem ouvir os trabalhadores e sem que elas visem a diminuir a pobreza e a concentração de renda. O Brasil era um país vergonhoso. Agora há um consenso em torno de pontos vitais, e, repito, seja qual for o próximo governo, ele vai continuar acumulando reservas, diminuindo a vulnerabilidade externa, vai manter a inflação sob controle e dar continuidade aos programas sociais. As diferenças entre um e outro candidato sempre existirão, mas dificilmente elas serão tão profundas a ponto de tirar o país do caminho que está trilhando com tanto sucesso.

O Brasil passou com louvor pelo teste político de ser governado pela esquerda. O senhor diria que a crise financeira

mundial foi a grande prova para a economia e também fomos aprovados?

Quem disser que esta crise não foi o maior “stress test” do século estará mentindo ou desinformado. Foi um teste brutal, e o Brasil está se saindo muito bem até agora. Saiu-se bem em relação a si mesmo, pois provações bem menos vigorosas no passado nos deixaram de joelhos. Saiu-se bem também em comparação com os demais países emergentes e em comparação com as economias mais maduras. Para completar o quadro positivo, houve um reconhecimento quase universal do nível de preparo do Brasil para enfrentar situações internacionais adversas. Isso é um prenúncio de que, quando a crise amainar ainda mais, começará a haver uma sobra de capital, uma liquidez enorme no mundo, que vai procurar um lugar seguro e promissor para investir. Posso afirmar sem medo de errar que uma porção substancial desse capital virá para o Brasil.

Com relação à crise mundial, pode-se dizer que ela está no fim, no começo do fim ou apenas no fim do começo? A fase mais aguda da crise já foi deixada para trás. Isso é consenso mesmo nos países avançados que foram o epicentro de tudo e agora começam a experimentar uma melhoria gradual. Mas talvez seja tarde demais para salvar 2009 da recessão. Ela será forte em quase todos os países, com raras exceções. O Brasil é uma dessas exceções. Nossa economia vai se sair melhor do que as da Inglaterra, da União Europeia, do Japão e dos Estados Unidos. Esses países e regiões estão prevendo variações do PIB fortemente negativas. O Brasil não apresentará o mesmo resultado brilhante dos dois anos passados, mas os dados mostram que podemos chegar ao fim do ano com um resultado mais próximo do positivo do que do negativo.

Que dados são esses? Todos os setores da economia brasileira já começam a reportar uma retomada. Em ritmo diferente, claro, mas todos estão começando a acelerar. Mesmo o setor industrial, que tem problemas mais

específicos e mais profundos, já dá sinais muito claros de recuperação. Outro sinal inequívoco de que as nuvens de tempestade estão se dissipando vem de fora. Nas primeiras semanas de maio, a bolsa de valores recebeu quase 5 bilhões de dólares. Esse tipo de investimento é uma boa leitura de radar do que está para ocorrer na economia real. De modo geral, quando não se trata de especulação, os investidores vão para a bolsa de um país com a expectativa de se posicionar para ganhar com a valorização das ações que resultará do esperado crescimento econômico. Quando se olha o IED, o investimento estrangeiro direto, feito em fábricas e outros bens no Brasil, os números também são bons. Em abril entraram no país 3,5 bilhões de dólares. Isso cria empregos, que é nossa principal meta.

Alguns analistas temem que essa “corrida para o Brasil” produza uma bolha. O senhor compartilha esse temor? Não temos esse temor e não pensamos em taxar o investimento estrangeiro. Isso só é necessário em situações muito excepcionais, quando tudo o que entra vai para aplicações financeiras. No ano passado, quando houve um fluxo exagerado de dólares direcionado à renda fixa, decidimos taxar essas operações em 1,5%, pois elas estavam atrapalhando o funcionamento da economia. Não é o caso agora no Brasil. Estamos falando em uma economia que vai crescer de 3% a 4% já no próximo ano, que tem necessidade e condições de usar produtivamente a médio prazo todo o capital externo que puder atrair.

O governo Fernando Henrique transcorreu sob uma tensão constante, positiva até, entre correntes ditas desenvolvimentistas e monetaristas. Qual a grande polarização interna na formulação da política econômica do governo Lula? Tentou-se explorar uma potencial disputa entre o Ministério da Fazenda e o Banco Central. Mas isso durou pouco. Não existe essa polarização. Cada um faz seu trabalho. Cada um

“A vocação pela conciliação do presidente Lula, seu jeito de avançar pelo consenso, funciona tão bem porque a sociedade brasileira não é radicalmente dividida, não se dilacera na luta de classes”

tem uma área específica. Trabalhamos juntos, nos reunimos toda semana, discutimos os problemas do país e buscamos sempre uma sintonia. Pensamos igualmente sobre todos os assuntos? Não. Lá fora, cada um tem um ponto de vista diferente sobre A ou B. Mas, no governo, essas diferentes visões precisam ser direcionadas para a obtenção do objetivo comum.

O senhor sofre pressão de grupos de esquerda para adotar políticas mais populares? Pode parecer uma visão muito benigna, mas é verdade constatável. A vocação pela conciliação do presidente Lula, seu jeito de avançar pelo consenso, funciona tão bem porque a sociedade brasileira não é radicalmente dividida, não aposta no confronto, não se dilacera na luta de classes. Os pobres melhoraram sua condição de vida sem que fosse preciso tirar dos ricos para dar a eles. Os empresários têm hoje mais oportunidades do que tinham no passado. O Brasil avança com o talento dos empresários somado ao dos trabalhadores como uma burocracia pública tentando ajudar, e não ser um obstáculo. O Brasil encontrou sua diretriz e está unido em torno dela.

O senhor já ouviu propostas não republicanas em seu gabinete?

Há uma filtragem muito eficiente até alguém conseguir sentar aqui na frente do ministro. Mas, às vezes, algumas pessoas chegam achando que o estado está a serviço de si mesmo ou de determinada empresa ou de algum mandato. Mas essas propostas não prosperam.

O senhor tem alguma resposta-padrão para esse pessoal? Quando as coisas vão bem, todo mundo é ortodoxo, a favor do mercado, mas, quando as coisas vão mal, todo mundo quer que o estado salve. Eu até entendo, quando a pessoa fala em nome de todo um setor em dificuldade e procura uma salvação por meio da intervenção do governo. É assim no Brasil. Vimos recentemente que é assim também lá fora. Nossa política é a de que é preciso ouvir e tentar ajudar dentro de princípios claros e sem prejuízo para os cofres públicos.

Quais os pedidos mais comuns?

O que todo setor quer é, exagerando, que os impostos sejam reduzidos a zero. Se nós atendêssemos a todo pedido de redução de impostos, a arrecadação é que seria zerada. Não haveria arrecadação.

Com gastos de custeio que crescem a cada ano e já dono de 40% de toda a riqueza do país expressa pelo PIB, não chegou a hora de o estado brasileiro começar a pesar menos sobre os ombros dos contribuintes?

Nós temos reduzido os impostos, reduzimos o IPI de quase tudo e vamos reduzir mais quando as condições possibilitarem. Mas o custo da folha de pagamento ainda é muito alto para as empresas no Brasil. A contribuição previdenciária é bastante elevada, e isso resulta em prejuízo para o próprio empregado. Vamos atacar isso sem que implique perda de direitos para os trabalhadores. O custo de criar e manter um emprego no Brasil tem de cair rapidamente. Todos ganhariam com isso. ■

Entrevista MICHEL TEMER

OTÁVIO CABRAL

É preciso reagir agora

O presidente da Câmara dos Deputados diz que a crise ética atinge uma minoria no Parlamento, mas que, se nada for feito, arrastará toda a instituição

Na semana passada, o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer, assinou, com os presidentes da República, do Senado e do Supremo Tribunal Federal, um pacto pela agilização da Justiça e pelo combate ao abuso de autoridade. O ato pode ter efeito prático limitado mas carrega um simbolismo forte, o de mostrar que os poderes têm o bem comum como objetivo acima de suas óbvias divergências. Nesta entrevista a VEJA, Temer se mostra preocupado com a dilaceração da imagem do Congresso pelos sucessivos escândalos protagonizados por deputados e senadores. O parlamentar paulista, que também é presidente do PMDB, defende ações imediatas para evitar que prosperem ideias radicais como a aventada pelo senador Cristovam Buarque, para quem, no ritmo que se vai, logo alguém proporá a convocação de um plebiscito para decidir se não é o caso de o Brasil fechar o seu Congresso.

O deputado Fábio Faria levou a ex-namorada, a apresentadora Adriane Galisteu, e a sogra para Miami usando passagens dadas pela Câmara. O senhor defende a punição do deputado? Eu já determinei que ele mandasse uma explicação para a utilização dessas passagens. Vou aguardar a resposta e enviá-la ao corregedor, para que ele examine o caso e uma eventual punição. No dia em que soube da denúncia, procurei o Fábio e disse a ele que, se achasse que tinha usado indevidamente as passagens, devolvesse o dinheiro ao Erário. Foi o que ele fez. O problema da punição é que a ordem jurídica vigente diz apenas que o crédito das passagens é do deputado. Não especifica como deve ser usado. Portanto, na norma legal, não houve um erro.

Esse tipo de escândalo vem se multiplicando nos últimos tempos no Congresso. A falta de parâmetros éticos tomou

“É vital distinguir os equívocos de A, B ou C do comportamento correto da maioria dos parlamentares. É preciso preservar a instituição dos erros de poucos”

ZASNA/REUTERS



Entrevista MICHEL TEMER

conta da política? Foram justamente as medidas de transparência que tomei nesses dois meses de gestão, como a divulgação dos gastos dos deputados com a verba indenizatória, que permitiram a revelação desses escândalos. Evidentemente, há confusão entre o que se pode fazer e o que não se pode fazer. Há falhas no controle, mas esses casos vão ser solucionados pouco a pouco. Não dá para chegar arrombando a porta. O patrimonialismo é uma característica da política brasileira, e esses desvios de comportamento são históricos. Quero ressaltar, porém, que há um número mínimo de deputados que praticam atos inadequados. Quem erra precisa ser condenado. Os erros de poucos não podem contaminar a instituição.

Esse excesso de verbas e auxílios sem fiscalização não é um convite às irregularidades? Sem dúvida. Foi por isso que surgiu a ideia de acabar com a verba indenizatória (15.000 reais que os deputados recebem para cobrir despesas de combustível, alimentação, aluguel de escritório) e incorporar a maior parte desse valor ao salário (16.500 reais). Se o salário do deputado for equiparado ao do ministro do Supremo (24.500 reais), haverá uma redução na verba indenizatória de 7.000 reais mensais para cada deputado — o que significa uma vantagem para a Câmara. Mandei fazer um estudo que mostra na ponta do lápis que haverá grande economia para os cofres públicos se esse auxílio for incorporado ao salário dos senadores, deputados federais e estaduais.

Por que, apesar dos escândalos em série, essa proposta nunca avançou? Desisti de levá-la adiante. Imagine se eu promovesse um encontro de todos os presidentes de assembleias para debater o tema. A imagem que ia ficar era que estávamos discutindo aumento salarial de deputados em meio à maior crise dos últimos tempos. Se elevássemos o salário dos deputados de 16.000 reais para 24.000 reais, as manchetes do dia seguinte certamente diriam “Câmara dos Deputados aumenta os

“Se elevássemos o salário dos deputados de 16 000 reais para 24 000 reais, as manchetes do dia seguinte certamente diriam ‘Câmara dos Deputados aumenta os salários’.
O desastre seria inevitável”

salários”. Jamais se escreveria “Câmara aumenta salário, mas gera economia”. O desastre seria inevitável.

Em uma entrevista publicada há dois meses, o senador Jarbas Vasconcelos afirmou que o PMDB é corrupto e só pensa em ocupar cargos para fazer negócios. Tenho muito respeito pelo senador Jarbas, mas ele foi genérico demais naquela entrevista. Fui pressionado para mandá-lo para a comissão de ética do partido, para expulsá-lo do PMDB, mas não fiz nada disso. Apenas pedi que especificasse as acusações, o que ele nunca fez. Como a afirmação é muito genérica, não há condições de apurar essa corrupção.

Afinal, para que o PMDB quer tantos cargos? No primeiro mandato, não estive com o governo Lula. Apenas uma ala do partido aderiu. Quando foi reeleito, o presidente resolveu institucionalizar essa aliança. Como presidente do partido, fechei um acordo programático de sete pontos. Essa é a base da coalizão, aprovada por todo o conselho político do partido, inclusive pelo Jarbas. Essa coalizão conduz à ocupação de cargos, o que é natural para implementar as políticas do partido. É le-

gítimo isso para qualquer governo que queira ter maioria no Parlamento. O PMDB tinha três ministérios, passou a ter seis. Os cargos são consequência desses acordos. Quando há corrupção com esses cargos, é preciso punir os responsáveis, não generalizar.

O partido que o senhor preside é o maior do país, mas não teve candidato a presidente nas três últimas eleições. É um problema de ambição ou de falta de quadros? Minha posição sempre foi ter candidatura própria. Em 2006, promovi uma prévia com dois candidatos: Germano Rigotto e Anthony Garotinho. Havia condição política de ter um candidato, mas a verticalização impediu. Agora, sem a verticalização, há a possibilidade de lançar uma candidatura presidencial própria sem atrapalhar os estados. Concordo que é muito difícil viabilizar um nome, mas em política as surpresas acontecem. Ainda é cedo para definir isso.

Se o PMDB não tiver mesmo candidato, o senhor estará no palanque de Dilma Rousseff ou de José Serra? Não sei. Divulgam muito que vou ser vice da Dilma, como já se falou também da possibilidade de eu ser vice do Serra. Ainda não é o momento de falar de campanha presidencial.

Na semana passada, o senhor participou do lançamento de um pacto entre os poderes para melhorar a Justiça. Há alguma chance de esse pacto sair do papel? O pacto tem mais de trinta projetos, e não dá para aprovar tudo de imediato. Vamos priorizar aqueles que beneficiam diretamente a população, como as medidas que dão celeridade à Justiça e a negociação de dívidas do cidadão diretamente com o estado, sem a intermediação do Judiciário.

Nesse pacto, há a previsão de mudanças no rito das CPIs. Foi graças a essas comissões que se desnudaram escândalos como os do Orçamento, do governo Collor e do mensalão. Não é um retrocesso reduzir o poder das CPIs? Não há possibilidade de limitar o poder das

CPIs. Houve essa interpretação porque há no pacto uma vertente de defesa dos direitos individuais. Para algumas pessoas, há abuso nas CPIs, mas eu discordo dessa tese. Além de não haver excesso, as conclusões das CPIs são remetidas ao Ministério Público para evitar qualquer abuso.

A CPI das Escutas Telefônicas Clandestinas mostrou a existência de um estado policial paralelo responsável por espionagem, escutas e grampos. Como barrar essas ações ilegais? Essa CPI teve um efeito muito positivo para o país que não vem sendo ressaltado, o de evidenciar que há uma constante agressão a direitos fundamentais do cidadão. Sou autor de um artigo da Constituição que deu inviolabilidade à profissão dos advogados. Tempos atrás, a pedido dos advogados, tive de apresentar um projeto que tornava inviolável o local de trabalho deles. Os projetos são redundantes, mas o segundo foi necessário porque a lei não era respeitada e os escritórios de advogados eram devassados. Agora, mesmo com as duas leis em vigor, o juiz da Operação Castelo de Areia permitiu que a polícia devassasse totalmente escritórios de advocacia. É por essas situações que aponto o benefício que essa CPI está criando ao país. As gravações indiscriminadas acabam com o sigilo pessoal. Essa Operação Satiagraha gravou todo mundo. Quando se fazem arquivos pessoais, cria-se uma grande arma para chantagens. Não posso dizer que isso está sendo feito agora, mas criou-se a possibilidade. Tanto que o investigador acabou sendo investigado.

O governo Lula já passou por uma série de escândalos e crises. Mesmo assim, ele é o presidente mais popular de todos os tempos. Qual é o segredo do sucesso do governo? Os grandes segredos do Lula são a espontaneidade e a intuição política extraordinárias. Ele tem uma linguagem que o povo entende diretamente. E também conseguiu feitos significativos. Para um país que era todo endividado, passar a emprestar dinheiro ao FMI é extraordinário. Ele se

“O Legislativo só é enaltecido quando o país está saindo de um regime autoritário. Na história brasileira sempre foi assim. Em 1964, o Congresso estava com sua imagem no chão, o que deu no regime militar”

comportou bem na área econômica e na área social, com o Bolsa Família, que lhe deu grande projeção. E na política externa ele teve grande sucesso. Convenhamos: o Obama dizer que ele é o cara foi uma coisa estupenda.

E os pontos fracos do governo? O que falta é pegar o pessoal que se alimentou do Bolsa Família, passando das classes D e E para a classe C, e dar um espaço de trabalho para incorporá-lo à nacionalidade. Esse é o ponto que deve ser a sequência do governo. Não se pode ficar só no Bolsa Família. É preciso qualificar essa parte da população para que ela não retorne à classe E.

Por outro lado, a reprovação ao Congresso só aumenta. Segundo o Datafolha, 37% dos brasileiros consideram a atuação dos parlamentares ruim ou péssima. O Legislativo só é enaltecido quando o país está saindo de um regime autoritário. Na história brasileira sempre foi assim. Em 1964, o Congresso estava com sua imagem no chão, o que deu no regime militar, que foi instaurado com o aplauso da maior parte da população. O Legislativo praticamente não existiu até 1982, quando vieram a redemocratização, as Diretas

Já, a eleição de Tancredo, a Constituição de 1988, o impeachment do presidente Fernando Collor. O Congresso, desde então, voltou a ser aclamado com uma força e um prestígio estupendos. Passado esse período, o Congresso, infelizmente, tem sua pior imagem.

Mas não é exatamente este o problema: a impressão generalizada de que ninguém é punido no Congresso, de que o corporativismo sempre prevalece? O processo penal e o processo político são duas coisas totalmente distintas. E, de uma maneira ou outra, todos os deputados envolvidos em escândalos foram punidos. Veja o caso do mensalão. Alguns estão respondendo a processos no Supremo e alguns foram cassados. Mesmo os que foram absolvidos tiveram um dano político irreversível. A avaliação política é muito pessoal. Há influência psicológica para cassar e para não cassar. No caso do Judiciário, o processo se baseia nas provas dos autos. No processo político, tudo se baseia na hipótese da conveniência. Dou o exemplo teórico clássico de um presidente que esteja sendo julgado por crime de responsabilidade. Verifica-se que ele praticou o crime, mas verifica-se também que, se ele perder o cargo, isso poderá levar o país a uma guerra civil. O que fazer nesse caso? A meu ver, seria conveniente evitar o caos institucional mesmo que isso significasse a interrupção do processo de cassação do presidente.

O senhor vê hoje ameaça real de retrocesso democrático? Não, de jeito algum. As instituições estão sólidas como nunca. Apesar das críticas, há uma grande harmonia entre os três poderes. O Congresso, porém, precisa reagir e promover uma recuperação ética para que ideias como a do senador Cristovam Buarque, de fazer um plebiscito para que a população defina a própria existência do Legislativo, não ganhem força na sociedade. É vital distinguir os equívocos de A, B ou C do comportamento correto da maioria dos parlamentares. É preciso preservar a instituição dos erros de poucos. ■

Entrevista: **Arlindo Chinaglia**

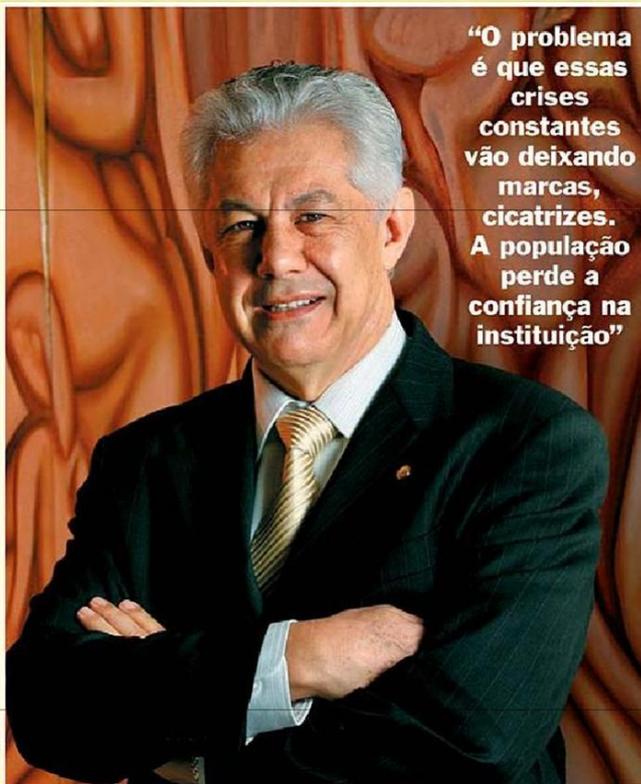
O pior já passou

O presidente da Câmara dos Deputados diz que o terceiro mandato seria um desastre e que o Parlamento já começou a recuperar uma boa imagem

Otávio Cabral

A imagem dos congressistas enfrenta um crônico processo de desgaste. Nos últimos anos, o deputado Arlindo Chinaglia, do PT de São Paulo, assistiu de perto aos episódios protagonizados por parlamentares que constrangeram a população e acabaram por arrastar seu partido para a vala comum dos maus costumes da política. Em 2004, quando apareceu um vídeo do petista Waldomiro Diniz pedindo propina a um empresário de jogos, Chinaglia era líder do PT na Câmara. No ano seguinte, explodiu o escândalo do mensalão, que revelou uma impressionante rede de corrupção montada pelo PT para subornar parlamentares. Chinaglia ocupava, então, o posto de líder do governo. No ano passado, o deputado elegeu-se presidente da Câmara. Não houve escândalo nesse período, mas Chinaglia acabou herdando as conseqüências do passado. Durante sete meses, a Câmara dos Deputados não votou um único projeto, impedida pelo excesso de medidas provisórias enviadas pelo governo — problema que começou a ser solucionado na semana passada. Chinaglia acha que o pior já passou. Em entrevista a VEJA, ele fala sobre as dificuldades do Congresso, analisa a popularidade do governo, afirma que considera um desastre a idéia do terceiro mandato para o presidente Lula e diz que o PT perdeu a bandeira da ética.

Veja — O presidente do Senado, Garibaldi Alves, afirmou que o Congresso está na UTI graças aos escândalos de corrupção e à paralisia decorrente das medidas provisórias. O senhor concorda?



“O problema é que essas crises constantes vão deixando marcas, cicatrizes. A população perde a confiança na instituição”

Chinaglia — Se compararmos os momentos pelos quais a Câmara passou recentemente com os dias atuais, eu não acho que esteja na UTI. O problema é que essas crises constantes vão deixando marcas, vão deixando cicatrizes. A população perde a confiança na instituição. A situação é difícil, mas o pior já passou.

Veja — O senhor fez da mudança nas regras das medidas provisórias sua bandeira de campanha. Mesmo assim, ainda não houve modificação na legislação e o governo continua abusando das MPs.

Há possibilidade de alguma mudança ainda no seu mandato?

Chinaglia — Vamos votar a mudança do rito de tramitação, que prevê que as medidas provisórias não poderão mais trancar a pauta. Esse trancamento da pauta é nocivo. Desde o fim do ano passado, quando da tramitação da CPMF, a pauta esteve trancada por MPs. Foram sete meses de trancamento. Só agora conseguimos limpar a pauta e votar projetos vitais, como o pacote de segurança. Há um entendimento entre as bancadas da Câmara e do Senado para

que o projeto seja aprovado neste ano. Farei de tudo para que essa mudança entre em vigor ainda na minha gestão.

Veja — *Em sua avaliação, por que há esse abuso histórico das medidas provisórias?*

Chinaglia — O Executivo se tornou dependente das MPs. Quando o governo não quer que seja votada uma proposta, usa medidas provisórias para obstruir a pauta do Congresso. Mas elas também são muito úteis para o governo pela urgência, pois são uma via rápida de contra-posição à tradicional procrastinação do Legislativo. No Congresso, qualquer que seja o tema, é preciso aprofundá-lo, aprimorá-lo, ouvir todos os lados para construir uma maioria. Já uma MP depende apenas de uma assinatura do presidente.

Veja — *Outro ponto que desgasta a Câmara é a seqüência de escândalos envolvendo parlamentares. Na legislatura passada, houve o mensalão e os sanguessugas. Agora, surge o caso do deputado Paulinho da Força (PDT-SP), acusado de envolvimento com desvios no BNDES.*

Chinaglia — Vou começar pelo caso que ficou conhecido como mensalão. Na medida em que deputados acabaram envolvidos naquele escândalo, a imagem da Câmara foi parar no chão. É uma situação perigosa, porque, se a população deixa de acreditar em um dos poderes, ela pode se decepcionar com o próprio processo democrático. Eu não trabalho com a hipótese de que a Câmara seja uma instituição perfeita. Não existe instituição perfeita. Mas isso não pode servir de desculpa para deixar que os erros persistam. É preciso sempre reagir. A Câmara vem tendo iniciativas que demonstram capacidade de reação.

Veja — *O senhor está entre os petistas que insistem em afirmar que o mensalão não existiu?*

Chinaglia — Se o mensalão for considerado um esquema de caixa dois envolvendo partidos políticos, é óbvio que existiu. Se disserem que foi uma mesada repassada mensalmente a deputados pelo governo, aí já não dá para afirmar que existiu. Esse repasse, apontado pelo Roberto Jefferson, nunca foi provado.

Veja — *Quais as conseqüências do escândalo do mensalão para o PT?*

Chinaglia — Foram profundamente ruins para a imagem do PT, que jamais vai se recuperar totalmente. O PT não tinha manchas em sua biografia. Evidentemente essa crise colocou o partido em um patamar diferente. Se algum petista tinha a presunção de dizer que só no PT havia gente honesta e preocupada

“Sou radicalmente contra e não conheço ninguém da direção nacional do PT que defenda o terceiro mandato. Há militantes do PT, deputados do PT que o defendem, mas não setores organizados. O terceiro mandato é um desastre para a democracia. Não há a menor chance de prosperar”

com a ética, isso acabou. Essa arrogância acabou. A crise forçou todos no PT a ter uma atitude diferente. Um erro brutal e inadmissível foi misturar as finanças do PT com as das campanhas eleitorais. Isso não pode acontecer mais.

Veja — *É senso comum que o sistema político é uma das causas da corrupção, mas nenhuma mudança concreta é feita.*

Chinaglia — Na política, o manto da corrupção é o financiamento de campanha. Mas há outros elementos, como distribuição de cargos na máquina pública e fraudes no processo orçamentário. Os corruptos vivem aperfeiçoando seus métodos de desviar dinheiro público. Os poderes também precisam aperfeiçoar os mecanismos de combate às fraudes. Não vejo uma resposta acabada para o combate à corrupção. Recentemente, um prefeito foi preso com 1 milhão de reais em casa. Será que a população não percebeu o crescimento do patrimônio des-

se prefeito? A participação popular é essencial. É preciso fiscalizar, denunciar, estar vigilante. Essa é a melhor maneira de combater a corrupção.

Veja — *Mesmo com tantos escândalos, o presidente Lula continua registrando altos índices de popularidade. Isso não revela uma tolerância da população com a corrupção?*

Chinaglia — Lula era um mito antes de ser presidente. Ao assumir, optou por uma política econômica conservadora, sem deixar de lado as políticas sociais. O resultado veio na forma de emprego, de aumento salarial, de crédito, criando o efeito cascata. O comércio passou a vender mais; a indústria, a produzir mais; os profissionais autônomos, a ganhar mais. Ele comandou uma virada, e as pessoas agora sentem o benefício. É por isso que alguns defendem o terceiro mandato.

Veja — *O senhor se inclui entre eles?*

Chinaglia — Quem defende a permanência de Lula por mais quatro anos não é o PT, não é a classe política. É parte da população. Sou radicalmente contra e não conheço ninguém da direção nacional do PT que defenda o terceiro mandato. O próprio presidente da República já deu várias declarações contrárias à idéia. Essa proposta não existe politicamente, não vejo a mínima possibilidade de ela ir adiante. Há militantes do PT, deputados do PT que a defendem, mas não há setores organizados do partido ou do governo que queiram o terceiro mandato. O terceiro mandato é um desastre para a democracia. Não há a menor chance de prosperar.

Veja — *O senhor não vê falhas no governo Lula?*

Chinaglia — Os principais erros são políticos. Muitas vezes uma matéria de interesse do governo é votada no Congresso e tem ministro trabalhando contra, com posição diferente. Falta agilidade ao governo na relação política, o que passa a idéia de incapacidade de decisão.

Veja — *O PT terá candidato próprio à sucessão de Lula?*

Chinaglia — O PT terá candidato, e hoje o nome é o da ministra Dilma Rousseff. A razão é simples: se o presidente, como tudo indica, bancar a candidatura da Dilma, ela passará a ser o nome mais forte. É bom ressaltar, porém, que Lula ainda não

disse que será a Dilma, apenas vem dando indícios a partir do reconhecimento do trabalho que ela faz no governo.

Veja — *O senhor acredita na viabilidade eleitoral da ministra Dilma?*

Chinaglia — Sem dúvida. Ela não tem tradição de eleição, mas pode superar esse problema. O Fernando Lugo (*presidente eleito do Paraguai*) também nunca tinha disputado uma eleição. A Dilma faz um bom trabalho em um governo altamente popular. O presidente altamente popular reconhece na Dilma a pessoa que reúne melhores condições de seguir seu trabalho. Isso é um apelo muito forte. Lula tem tudo para fazer de Dilma sua sucessora.

Veja — *O caso do dossiê pode atrapalhar as pretensões políticas de Dilma Rousseff?*

Chinaglia — Boa parte da oposição centrou fogo no dossiê para atingir a ministra e ela sobreviveu bem a esse primeiro tiroteio. É claro que, em uma disputa eleitoral, esse tema pode voltar a ser explorado. Porém, mais explorado do que foi a crise do mensalão em 2005 em cima do Lula não é possível. Se comparado ao escândalo do mensalão, esse dossiê não é nada, não chega nem perto de ser um problema.

Veja — *Se a Dilma não deslanchar, é possível que o PT apoie um candidato de outro partido, como Ciro Gomes ou Aécio Neves?*

Chinaglia — Não vejo possibilidade de o PT não ter candidato próprio à sucessão do presidente Lula. É uma posição amplamente majoritária — dentro do partido. Vamos buscar alianças com outros partidos, mas sempre com o PT encabeçando a chapa. Dependendo do quadro, no segundo turno poderemos apoiar outro partido. Hoje, não trabalhamos com a hipótese de o PT não ter candidato próprio.

Veja — *Lula tem feito críticas ao Congresso, ao Tribunal de Contas, à oposição e ao Judiciário. Tem viajado para divulgar o PAC em eventos que lembram comícios e que são questionados na Justiça Eleitoral. Esse excesso de popularidade não pode ter como efeito colateral um desprezo aos demais poderes?*

Chinaglia — Lula faz política 24 horas por dia. Ao se sentir forte, ele entra mais

no debate. Se há alguém que sabe o peso que tem, esse alguém é Lula. Quando o PT quis que fosse candidato, ele soube jogar seu peso para impor suas posições, suas condições. Agora faz o mesmo. Recentemente, fez uma crítica pesada ao Tribunal Superior Eleitoral, que estava sob o comando do ministro Marco Auré-

“Não vejo uma resposta acabada para o combate à corrupção. Um prefeito foi preso com 1 milhão de reais em casa. Será que a população não percebeu o crescimento do patrimônio desse prefeito? É preciso fiscalizar, denunciar. Essa é a melhor maneira de combater a corrupção”

lio Mello. Aquilo não foi ação, foi reação, porque o Marco Aurélio dissera antes que quem não estivesse satisfeito com o governo deveria entrar com ações na Justiça. O Congresso, ele já elogiou e já criticou. Lula tem um instinto de autopreservação muito grande. Não o vejo desprezando as instituições. Vejo-o fortalecido pela popularidade e fazendo valer suas posições.

Veja — *O senhor reconhece que os bons resultados econômicos são responsáveis em boa parte pelo sucesso do governo. Por que os petistas insistem em pedir a cabeça do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles?*

Chinaglia — Há uma vocação natural do PT de fazer pressão por mais desenvolvimento e mais crescimento. O Meirelles, justa ou injustamente, ficou marcado no partido como um obstáculo a esse desejo, um entrave ao crescimento do país. Sua saída não vai merecer aplausos no PT, mas vai criar a expectativa de que

possibilite mais crescimento. Qualquer um no PT ou fora do PT pode discordar do Meirelles, pode desejar mudanças, mas não pode negar que ele teve participação relevante nos resultados do governo até agora.

Veja — *O senhor é a favor da independência do Banco Central? Há possibilidade de esse projeto ser votado até o fim de sua gestão?*

Chinaglia — O Banco Central pode ter independência operativa, mas precisa responder a um projeto político. Como é possível deixar a política macroeconômica, o poder de decidir questões centrais de um país, nas mãos de alguém que não foi eleito? Não acredito em Banco Central que tome decisões acima de um presidente da República. Ninguém comenta essa questão da independência do BC na Câmara; ela não é prioridade e não será votada.

Veja — *A reforma tributária é prometida por todos os candidatos e é mandada ao Congresso por todos os governos, mas nunca sai do papel. Há alguma chance de que agora seja diferente?*

Chinaglia — A reforma vai ser aprovada, com certeza. A comissão especial cumprirá o prazo regimental de quarenta sessões para analisá-la. Aí vai para a votação em plenário. Quem tem poder de colocá-la na pauta sou eu. E vou colocá-la. Isso eu garanto. Não estou dizendo isso por arrogância, mas para que os envolvidos não trabalhem com a idéia de que ela não será feita. Então, que todos se mobilizem para defender seus pontos de vista. Não contem com a omissão da Câmara.

Veja — *Recentemente, os deputados tiveram aumento da verba de gabinete. Há duas semanas, foi proposto a eles um auxílio-funeral, que foi retirado da pauta devido à polêmica que levantou. A questão salarial dos parlamentares não merece mais transparência?*

Chinaglia — Quando assumi, a estrutura de gastos da Câmara com o salário dos deputados já estava definida e não houve mudança. O ideal é que o teto do salário dos parlamentares seja igual ao dos ministros do Supremo. Não vou entrar na questão de qual deva ser o valor, mas o controle por parte da população seria infinitamente mais eficaz. ■